

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP

JULIANA AYRES PINA TONEL

**VAI TRABALHAR, VAGABUNDO:
UM ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DO TRABALHADOR NO
IMAGINÁRIO BRASILEIRO A PARTIR DO BREQUE DOS APPS**

SÃO PAULO

2023

JULIANA AYRES PINA TONEL

**VAI TRABALHAR, VAGABUNDO:
UM ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DO TRABALHADOR NO
IMAGINÁRIO BRASILEIRO A PARTIR DO BREQUE DOS APPS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista - UNIP, para a obtenção do título de Doutor em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva.

**SÃO PAULO
2023**

FICHA CATALOGRÁFICA

Tonel, Juliana Ayres Pina.

Vai trabalhar, vagabundo: um estudo da representação do trabalhador no imaginário brasileiro a partir do Breque dos *Apps* / Juliana Ayres Pina Tonel. - 2023.

127 f. : il. color. + CD-ROM.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2023.

Área de concentração: Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva.

1. Comunicação. 2. Imaginário. 3. Breque dos *Apps*.
4. Narrativa. 5. Redes sociais. I. Silva, Maurício Ribeiro da. (orientador). II. Título.

JULIANA AYRES PINA TONEL

**VAI TRABALHAR, VAGABUNDO:
UM ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DO TRABALHADOR NO
IMAGINÁRIO BRASILEIRO A PARTIR DO BREQUE DOS APPS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Doutor em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva. Orientador
Universidade Paulista – UNIP

Prof. Dr. Jorge Miklos
Universidade Paulista – UNIP

Prof. Dr. Paolo Demuru
Universidade Paulista – UNIP

Prof. Dr. Márcio Gonçalves
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof. Dr. Rudimar Baldissera
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

A todos os que ousam sonhar um mundo mais justo!!

AGRADECIMENTOS

Esta jornada teve início em agosto de 2020, período pandêmico de isolamento, medos e incertezas. Assim, não vejo outro modo de iniciar este texto se não agradecendo por chegar em agosto de 2023 viva, com saúde, tendo as pessoas próximas e queridas a mim nesta mesma condição, graças a todos os pesquisadores que dedicaram dias e noites buscando desenvolver vacina e/ou medicamento que livrasse o mundo do vírus que nos acometeu.

Nesse período, pude conhecer pessoas incríveis, estreitar laços e contar com o apoio e colaboração de companheiros de longa data. Começo agradecendo ao Bruno, meu grande incentivador, parceiro de todas as horas, que me escutou quando precisava ser ouvida e me empurrou nos momentos necessários com paciência e amor.

À Beatriz, que me disse jamais querer um “trabalho chato igual a esse”, mas que serviu de inspiração e comemorou comigo a cada capítulo concluído, enfrentando com humor, maturidade e independência minha ausência nos períodos de escrita.

Aos meus pais, minha rede de apoio que tanto me incentiva a desbravar caminhos até então desconhecidos por nossa família.

Ao Maurício, não só por todas as portas abertas e pelas valiosas contribuições, mas por estas terem sido feitas em meio a deliciosos almoços com trocas de receitas que terminavam em sorvete, sem dúvida, a jornada se fez mais leve e saborosa por isso.

Ao Jorge, Malena e todos os colegas do grupo Mídia e Imaginário, embora tenha cumprido grande parte dos créditos de forma remota, as aulas e encontros foram momentos de respiro e esperança em meio a um período tão difícil.

À Sandra, minha companheira de artigos, cafés, lamúrias, congressos, videochamadas e aulas, não consigo nem imaginar como seria tudo mais chato e cansativo sem você!

À Patrícia, não só a melhor revisora, mas parceira que comenta, elogia, dá sugestões e uma palavra amiga nos momentos de bloqueio criativo e prazo apertado.

À Chris, à Vera e todos da secretaria do Programa que prontamente atenderam a todas as dúvidas e solicitações.

Ao departamento de Internacionalização Acadêmica da UNIP pela concessão de bolsa.

À Universidade de Salamanca, pela acolhida; e ao Santander Universidades que propicia essa vivência transformadora na vida de tantos estudantes.

Às “mais TOP” pelas aventuras, risadas e aprendizados nada acadêmicos.

Ao Paulo, que mesmo em meio ao turbilhão que atravessamos no âmbito profissional teve sensibilidade e empatia ao olhar para cada um de nossa equipe respeitando nossas condições e priorizando nossa saúde física e mental.

À Cris e Soraya, amigas de longa data que acompanharam toda essa jornada acadêmica desde antes do mestrado.

Ao IFSP, pelo incentivo, afastamento, prorrogação de prazo e autorização de saída do país. Quem dera todos os trabalhadores do Brasil tivessem as mesmas oportunidades que eu.

Por fim, agradeço à CAPES que, aos trancos e barrancos, também sobreviveu e honrou seu compromisso junto aos pesquisadores bolsistas como eu.

“Eu acredito na intuição e na inspiração. A imaginação é mais importante que o conhecimento. O conhecimento é limitado, enquanto a imaginação abraça o mundo inteiro, estimulando o progresso, dando à luz à evolução. Ela é, rigorosamente falando, um fator real na pesquisa científica”.
(Albert Einstein - Sobre religião cósmica e outras opiniões e aforismos, 1931)

RESUMO

O movimento Breque dos Apps, que consiste em paralisações da categoria e ações na internet em prol das reivindicações dos entregadores de aplicativos, teve sua primeira e maior atuação em julho de 2020. Nesse campo de ação, a pesquisa analisou 4 páginas e perfis do Facebook e Instagram, sendo 2 simpatizantes e 2 contrárias ao movimento, a saber: Entregadores Antifascistas, Treta no Trampo, Não Breca meu Trampo e Garfo na Caveira. Por meio de Análise do Conteúdo e da narrativa destas páginas/perfis busca-se encontrar semelhanças e diferenças entre a representação da classe trabalhadora brasileira em períodos anteriores e por diferentes veículos discutindo os resultados, a partir dos estudos do imaginário com Morin (1997) e Carvalho (1990), da teoria das representações sociais com Moscovici (2009), do conceito de cumulatividade cultural com Contrera (2019) e na narrativa com Benjamin (1987, 1989) e Motta (2013). Com esta base, analisa-se o papel da narrativa na reverberação de imagens e representações no imaginário, atuando, mesmo que indiretamente, na formação social e nas relações de trabalho. Dessa forma, observa-se como narrativa histórica e narrativa não ficcional se entrecruzam ao longo do tempo, independentemente do veículo e da linguagem utilizadas, propondo uma nova observação do fenômeno narrativo a partir do imaginário.

Palavras-chave: Comunicação. Imaginário. Breque dos Apps. Narrativa. Redes Sociais.

ABSTRACT

The Breque dos Apps movement consists of paralisations and online actions in support of the demands of app delivery workers and had its first and largest mobilization in July 2020. Based on this movement, the present research analyzed 4 Facebook and Instagram pages and profiles, with 2 in favor and 2 against the movement. They are: Entregadores Antifascistas, Treta no Trampo, Não Breca meu Trampo, and Garfo na caveira. Through content analysis, the representation of the worker was examined based on the narrative found in these pages/profiles, relating it to the representation of the Brazilian working class in previous periods and through different media. The discussion explores the results in light of studies on the imaginary Morin (1997) and Carvalho (1990), social representation theory Moscovici (2009), and the concept of cultural cumulativity Contrera (2019) in narrative Benjamin (1987, 1989), and Motta (2013). Finally, it discusses the reverberations of the Brazilian cultural imaginary and its relationship with the representation of the worker.

Keywords: Communication. Imaginary. Apps Strike. Narrative. Social Media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gravura America de Theodor Gale.....	17
Figura 2 - Publicações dos Entregadores Antifascistas capturadas em 2 jun.2023...	34
Figura 3 - Captura de tela do perfil Entregadores Antifascistas no Instagram.....	35
Figura 4 - Identidade visual do perfil Entregadores Antifascistas e logotipo Ação Antifascista.....	36
Figura 5 - Captura de tela do perfil Entregadores Antifascistas de 23 de março a 28 de maio de 2021.....	38
Figura 6 - Artes ativistas em prol da liberdade de Galo e sua companheira.....	39
Figura 7 - Nova identidade visual do perfil.....	40
Figura 8 - Publicações dos Entregadores Antifascistas.....	41
Figura 9 - Publicações dos Entregadores Antifascistas.....	41
Figura 10 - Primeira postagem no Facebook do Treta no Trampo.....	43
Figura 11 - Facebook da Página Treta no Trampo.....	43
Figura 12 - Ações presenciais da página Treta no Trampo.....	44
Figura 13 - Comparação de publicação do perfil do Instagram Entregadores Antifascistas e do perfil do Instagram Treta no Trampo.....	45
Figura 14 - Itinerário do Breque dos Apps de 01 de julho de 2020 na cidade de SP....	47
Figura 15 - Postagem no Instagram de Treta no Trampo.....	51
Figura 16 - Divulgação do quinto Breque dos Apps.....	51
Figura 17 - Material distribuído no Breque dos Apps de 09/06/23.....	52
Figura 18 - Logotipo da página Não Breca meu Trampo.....	54
Figura 19 - Personagens principais dos vídeos da página Não Breca meu Trampo....	58
Figura 20 - Publicações da página Não Breca Meu Trampo.....	59
Figura 21 - Captura de tela da página do Facebook Não Breca meu Trampo.....	60
Figura 22- Logotipo do perfil Garfo na Caveira e do BOPE.....	61
Figura 23 - Publicação da página Garfo na Caveira.....	62
Figura 24 - Publicações do perfil Garfo na Caveira.....	62
Figura 25 - Publicações do perfil Garfo na Caveira.....	63
Figura 26 - Publicações do perfil Garfo na Caveira.....	63
Figura 27 - Publicações do perfil Garfo na Caveira.....	64
Figura 28 - Aquarela Negros em luta (1820 - 1824).....	80
Figura 29 - Publicações do perfil Garfo na Caveira.....	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Números que representam engajamento dos Entregadores Antifacistas...33

Tabela 2 - Números que representam engajamento dos Treta no Trampo.....42

Tabela 3 - Números que representam engajamento do Não Breca meu Trampo.....54

Tabela 4 - Números que representam engajamento do Garfo na Caveira.....60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I - A PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO.....	20
1.1 O <i>iFood</i>	23
1.2 A relação entre <i>ifood</i> e seus colaboradores.....	25
1.2.1 Com os restaurantes.....	25
1.2.2 Com os entregadores.....	26
1.3 O Breque dos Apps.....	27
1.4 Análise dos Conteúdos.....	28
1.5 Galo de luta.....	30
1.6 Entregadores Antifascistas.....	33
1.7 Treta no Trampo.....	42
1.8 Não Breca meu Trampo.....	54
1.9 Garfo na Caveira.....	60
1.10 As respostas do <i>iFood</i>	64
CAPÍTULO II - BRASILEIROS E VAGABUNDOS.....	68
2.1 Tripalium.....	68
2.2 A representação dos indígenas.....	69
2.3 A representação do preto escravizado.....	75
2.4 A representação dos italianos e dos recém-libertos.....	82
2.5 Os migrantes.....	91
CAPÍTULO III - SOBRE IMAGINÁRIO, IMAGEM E REPRESENTAÇÃO SOCIAL..	97
3.1 A narrativa.....	100
3.2 Novos atores, novos meios, velhas narrativas.....	102
3.3 Assimetria de poder e assimetria narrativa.....	104
3.4 O herói (e o vilão).....	106
3.5 Gente de pouco trabalho.....	109
3.6 Projeção e identificação.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	116

INTRODUÇÃO

Tomo a liberdade de começar este texto em primeira pessoa e em tom autobiográfico para contar como fui atravessada pelo tema desta tese. Para tanto, retorno ao ano de 2018 quando apresentei a dissertação que toma por base os termos pesquisados por Lilia Schwarcz em seu livro, *Retrato em Branco e Negro* (1987), sobre os negros nos jornais de São Paulo, onde encontrei semelhanças em relação ao tratamento dado pela imprensa paulista aos imigrantes italianos do final do século XIX. Tal correspondência indicou um padrão narrativo sobre a classe trabalhadora em que termos como ladrão, indolente, vadio e violento se mostraram correntes no tratamento para com essas pessoas, o que tornava pertinente uma nova pesquisa que aprofundasse a investigação em um destes termos e alargasse o espaço/tempo de pesquisa sob a perspectiva do imaginário.

A definição deste que seria o tema da nova pesquisa se deu numa quinta-feira qualquer do ano de 2021, na zona leste de São Paulo, quando Beatriz, então aos 5 anos de idade, saiu do colégio disparando:

— Mãe, o que é vagabundo? Indígena é vagabundo?

Por ironia do destino a mãe em questão era essa que vos escreve e, no susto e com um pequeno ajuste à faixa etária, me vi ali defendendo a presente tese pela primeira vez. No trajeto para casa, Beatriz foi explicando que, naquele trimestre, sua turma do Infantil 2A estava desenvolvendo um projeto sobre o livro *O curumim*, e que um boneco de Peri, o personagem principal, os acompanhava nas aulas. Com isso, diariamente um dos estudantes era escolhido como o ajudante do dia e ficava encarregado de acordar o curumim que “dormia” na rede para então iniciarem as atividades escolares. Acontece que, alguns garotos, na condição de ajudantes, “despertavam” o pequeno boneco com um sonoro: “Acorda, vagabundo!”

Foi nesse momento que percebi o quanto este estigma está arraigado à sociedade brasileira e também, como já diziam os professores do programa Maurício, Jorge e Malena, não é o pesquisador quem escolhe o tema de pesquisa, mas o tema o escolhe. Assim, por mais que estivesse balizando a escolha do termo por meio de critérios técnicos e estritamente racionais, o “vagabundo”, enquanto tema, irrompeu em meio à minha nada acadêmica rotina, uma casualidade arrebatadora, embora se fizesse presente o tempo todo. No discurso do político, no bate-boca do trânsito, nas arquibancadas dos estádios de futebol, nas redes sociais. O adjetivo desqualificador,

relacionado à ociosidade, à falta de esmero no trabalho, à malandragem e à ilicitude, aparece também em sua versão feminina, a vagabunda, nesse caso, relacionado à promiscuidade, à prostituição, em geral fazendo referência à sexualidade feminina de forma negativa.

É curioso e pertinente como em outros países, que não o Brasil, o termo assume o sentido de andarilho e viajante, já que a etimologia da palavra vagabundo advém do latim *vagare* + *bundus*, ou seja, o vagar em abundância, aquele que anda muito, ou em outra versão que remete à *vagare* + *mundus* aquele que vaga pelo mundo ou ainda *bacca* + *bundus* em referência aos participantes dos bacanais, as festas em honra ao deus romano Baco onde o consumo de vinho era tanto que os foliões saíam vagando sem rumo, com movimentos que remetiam a *unda*, a onda do mar.

Nesse sentido, o vagabundo se assemelha ao poético *flâneur*¹ de Baudelaire a quem Walter Benjamin (1994) se refere como sendo aquele que ainda dispõe de conhecimento e experiência para resistir às demandas do mercado num cenário capitalista pós-Revolução Industrial, em que houve transformação significativa nas estruturas econômicas, sociais e tecnológicas, impulsionadas pela industrialização. A transição da produção manual para a produção em larga escala baseada em máquinas e fábricas, a introdução de máquinas a vapor, a mecanização da agricultura, a expansão do setor de mineração e a criação de infraestruturas como ferrovias e navios a vapor permitiram um aumento sem precedentes na produção e na eficiência. Esse período também foi marcado pelo crescimento das cidades e o surgimento da classe trabalhadora industrial, que migrava do campo para as áreas urbanas em busca de emprego nas fábricas. As condições de trabalho nas fábricas frequentemente eram precárias, com longas jornadas, baixos salários e falta de regulamentação, o que levou ao surgimento de movimentos operários e lutas por melhores condições de trabalho e direitos dos trabalhadores.

Com a consolidação do capitalismo, como sistema econômico dominante, baseado na propriedade privada dos meios de produção, na busca do lucro e na competição de mercado, surgiram grandes empresas e conglomerados industriais que

¹ A figura do *flâneur* aparece pela primeira vez nos poemas de Charles Baudelaire, que versam sobre um modo de vida na Paris do século XIX. Flanar corresponde a vagar pela cidade observando as pessoas, bisbilhotando suas conversas, atendo-se à arquitetura, aos movimentos urbanos sem pressa nem objetivo definido.

exercem grande poder econômico e influência política. Tal sistema socioeconômico vigente moldou profundamente o mundo contemporâneo, estabelecendo as bases para o desenvolvimento econômico, a expansão do comércio global e a criação de desigualdades sociais significativas.

Nesse sentido, Morin (1997, p.13) aponta que, no decorrer do século XX, como consequência do "progresso ininterrupto da técnica" ocorre a "industrialização do espírito", ou seja, a fabricação e comercialização de mercadorias culturais capazes de penetrar no domínio interior do ser. Pode-se dizer que já muito antes disso se produziam textos, pinturas, gravuras com este interesse, porém dada a velocidade, volume de produção e compartilhamento destes produtos, no mundo contemporâneo, torna-se cada vez mais distante alcançar a capacidade heterogênea e polissêmica das imagens endógenas². Isso porque estas novas representações, sejam visuais ou não, perdem o acesso ao arcaico, deixam de interagir com os símbolos e esvaziam-se de sentido ficando à mercê da ideologia dominante vigente. Isso não quer dizer que em nível sócio-histórico não haja intercâmbio, mescla e reatualização destas representações.

A fim de exemplificar como tais representações adentram as camadas mais subjetivas do ser e impulsionam ações, mesmo que de forma inconsciente, abaixo apresenta-se a gravura *America*, de Theodor Galle.

² Hans Belting (2007) propõe o conceito de imagens endógenas para as imagens internas, presentes na mente dos indivíduos, como os sonhos, elucubrações e devaneios.

Figura 1 - Gravura America de Theodor Gale



Fonte: Museu Galileo

Nessa produção de 1580, observa-se Américo Vespúcio despertando América, representada por uma figura feminina deitada em uma rede num local de natureza exuberante e animais exóticos. No sentido de leitura ocidental, da esquerda para a direita, é como se o europeu trouxesse consigo o progresso das grandes naus a vela, a ciência representada pelo astrolábio que carrega, a moralidade e os costumes nas vestes em oposição à nudez de América, a religião expressa na cruz no alto do cajado e em seu estandarte contrapondo o canibalismo na cena retratada ao fundo, e a ociosidade de América. Será possível que elementos desta gravura ecoem na fala do garotinho acordando o curumim na rede mais de 400 anos depois?

Entendendo ideologia enquanto um conjunto de crenças, valores e ideias que orientam e influenciam a forma como as pessoas percebem e interpretam a realidade ao seu redor, bem como suas atitudes e comportamentos em relação a ela, compreende-se que as ideologias atuam em nível social e racional e que as imagens ou o imaginário antevêm a razão e a lógica atuando no nível cultural e dos sentidos, sendo, portanto, o social produto da cultura e não o contrário. Sendo assim, a presente pesquisa se situa nesta camada mais aparente do imaginário, já que investiga a

representação da classe trabalhadora e daquele que resiste aos modelos impostos de trabalho dentro de uma narrativa específica de um evento brasileiro contemporâneo e sua relação com eventos e populações de um tempo histórico anterior e, portanto, delimitado espaço-temporal. Propõe-se a observação do fenômeno não como objeto, mas como processo, já que a hipótese investigada é a de que tais representações se atualizam neste ambiente dinâmico.

Faz-se necessário salientar que a narrativa foi abordada enquanto processo constituinte da realidade, interessando mais a construção de sentido social e cultural do que a composição do *corpus* a partir da linguística. Assim, o caminho epistemológico aqui proposto não é o da narratologia estruturalista da teoria literária de Roland Barthes, Gerard Genette, Umberto Eco, Vladimir Propp, Tzvetan Todorov, dentre tantos outros importantes autores que fizeram contribuições bastante significativas para a área, mas sim o caminho da fenomenologia, buscando compreender os desejos e intenções da situação comunicativa. Propõe-se uma análise contextualizada, partindo do pressuposto que as narrativas “são produtos culturais inseridos em certos contextos históricos, cristalizam as crenças, os valores, as ideologias, a política, a cultura, a sociedade inteira” (MOTTA, 2013, p.121).

Assim, para compreender as novas dinâmicas da narrativa que, por intermédio das tecnologias no mundo contemporâneo, se impõem e nos afetam de diferentes maneiras, por meio das interações presenciais e virtuais, desempenhando um papel fundamental na formação das pessoas, é necessário observar a sociedade atual e a forma como tais conteúdos emergem e cristalizam-se nas redes sociais.

O Capítulo 1 apresenta o movimento Breque dos apps, que consiste em paralisações de entregadores por aplicativos que, resistindo aos desmandos do gerenciamento algorítmico do trabalho, se mobilizam em plena crise sanitária causada pelo covid-19 para pedir direitos básicos como remuneração justa, materiais EPIs para evitar a contaminação e auxílio financeiro caso ficassem doentes. O movimento ganhou visibilidade e apoio de parte da população nas redes sociais a partir das páginas Treta no Trampo e Entregadores Antifascistas. As pautas se alinham às discussões que correm o globo, como a precarização e plataformização do trabalho, mas se agravam nos países da América Latina com seu passado escravista. Em contrapartida, este grupo encontra resistência dentro da própria categoria, em que parte dos entregadores vê como prejudicial a formalização deste tipo de trabalho, o que fez com que as páginas do Facebook Não Breca meu Trampo e o perfil do

Instagram Garfo na Caveira ganhassem rápida ascensão ao acusar os grevistas de não querer trabalhar e de não os deixar trabalhar, dentre outras reclamações, como o preço do combustível automotivo e a falta de vacinas para os entregadores.

É deste “não querer trabalhar” que emerge a representação destes entregadores, elemento-chave para que se possa compreender a construção narrativa acerca da classe trabalhadora no Brasil. Assim, neste capítulo de cunho expositivo-descritivo propõe-se uma análise de conteúdo destas páginas relacionadas ao Breque dos Apps em que, neste primeiro momento, apresenta-se o *corpus* da pesquisa que são as páginas/ perfis de redes sociais Treta no Trampo, Entregadores Antifascistas, Não Breca meu Trampo e Garfo na Caveira.

O segundo capítulo traz a contextualização sócio-histórica resgatando as representações do trabalhador enquanto vagabundo, indolente e preguiçoso do desembarque dos europeus, em 1500, com gravuras e relatos históricos sobre os indígenas que aqui já habitavam. Posteriormente, nos jornais, dos africanos trazidos à força, escravizados, passando pelos imigrantes italianos que nas fazendas de café e nas primeiras indústrias viveram situações análogas à escravidão. Por fim, apresenta a representação do nordestino a partir do sudeste já no contexto da TV à contemporaneidade. Assim, por meio de documentos históricos, extratos de jornais e discursos políticos demonstra a recorrência da representação pejorativa do trabalhador pobre em diferentes períodos históricos, para com grupos distintos, mas que ocupam posição social similar à dos entregadores de aplicativo.

No terceiro e último capítulo, de cunho analítico, busca-se estabelecer uma conexão entre as páginas e perfis de redes sociais Não Breca meu Trampo, Treta no Trampo, Entregadores Antifascistas e Garfo na Caveira apresentadas no primeiro capítulo e os materiais apresentados no segundo capítulo investigando as semelhanças e diferenças das representações do trabalhador enquanto vagabundo, indolente e preguiçoso buscando compreender se estas estão atreladas a uma base narrativa comum que se repete e se atualiza mantendo padrões.

CAPÍTULO I - A PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO

*“Você imagina a tortura que é andar com fome
carregando comida nas costas?”
(entregador de delivery anônimo)*

As transformações ocorridas no mercado de trabalho brasileiro durante a década de noventa refletem um contexto de crise profunda para aqueles que dependem do trabalho como meio de subsistência. Essa crise se caracterizou pelo desemprego em larga escala e de longa duração, redução do emprego formal, flexibilização e precarização dos vínculos empregatícios, além do aumento da informalidade. Estudos realizados nesse período revelaram que essa crise afetou até mesmo os setores que, até então, gozavam de maior proteção em relação às incertezas inerentes ao emprego, como os servidores públicos e os empregados de grandes empresas públicas e privadas. Além disso, os trabalhadores que possuíam atributos tradicionalmente associados a uma menor exposição aos riscos do mercado de trabalho, como homens adultos e aqueles com maior nível de escolaridade, também enfrentaram dificuldades, sofrendo com o desemprego, perda salarial e de benefícios, entre outros impactos.

Nesse cenário desfavorável para os trabalhadores, foi possível identificar grupos que enfrentaram os maiores desafios. Os trabalhadores nos segmentos mais profundamente reestruturados, como os operários da indústria moderna, foram especialmente afetados, sendo muitos deles permanentemente excluídos dos setores mais valorizados do mercado de trabalho (CARDOSO, 2000). Além disso, os trabalhadores que fazem parte da chamada força de trabalho secundária, como os jovens e as mulheres, também sofreram as consequências, especialmente aqueles com baixa escolaridade e sem diplomas mais elevados. Para eles, tornou-se ainda mais difícil obter acesso a empregos socialmente protegidos e muitos acabaram em situação de desemprego declarado ou disfarçado.

A partir de 2004, a economia brasileira começou a apresentar um novo crescimento, após um período de estagnação nos anos anteriores (POCHMANN,

2010, p.215). Esse crescimento foi impulsionado por uma combinação de fatores internos e externos favoráveis. Ao contrário do que ocorreu na década anterior, houve uma correlação positiva entre o crescimento da produção e a geração de empregos, o que levou a um aumento da ocupação no país. Esse movimento, juntamente com a melhora dos rendimentos, especialmente para aqueles próximos ou vinculados ao salário mínimo, deu início a um ciclo de expansão do consumo e da produção. Essa retomada teve impactos positivos na capacidade de criação de novos postos de trabalho na economia brasileira. No entanto, é importante ressaltar que a crise global que se aprofundou no último trimestre de 2008 teve repercussões negativas sobre a economia brasileira, afetando seu desempenho.

Em 2014, a economia brasileira enfrentou uma série de desafios. A queda dos preços das commodities, a crise política interna, a deterioração das contas públicas e a falta de confiança dos investidores levaram a uma desaceleração econômica com queda do PIB, aumento do desemprego e inflação elevada. Neste contexto, a reforma trabalhista aprovada em 2017 abriu espaço para a contratação do trabalhador como autônomo, sem vínculos com a empresa empregadora e sem direitos trabalhistas, o que se chamou de “pejotização do trabalho” (BRASIL, 2017). Soma-se a esse fato, desde 2015, uma crescente no desemprego em todas as áreas e o surgimento de aplicativos de serviços baseados na economia compartilhada em escala global (BRASIL..., 2023).

Sandra Maia aponta que:

O compartilhamento se desenha a partir de um discurso voltado à solidariedade e à generosidade, que conecta muitos em torno de novas soluções de serviços (...). Nesse modelo, alteram-se as relações, a produção e o consumo, o que abre espaço para que mercados surjam de forma remodelada, inesperada e com potencial para crescimento exponencial e instantâneo. (MAIA, 2018, p.23).

Tal flexibilidade, no entanto, abre espaço para a terceirização e a informalidade impulsionados por contratações do tipo *on demand*, em que o profissional é contratado por hora ou por serviço prestado a partir de plataformas digitais das mais variadas. Nelas, contrata-se de aulas de idiomas e ioga à faxina, manutenção residencial, cuidado de idosos, passeios com o animal de estimação, advogados, cozinheiras e diversas coisas mais. Tais profissionais ficam “à disposição” do próximo cliente e nesse entretempo nada ganham, cabendo a estes arcar com capacitações e aprimoramentos, férias e licenças médicas. Se, por um lado, garante autonomia e

sensação de liberdade; por outro, corrói grande parte dos direitos trabalhistas conquistados a partir de muitas lutas.

No caso de motoristas e entregadores por aplicativo cabem ainda os gastos de aluguel ou manutenção dos veículos, enquanto as empresas lucram sobre os ganhos de quem presta o serviço e os gastos de quem o contrata ao disponibilizar a ponte de contato e, muitas vezes, de pagamento entre ambos.

Plataformas como Uber e *Ifood* se valem do uso da inteligência artificial e da ciência de dados, potentes ferramentas utilizadas para a tomada de decisões, tendo por base as métricas e números que direcionam os algoritmos em prol do melhor funcionamento do aplicativo reduzindo riscos e custos para as empresas. Um algoritmo é um “conjunto de regras que, aplicadas sistematicamente a alguns dados de entrada apropriados, resolvem um problema em um número finito de passos elementares” (FANJUL, 2018).

O algoritmo é um passo a passo para resolver um problema, passo a passo esse que é ensinado às máquinas. “Em suma, o trabalho dos programadores de computador consiste em traduzir os problemas do mundo para uma linguagem que uma máquina possa entender” (FUNZEL, 2018). E como as máquinas estão muito mais robustas e aptas a fazer milhões de cálculos cada vez mais complexos, os algoritmos têm sido usados para conhecer os gostos e atividades dos usuários modificando automaticamente os preços de livros a passagens aéreas, prevendo o resultado de eleições, selecionando quais notícias gostaríamos de ler, aproximando pessoas potencialmente propensas a se apaixonar e, é claro, estão presentes também nas relações de trabalho e, em especial, nas empresas-aplicativo que atuam sob uma linha muito tênue da relação empregador e empregado.

Estes aplicativos mencionados coletam dados dos entregadores e motoristas (SCHAVELZON, 2020), o que lhes dá informações sobre onde cada um deles está, quanto tempo ficam em cada lugar, quanto tempo demoram em cada trajeto, quanto tempo passam “logados” no aplicativo, quanto recebem, dentre tantas outras informações. De posse destes dados o sistema é programado para pontuar aqueles que passem mais tempo no aplicativo, que sejam mais rápidos, que não cancelem as chamadas, estimulando-os (programando-os?) a trabalhar de forma que potencializem os ganhos da empresa. Os algoritmos, por georreferência, também analisam quantos entregadores ou motoristas estão em determinada região, e caso julguem excesso numa área em detrimento de outra, colocam chamadas “fantasmas”

que são canceladas “pelo cliente ou pelo restaurante” quando estes já estão a caminho a fim de redistribuí-los.

1.1 O *iFood*

O *iFood* é uma empresa brasileira líder na América Latina no serviço de *delivery* de alimentos que começou em 2011 como um guia impresso de cardápios e uma central telefônica para agendamento de pedidos. Em 2012, o *iFood* iniciou sua atuação *online* e conseguiu a atenção e o dinheiro de grandes investidores, o que possibilitou a compra de muitos concorrentes e a fusão com outras empresas, isso fez com que expandisse o negócio em frentes diferentes oferecendo serviços para o público em geral, como os diversos restaurantes e seus pratos de comida e as compras de mercado, além de uma loja *online*, onde os restaurantes podem comprar de ingredientes a embalagens, além de serviços como o vale-refeição e o reembolso corporativo.

Essas ações fizeram com que, em março de 2020, o *iFood* atingisse as marcas de mais de um milhão e meio de *downloads* e mais de 39 milhões de pedidos por mês, mais de 400 mil entregadores parceiros e mais de 236 mil restaurantes ativos na plataforma (IFOOD NEWS, 2023). Esses números refletem em grande parte os hábitos desenvolvidos em meio à pandemia que acelerou o consumo dos mais variados itens via internet e por *delivery*, mas também indicam estar ligados à aquisição da *startup* Hekima, comprada pelo *iFood* em janeiro de 2020 e especializada em inteligência artificial, ciência de dados e *big data* sediada em Belo Horizonte. São 100 profissionais incorporados ao quadro do *iFood* atuando com o uso de dados e inteligência artificial para tomadas de decisão, com a missão de capacitar, ao menos, outros 2.300 funcionários, somente em 2020, para pesquisa e desenvolvimento em *Machine Learning*, *Deep Learning* e ciências comportamentais para melhorar a experiência do consumidor e eficiência de entrega. Com essa aquisição, a empresa já conta com a maior equipe de inteligência artificial da América Latina.

Também em 2020, a empresa lançou dois testes de novos serviços: o aluguel de bicicletas para entregadores e a entrega por drones. No primeiro, em parceria com a *startup* de mobilidade TemBici, os entregadores podem locar bicicletas elétricas ou motorizadas que lhes dá acesso a um ponto de apoio com área para descanso, banheiro, micro-ondas, água, tomadas para recarregar o celular e a bicicleta, além de

treinamento *online* com conteúdo formativo e de conscientização. Em caráter experimental, o serviço conta com 500 bicicletas e um ponto de apoio localizado no bairro de Pinheiros, na cidade de São Paulo, chamado de “iFood Pedal Support Point”. A ideia é gradativamente expandir o projeto atendendo à demanda jurídica que surgiu em diversos estados do país com projetos de lei obrigando as empresas a fornecerem pontos de apoio aos entregadores³. O segundo serviço em teste é a entrega por drones que iniciou as atividades em setembro de 2020, após aprovação da Agência Nacional de Aviação, autorização até então inédita no Brasil. Os testes iniciais se dão em uma rota de 400 metros, entre a praça de alimentação do shopping Iguatemi Campinas e um *iFood hub* já existente na cidade, a intenção é diminuir o tempo de espera e de deslocamento dos entregadores no shopping. O trajeto que antes demorava, em média, 12 minutos percorrido a pé levará 2 minutos operado por drone, e a partir do *iFood hub* o entregador faz o restante do percurso.

Por conta disso, a empresa se vê para além de uma empresa de *delivery* e se denomina uma *foodtech*, pois “usa a tecnologia para criar as melhores soluções no universo da alimentação desenvolvendo formas mais inteligentes de produzir, vender e levar os pratos até a sua mesa”, diz ainda que sua missão é “aproximar clientes, restaurantes e entregadores de forma simples e prática e proporcionar uma experiência incrível a cada um deles” (IFOOD, 2023).

Essa sutil insistência em mostrar algo para além de uma empresa de *delivery* pode indicar relação com as ações que vêm acumulando na justiça pelo país afora. Em 6 de abril de 2020, o *iFood* conseguiu suspender liminar impetrada pelo Ministério Público de São Paulo, que obrigava a empresa a pagar um salário mínimo aos entregadores que fazem parte do grupo de risco. Em junho, o promotor de Justiça Ezequiel Borges de Campos, do Ministério Público de Mato Grosso (MPE), instaurou inquérito para investigar denúncia de que os aplicativos *Uber Eats* e *Ifood* cadastram estabelecimentos que funcionam unicamente pelo *delivery* e não possuem os alvarás obrigatórios para funcionamento, como de localização, licença sanitária, ambiental e responsável técnico. Também em junho de 2020, o aplicativo *iFood* recebeu multa de

³ Acesso a alguns dos projetos de lei que dispõem sobre pontos de apoio aos entregadores de *delivery* em diversos locais do Brasil. Distrito Federal. Disponíveis em: <https://legislacao.cl.df.gov.br/Legislacao/consultaProposicao-1!937!2020!visualizar.action>. Curitiba: https://memoria.cmc.pr.gov.br/wspl/relatorios/ProposicaoReport.do?select_action=&pro_id=428299 Amazonas: https://sapl.al.am.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2020/146566/122779-5-10_552.pdf. Acesso em: 22 dez.2020.

R\$2,5 milhões por fraudes na cobrança de taxas pelos entregadores, além de cláusulas abusivas no contrato com clientes, por exemplo, “não se responsabiliza pela prestação do serviço contratado pelo consumidor” e “não se responsabiliza pelo vazamento de dados dos usuários” (PROCON..., 2020).

1.2 A relação entre *ifood* e seus colaboradores

1.2.1 Com os restaurantes

De acordo com uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (ABRASEL, 2020), entre 05 e 12/06/2020, 80% dos empresários que trabalham com opção de *delivery* relatam insatisfação em relação às taxas cobradas pelos aplicativos que variam em torno de 15 a 30% do total do pedido. Reclamam também da retirada do estabelecimento do aplicativo em horários de grande movimento, o que impede o cliente de realizar a compra. Por conta deste problema, alegaram ter significativo déficit no faturamento em datas comemorativas como dia das Mães e dia dos Namorados, além de problemas com o suporte *online* e com os entregadores.

Tais entraves fizeram com que algumas grandes redes de restaurantes partissem para o desenvolvimento de seus próprios aplicativos de entrega e para a contratação de entregadores, a fim de não pagar a alta taxa cobrada pelas plataformas de *delivery* (CARDOSO; TONDO, 2020). Também pretendem com isso melhorar a experiência do cliente, garantindo a qualidade no atendimento e na entrega do alimento, além de ter posse dos dados destes usuários, conhecendo quem são, quanto gastam e quais seus hábitos de consumo, visando à fidelização e valorização da marca. Já os pequenos estabelecimentos se veem reféns das taxas e promoções abusivas do aplicativo, pois ao se cadastrarem na plataforma, mais do que o serviço de entrega, buscam a visibilidade e o alcance que o aplicativo proporciona sem um alto investimento em publicidade. Porém, constantemente, o aplicativo oferece aos usuários promoções do tipo “compre um lanche e ganhe outro” e cupons de R\$10 de desconto que somados aos R\$130 mensais pagos pelos restaurantes mais a taxa que varia de 12%, para os que possuem entrega própria, a 27%, para os que utilizam o sistema de entrega da plataforma, o que tornam as vendas insustentáveis.

Os estabelecimentos podem optar por não aderir às promoções, mas relatam que, nesse caso, aparecem como fechados ou indisponíveis na região ou ainda que sua posição no sistema de buscas despenca, o que faz com que não recebam mais pedidos, forçando-os a entrar nas campanhas propostas pela empresa.

Há ainda política de incentivo e premiação chamada “Super Restaurante”, em que o *iFood* oferece alguns benefícios extras para restaurantes vinculados, como descontos no *Google Ads*, fotos profissionais, *bag* e mochila para entregador, *notebook*, destaque na posição da lista de restaurantes, propaganda e certificado de desempenho para o restaurante que possuir uma boa avaliação dos clientes, um baixo percentual de cancelamentos e atrasos e determinada quantidade de pedidos atendidos que correspondam a 600 pedidos em 90 dias. Já o “Loop”, uma ação em que o usuário programa a compra de seu almoço na véspera ou até as 11h do mesmo dia, o *iFood* faz acordo com restaurantes “a quilo” e encomenda a quantidade a ser entregue com base na demanda já agendada. A primeira refeição é vendida a R\$4,99 com entrega grátis e as demais a R\$10,99 também com entrega grátis⁴. Célio Salles, membro do conselho de administração nacional da Abrasel, em entrevista à BBC Brasil diz que a prática indica *dumping* (prática de colocar um produto com valor muito abaixo do mercado), o que gera um desequilíbrio no mercado e causa ainda maior insatisfação dos donos e empregados de restaurantes (MADUREIRA, 2020).

1.2.2 Com os entregadores

Para trabalhar com as entregas no *iFood* há duas possibilidades de adesão por parte dos entregadores: os independentes, chamados pelos entregadores de “nuvem”, e os entregadores “OL” de operador logístico. O primeiro caso é aquele em que a pessoa, após envio do cadastro e aprovação da empresa, liga o aplicativo quando está interessada em realizar entregas, faz quantos serviços desejar e desliga quando achar necessário, os entregadores desta categoria reclamam que recebem menos pedidos ou pedidos menos rentáveis, pois, supostamente, o aplicativo os aciona apenas quando não há entregador “OL” disponível.

Os entregadores “OL” devem estar ligados a uma empresa, cujos gerentes são chamados de “líderes de praça”, esta é subcontratada pelo *iFood* e gerencia uma frota de entregadores fixos. Neste modelo, os entregadores devem cumprir seis dias de

⁴ Valores observados em dezembro de 2020.

trabalho por semana, com folga em dia determinado pela empresa, e jornadas de até 14 horas com dois intervalos de 20 minutos. A contratação destes entregadores é totalmente informal, não há qualquer obrigação trabalhista por parte dessas empresas contratadas, tampouco dos aplicativos, que também não cobrem custos como manutenção ou aluguel das motocicletas e bicicletas, combustível ou seguro dos veículos. Nesse caso, diferente do “entregador nuvem”, não é o aplicativo que faz o pagamento, todas as corridas do entregador vão para a empresa que repassa os valores aos contratados e que detém o direito de suspender ou bloquear o entregador caso ele recuse uma corrida, chegue atrasado ou não apareça para trabalhar.

Estas empresas terceirizadas de entregadores “OL” garantem ao aplicativo entregadores na rua mesmo em dias de chuva ou manifestação, além de ser “um complicador e um obstáculo no processo judicial, pois as empresas de aplicativos podem alegar que não têm vínculo com os entregadores porque elas são apenas intermediárias. Esse vínculo seria com as terceirizadas”, conforme fala do procurador do Ministério Público do Trabalho e professor do curso de direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rodrigo Carelli (MACHADO, 2020).

1.3 O Breque dos Apps

Com a pandemia de covid-19 a situação dos entregadores de aplicativo agravou-se ainda mais. Se até então eram “invisíveis” para a sociedade, tornaram-se essenciais, expostos ao vírus, nas ruas, fazendo entregas de alimentos, medicamentos, documentos, entre diversos outros itens. Além disso, o número de novos desempregados ou trabalhadores que tiveram parte do pagamento suspenso fez com que mais pessoas aderissem às entregas, e os valores pagos pelas empresas-aplicativo diminuíram ainda mais. Assim, insatisfeitos com o valor recebido das taxas de entrega, a falta de auxílio para alimentação, os bloqueios indevidos dos aplicativos e o não fornecimento de materiais EPIs, fizeram com que os entregadores de *delivery* realizassem sua primeira paralisação no dia 01 de julho de 2020.

O movimento, nomeado Breque dos Apps, teve repercussão nacional e internacional, com participações na Argentina, Paraguai e Uruguai, e foi organizado via redes sociais onde foram divulgadas as ações a serem desempenhadas pelos manifestantes como bloqueios em shoppings, supermercados e restaurantes, como forma de convencer os entregadores que estivessem trabalhando a aderir à

paralisação. Também via Facebook e Instagram convocaram a população a apoiar o movimento a partir do que chamaram de “vomitação”, que consistia em deixar de seguir as páginas e perfis dos aplicativos de *delivery*, não fazer pedidos por essas plataformas no dia da paralisação, fazer comentários negativos e baixas avaliações nas redes sociais destes aplicativos, além de comparar a taxa de entrega paga pelo cliente com o valor recebido pelo entregador compartilhando o resultado nas redes sociais acompanhado da *hashtag* #brequedosapps.

Tais ações trouxeram resultados e no dia da paralisação, de acordo com levantamento feito pelo jornal O Globo pelo site de avaliação e análise de classificação de aplicativos Appbot, os aplicativos Uber Eats, iFood, Rappi, Loggi e James receberam nas duas principais lojas de aplicativos para IOS e Android 50 mil avaliações, sendo destas 96% de uma estrela e 600 mil tuítes em 24 horas usando #brequedosapps (OLIVEIRA, 2020). A hashtag ficou em primeiro nos *trend topics* do Twitter acompanhada de #grevedosapps em segundo e #grevedosentregadores em quinto, o que demonstra o apoio de parte da população. O apoio e a visibilidade alçadas pelas entrevistas e matérias jornalísticas publicadas sobre a manifestação do dia 01 de julho de 2020 fizeram com que os entregadores logo se mobilizassem para um novo ato no dia 25 do mesmo mês.

As estratégias de divulgação e paralisação foram as mesmas, profissionais de outras áreas, como professores e médicos, se solidarizaram e também se juntaram aos entregadores para protestar contra a precarização do trabalho. Além destes, políticos amplamente conhecidos na política nacional como Ciro Gomes (PDT), Sâmia Bonfim (PSOL), Guilherme Boulos (PSOL), Manuela D’Ávila (PCdoB) e Tabata Amaral (PDT) declararam apoio às causas dos entregadores.

Porém, mesmo com outras categorias aderindo aos protestos, o número de manifestantes foi inferior à paralisação anterior. Assim, o que se propõe a seguir é a descrição e observação das principais páginas e perfis relacionados ao Breque dos Apps para posterior análise das narrativas criadas e disseminadas nas redes, a fim de compreender como estas contribuíram para a adesão ou oposição ao movimento.

1.4 Análise dos Conteúdos

A análise de conteúdo é um método bastante utilizado na pesquisa científica para analisar dados qualitativos, abrangendo a sistematização e interpretação de

conteúdos de diversas naturezas, como verbais, visuais e escritos. Devido à sua alta flexibilidade e capacidade de se adaptar às necessidades dos pesquisadores, a análise de conteúdo abrange diversas áreas, como educação física, enfermagem, saúde coletiva, administração, comunicação, psicologia, entre outras.

É um método sistemático e objetivo que visa extrair significado e compreender as mensagens e informações presentes no material analisado. O principal objetivo da análise de conteúdo é identificar padrões, temas, tendências, opiniões, ideias ou qualquer outro aspecto relevante contido no conteúdo analisado.

De acordo com Bardin (2000), a análise de conteúdo surgiu do desejo de rigor e da necessidade de ir além da aparência na descoberta de significados. Tal autora não define este tipo de análise como um método em si, mas “um conjunto de instrumentos metodológicos” (BARDIN, 2000, p.9). Essa técnica tem sido utilizada há mais de 200 anos, inicialmente para analisar textos de artigos de jornais e revistas, propagandas, discursos políticos, hinos, histórias folclóricas e enigmas. Nos dias atuais, avanços tecnológicos têm proporcionado meios eficientes para a realização de análises mais aprofundadas e abrangentes de grandes volumes de dados. Técnicas de pesquisa, como a gravação de entrevistas e discussões em grupo, têm contribuído para a geração desses dados (HARWOOD; GARRY, 2003).

Bardin (2000, p.38) diz que a análise de conteúdo desempenha duas funções, que podem ser independentes ou complementares. A primeira é a função heurística, que envolve a descoberta e a exploração de informações, e a segunda é a função de prova, que consiste na verificação de hipóteses. Nesta tese, a ênfase é dada à função heurística, ou seja, explorando os conteúdos dispostos nas páginas e perfis de redes sociais, enquanto figuras, textos, vídeos e comentários.

Para tanto, Bardin (2000, p. 95-102) elenca três etapas de desenvolvimento: (1) pré-análise, (2) exploração do material, (3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na pré-análise faz-se uma leitura flutuante, um primeiro contato com o material a ser analisado, e estabelece-se os indicadores e elementos a serem analisados. Nesta fase, determinou-se que as páginas e perfis seriam: Entregadores Antifascistas, Treta no Trampo, Não Breca meu Trampo e Garfo na Caveira, no Instagram e Facebook, pois das páginas e perfis relacionados ao Breque dos Apps, estes eram os que tinham maior número de seguidores e/ou maior número de postagens. Na segunda fase, apresentam-se os conteúdos que, de fato, compõem estas páginas e perfis; e na terceira etapa, cabem as inferências e interpretações, a

partir do que foi apresentado anteriormente que, no caso, é a identificação das narrativas, seus atores e desdobramentos realizada parte neste primeiro capítulo e parte no capítulo 3.

Antes de adentrar a apresentação dos conteúdos, trazemos um breve histórico de Paulo Lima, entregador que ganhou destaque por ter se colocado não como porta-voz ou líder do movimento, mas como ativista pelos direitos dos trabalhadores por aplicativo, integrante e fundador do movimento Entregadores Antifascistas e do coletivo Revolução Periférica.

1.5 Galo de luta

Paulo Lima, paulistano do Jardim Guaraú, nascido em 1989, ganhou o apelido de “Galo” ao usar uma motocicleta esportiva modelo CBX 750F, conhecida no Brasil como “sete Galo”. Começou a fazer entregas em 2012 e parou após dois acidentes de trabalho, foi floricultor, instalador de internet, vendedor ambulante e ajudante de supermercado. Voltou a fazer entregas em 2019 quando, desempregado, descobriu que seria pai. Encontrou um cenário onde as empresas-aplicativo fazem a mediação cliente, restaurante e entregador, em que este último se encontra de forma totalmente autônoma, ou seja, sem nenhum vínculo empregatício com a empresa.

Galo logo percebeu as nuances e vieses que envolviam sua nova condição de trabalho, pois graças ao *hip hop* teve acesso a uma formação crítica, forjada em sua experiência de vida e na cultura da periferia paulistana. Aos 10 anos de idade, perguntou ao rapper e educador Dugueto Shabazz: “mano, como faz para ser rapper?”, e a resposta foi: “para ser rapper, tem que ler” (LIMA, 2020). Assim, começou uma troca. A cada livro lido, Galo escreveria uma letra de *rap* sobre o que havia entendido e refletido. “Negras Raízes” (1976), de Alex Haley, “As Veias Abertas da América Latina”, de Eduardo Galeano, biografia de Malcom X, George Orwell e diversos outros títulos e autores que fizeram de Galo um intelectual orgânico.⁵

Assim, logo no início da disseminação do vírus SARS-CoV 2 no Brasil e das recomendações de isolamento social e proteção com máscara e uso de álcool em gel, Galo denunciou a falta de respaldo das empresas-aplicativo para com os

⁵ O sociólogo brasileiro Tiaraju Pablo D'Andrea, a partir do conceito de Antonio Gramsci, considera pensadores periféricos que não tiveram formação acadêmica, mas que discutem e disseminam questões de classe, gênero e raça entre os mais pobres como intelectuais orgânicos, a exemplo dos Racionais MC's. (D'ANDREA, 2022, p.59, p.190-191).

entregadores. No dia 21 de março de 2020, coincidentemente seu aniversário, saiu para trabalhar e um dos pneus de sua moto furou, impedindo-o de realizar a entrega. E ao entrar em contato com o suporte do aplicativo foi orientado a cancelar a entrega e, posteriormente, foi penalizado por isso. “Meio revoltado com tudo” (LIMA, 2020), na rua mesmo, Galo gravou um vídeo pelo celular expondo a situação e seu descontentamento com as empresas-aplicativo. Postou em seu perfil pessoal do Twitter (GALO DE LUTA, 2020) e em alguns grupos de *WhatsApp* dos entregadores, em seguida criou um abaixo-assinado cobrando kit higiene e comida para os entregadores. Em pouco tempo, conseguiu mais de meio milhão de assinaturas, sendo mais aceito entre os entregadores ciclistas do que entre os motociclistas. As ideias e conversas sobre organizar uma manifestação começaram a tomar corpo.

Os caras queriam fechar a Paulista com 20 entregadores só, a gente ia tomar borrachada e acabar sendo preso. Aí falei: 'não, rapaziada, assim não dá'. Tem que ser de outra forma. Tem que aprender a fazer as coisas antes de fazer de fato. Foi ali que nasceu esse movimento. Porque aí que eu convidei os caras para ir até a manifestação de domingo, para a gente observar e aprender junto como se constrói um ato junto com a galera do movimento negro para, quem sabe, um dia, a gente ter um ato grandão só nosso para falar das nossas pautas. (LIMA, 2020).

Em 7 de junho de 2020, junto a outros 10 entregadores, Galo foi ao Largo da Batata em São Paulo nos protestos antifascistas e antirracistas desencadeados pela morte do norte-americano George Floyd, que ganhou grande mobilização nas redes sociais com a hashtag “*blacklivesmatter*”.⁶ Na ocasião, percebeu que seria um bom momento para atingir outros entregadores e fazer o grupo crescer: “Eu tenho que aproveitar que tem um monte de câmera aqui para mandar um papo forte para conquistar os entregadores que estão pelo Brasil” (LIMA, 2020). Se posicionou à frente de seus colegas e ali fez um discurso claro, rápido e direto que foi gravado e disponibilizado pela equipe do *The Intercept Brasil*, veículo de notícias:

Então você, companheiro entregador, que está espalhado pelo Brasil e tem o sentimento antifascista no coração, assim como eu tenho, assim como esses corações aqui têm também. A gente precisa de vocês, companheiros! Ninguém aqui é empreendedor de porra nenhuma! Nós é força de trabalho nessa porra! Nós precisa de você, irmão! Então, onde você estiver procure os entregadores antifascistas. Esse número, ‘ó’, era só eu! Agora olha o tanto que tem, companheiro!

⁶ Sobre o assassinato de George Floyd ler “George Floyd: um ano do levante global que entrou para história da luta antirracista”. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/25/george-floyd-um-ano-do-levante-global-que-entrou-para-historia-da-luta-antirracista>. Acesso em: 25 abr.2023.

Certo? Precisa de mais! Precisa de mais! Precisa de muito mais!
(LIMA, 2020).

O vídeo viralizou nas redes sociais, e Galo nos dias seguintes passou a dar entrevistas e estampar notícias nos principais veículos de comunicação do país, canais de entrevista no *Youtube* e *podcasts*, tornando-se porta-voz de parte da categoria. Com os adeptos de suas ideias criou o grupo Entregadores Antifascistas e o coletivo Revolução Periférica (D'ANDREA, 2022).

O Revolução Periférica surgiu em 2021 com o objetivo de conscientizar a periferia sobre os eventos históricos e políticos do ponto de vista dos mais pobres, buscando incentivar o debate a partir de intervenções urbanas e artísticas. Uma dessas ações foi o incêndio da estátua do bandeirante Borba Gato, situada em Santo Amaro, bairro da zona sul de São Paulo.

Em 21 de julho de 2021, o grupo ateou fogo em pneus em volta da obra de 13 metros de altura do escultor Júlio Guerra com a intenção de debater o papel dos bandeirantes no genocídio de populações indígenas e negras e, em seguida, estendeu faixa onde se lia “Revolução periférica □ a favela vai descer e não vai ser carnaval”. Ao assumir a autoria do ato, Paulo Galo e Danilo “Biu” apresentaram-se na 11ª delegacia de polícia do município. Danilo foi liberado e Galo permaneceu preso por 14 dias, sua esposa Gessica de Paula da Silva Barbosa também teve prisão decretada, onde permaneceu por 4 dias, na ocasião, a polícia militar realizou busca e apreensão na casa do casal (JUSTIÇA...,2021). Dois dias após a ação, o então prefeito Ricardo Nunes disse que a estátua não sofreu danos estruturais e anunciou que um empresário, que preferia manter o anonimato, se dispôs a pagar a restauração da obra (HENRIQUE, 2021).

Em março de 2023, Galo denunciou ter sido torturado por policiais em 15 de fevereiro do mesmo ano na região oeste da cidade. Em seu perfil pessoal no Instagram publicou fotos das lesões nos braços, boca e mão. Em vídeo, contou como ocorreu a abordagem e as agressões: “Ocorreram das seis da manhã até o meio-dia. Então me torturavam, me batiam, me queimavam e diziam: faz o L. Você não gosta de queimar as coisas?” (GALO DE LUTA OFICIAL, 2023). O entregador continua ativo nas redes sociais, mas desde então não foram registradas novas ações do coletivo Revolução Periférica nem manifestações dos Entregadores Antifascistas.

1.6 Entregadores Antifascistas

Em entrevista, em 2022, Paulo Galo diz que o grupo é pequeno, com 30 participantes em média. Também expõe que as intenções do grupo são “formar entregadores pensadores” e lutar por democracia, pois “não dá para gritar fome, se não tenho o direito de gritar” (UCHÔA *et al.*, 2020). São, portanto, entregadores de aplicativos que transformam sua luta em uma ação de conscientização contra a exploração do trabalho pelo capital e, com isso, recebem um apoio significativo de parte da sociedade, interagindo com personalidades, influenciadores, grupos militantes, partidos e organizações da esquerda socialista, anarquista e outros que se identificam com ideais progressistas e democráticos.

Os Entregadores Antifascistas possuem página no Facebook e perfil no Instagram com os seguintes números:

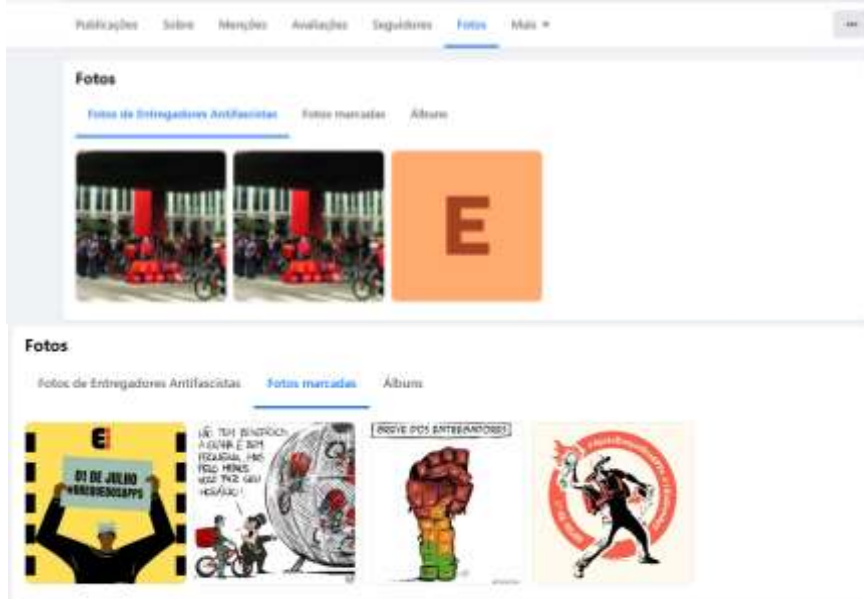
Tabela 1 - Números que representam engajamento dos Entregadores Antifascistas

Rede Social	Início da página ou perfil	Número de seguidores	Número de Publicações	Última publicação
Facebook	08/06/2020	571	3	09/09/2022
Instagram	06/04/2020	55,4 mil	753	04/04/2022

Fonte: Elaborado pela autora

No Facebook a atuação é praticamente nula, apenas 3 publicações das quais uma se repete. A mesma fotografia, sem legenda, sem autoria, com baixo engajamento e interação. No mais, são 10 menções e 4 marcações com conteúdos relacionados ao Breque dos Apps, outros movimentos sociais e condição de trabalho dos entregadores, conforme vemos na figura abaixo.

Figura 2 - Publicações dos Entregadores Antifascistas capturadas em 2 jun.2023



Fonte: Facebook

Já no Instagram, o perfil se mostrou bem mais ativo. As primeiras postagens são matérias do jornal da Record falando sobre a situação dos entregadores por aplicativo com entrevista do Galo e um episódio de “Greg News”, do Gregório Duvivier, sobre delivery. A terceira publicação é o vídeo em que Galo faz a denúncia contra as empresas-aplicativo já mencionado na parte 1.6 desta tese, este conteúdo recebe 13.000 curtidas frente às 1.900 das publicações anteriores.

Seguem algumas postagens de divulgação do documentário Pandelivery e, em 03 de junho de 2020, Galo convoca outros entregadores e demais interessados a participarem das manifestações antifascistas que ocorriam por todo país (PIRES; MAGRI, 2020). As publicações seguintes são referentes aos registros e apoios à manifestação. Em 12 e 14 de junho do mesmo ano, o perfil divulga a paralisação de primeiro de julho, primeiramente enquanto greve nacional dos entregadores de app e depois como Breque dos Apps.

O perfil, que até então era direcionado aos entregadores, nesta publicação sobre o Breque dos Apps, direciona aos usuários do aplicativo um passo a passo para apoiar a causa.

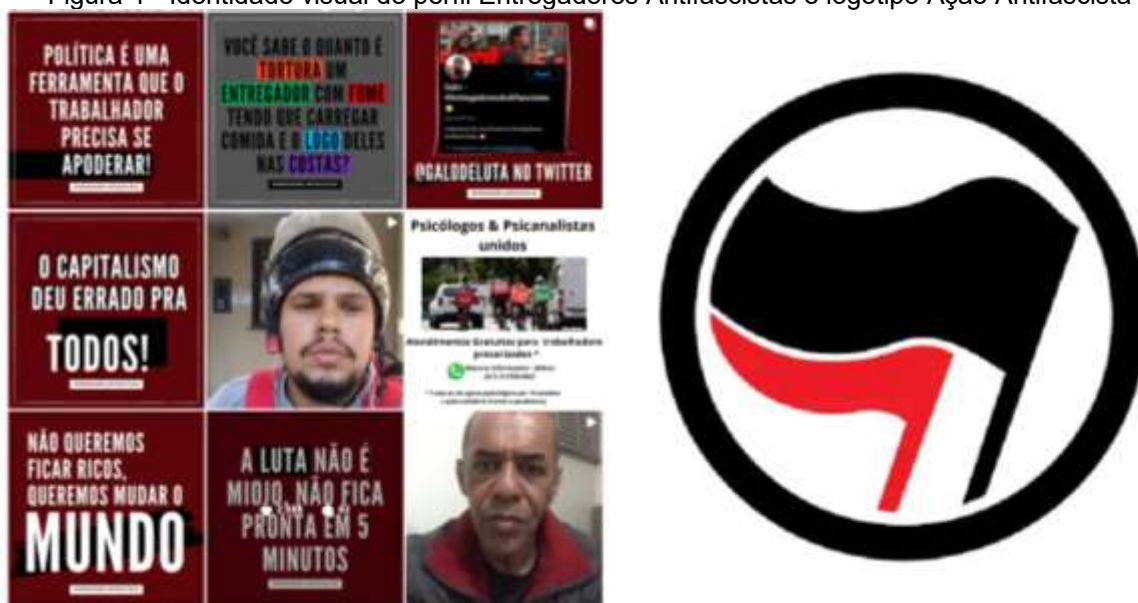
Figura 3 - Captura de tela do perfil Entregadores Antifascistas no Instagram



Fonte: Instagram

Em 22 de junho de 2020, Galo publica vídeo em resposta à matéria do portal G1 explicando que a greve é um movimento apartidário, congrega a pauta de entregadores de diversas orientações políticas diferentemente dos entregadores antifascistas que, estes sim, seriam contra o então presidente da república Jair Messias Bolsonaro. Neste mesmo período, o perfil passa a apresentar uma identidade visual mais coesa, com cores que fazem referência ao logotipo da Ação Antifascista, organização afiliada ao Partido Comunista Alemão, criado em 1932, por Max Ghebard e Max Kheilson, artistas gráficos ligados a Bauhaus (FIORATTI, 2020). A cor preta faz referência ao anarquismo e o vermelho ao socialismo, e o comunismo e o logotipo foram vistos em muitas variações nas redes sociais como “professores antifascistas”, “mães antifascistas”, “maconheiros antifascistas”, dentre muitos outros (USUÁRIOS...,2020).

Figura 4 - Identidade visual do perfil Entregadores Antifascistas e logotipo Ação Antifascista



Fonte: Instagram e Silva (2023)

Em 29 de junho de 2020, é postado um vídeo de Galo mais uma vez dissociando a paralisação de ideais políticos e, portanto, dos entregadores antifascistas que passam a assumir essa posição política. Críticas e reclamações começam a aparecer nos comentários, tanto da parte dos que querem que o grupo não se envolva com política quanto daqueles que acham que a greve deve ter posicionamento político: “VTNC, virou um movimento político essa porra”, “Você não representa os motoboys, antifascista é meu pau, sai fora oportunista”, “Vc não é bem da cabeça... Tá igual sua tia Dilma falando de nada com nada... Não me representa...”, “Quanto equívoco. Não há luta por direitos fora da política. Esse menino precisa conhecer melhor a vida, sô!”, “Greve é ato político, camarada. E tem lado! Sua profissão proliferou após o golpe num governo de esquerda com perda de empregos e direitos e mais perdas nesse governo atual. Desperte!”.

Após a manifestação de primeiro de julho de 2020, o perfil divulga várias ações de organização e solidariedade junto a outros movimentos e categorias como a doação de cestas básicas pelo MST, cadastro de solidariedade para os entregadores que sofreram acidente e precisam de ajuda e um fundo de manutenção e apoio ao movimento. Segue, então, com publicações de divulgação da segunda paralisação, no dia 25 do mesmo mês e, posteriormente, vídeos e fotos das manifestações país afora.

Em 05 de agosto do mesmo ano, o perfil divulga a aprovação do projeto de Lei n. 1665/2020⁷ que versa sobre seguro contra acidentes; assistência financeira em caso de afastamento por acidente ou suspeita de contaminação pelo coronavírus (não inferior a um salário mínimo); equipamentos de proteção individual; instalações sanitárias; água, alimentação e espaço para descanso (BRASIL, 2020). Nos comentários, na página do Instagram @entregadoresantifascistas muitos comemoram enquanto uma conquista e outros consideram que um possível prejuízo para as empresas acarretará em perdas para a categoria:

Pelo amor de Deus, isso é um tiro no pé, como o empreendedor vai abrir algo dessa maneira? Dessa forma só quem tem dinheiro mesmo vai conseguir se manter e o preço da entrega vai aumentar mais. As empresas tão ganhando bem, isso é mais um motivo para empreendedores desenvolverem uma plataforma e começar a concorrer, e melhor de tudo é o governo e os sindicatos não ganham nada forçado do trabalhador. (ENTREGADORES ANTIFASCISTAS INSTAGRAM, 2023).

Em 07 de agosto de 2020, foi publicado um vídeo em que um entregador é vítima de racismo e aporofobia na cidade de Valinhos, SP (ENTREGADOR...,2020). O conteúdo atinge a marca de 83.000 visualizações e 753 comentários, o maior número do perfil. Nos dias que seguem foram publicados vídeos e charges em apoio ao entregador do vídeo. Daí em diante, até 16 de setembro, o perfil passa a divulgar as muitas participações de Galo em entrevistas e debates com sindicalistas, jornalistas e acadêmicos e inicia um período de grande interstício entre uma postagem e outra, variando de dois a quatro meses sem postagens.

A identidade visual, apresentada em junho de 2020, e a produção de conteúdos autorais deixa de fazer parte do perfil dando lugar à replicação de conteúdos de outros perfis e páginas externas, vide captura de tela abaixo:

⁷ O projeto foi aprovado com vetos incidindo na Lei n. 14.297, DE 5 DE JANEIRO DE 2022. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.297-de-5-de-janeiro-de-2022-372163123>.

Figura 5 - Captura de tela do perfil Entregadores Antifascistas de 23 de março a 28 de maio de 2021



Fonte: Instagram

No final de maio de 2021, o perfil retoma a constância com publicações diárias. O conteúdo passa a ser mais informativo com textos, infográficos e trechos de documentários que mostram como as empresas de big data atuam no setor agrícola, explicando o que é “uberização”, entrevista com pesquisador sobre automação e futuro do trabalho, além da divulgação de debates e palestras sobre estes temas nas redes sociais. Ao longo de junho, expõe vídeos de agressões policiais a entregadores, assim como denúncias e manifestações sobre estas agressões. O número de publicações neste mês segue uma média de três por dia.

Em 18 de junho, é publicado vídeo de Galo fazendo um chamado aos entregadores para participarem dos atos de “Fora Bolsonaro” que ocorreriam em 19 de junho. A última aparição de Galo no perfil havia sido em setembro do ano anterior. Seguem publicações em apoio aos indígenas e à agricultura familiar em meio às indicações de leitura sobre precarização do trabalho. No dia do orgulho LGBTQIA+, 28 de junho, o perfil colocou em sua imagem de perfil o logotipo dos entregadores antifascistas com as cores do arco-íris demonstrando apoio à causa.

Um ano após o Breque dos Apps, o perfil segue divulgando manifestações de entregadores Brasil afora, assim como replicando conteúdos alheios sobre o trabalho e frases de pensadores conhecidos como Bertold Brecht, Angela Davis e Milton Santos. O perfil volta a publicar conteúdo autoral, em especial de cunho histórico, por exemplo, a greve geral de 1917 em São Paulo e a derrubada do regime absolutista na França, em 1789. Em 17 de julho, Galo publica vídeo divulgando o movimento “#apagãodosapps” que consiste na baixa avaliação dos aplicativos e comentários negativos nas lojas digitais de aplicativo por parte dos clientes. A aparição de Galo

mostra o poder de sua imagem a partir do número de curtidas e interações na publicação. Nos conteúdos anteriores, as curtidas variavam entre 100 e 1.500 e os comentários não passavam de 25, com este vídeo as curtidas passam de 6.000 e o número de comentários sobe para 76.

Em 23 de julho de 2021, foi publicado vídeo com imagens de cartazes “lambe lambe” onde se lê “Você sabe quem foi Borba Gato?” e a legenda:

Há três tipos de gente
Os que imaginam o que acontece
Os que não sabem o que acontece
E nós que faz acontecer
O bolo, guacê
Unidos a gente fica em pé
Dividido a gente cai
Quem falha cai
Um biribaibaibai (ENTREGADORES ANTIFASCISTAS INSTAGRAM, 2023).

No dia seguinte, 24 de julho, ocorre o incêndio, já mencionado, da estátua de Borba Gato provocado pelo coletivo Revolução Periférica, e o perfil faz algumas publicações e republicações sobre o ato e, a partir de 28 de julho, a pauta passa a ser o pedido de liberdade de Galo, Gêssica e Biu, presos por conta do incêndio. Apoiadores criam artes ativistas em prol da liberdade de Galo e sua companheira.

Figura 6 - Artes ativistas em prol da liberdade de Galo e sua companheira



Fonte: Arte de @laerciolo e @mari.waechter, respectivamente.

Os comentários, em sua grande maioria, eram de apoio, indignação e pedidos de liberdade: “Liberdade aos revolucionários”, “Só pode queimar museu, floresta e cinemateca neste país. Estátua, não”, “Galo livre”. Porém, também foram feitos comentários condenatórios ao ato e irônicos em relação à figura de Galo: “Cadeia para

esses criminosos! Queimar patrimônio histórico é crime e ponto final. Não gosta da exposição de uma figura histórica? Procure meios legais de removê-la. Simples”, “Galo virou pintinho rapidinho”, “Lugar de terroristas é prisão federal”.

Ainda em julho, surge uma nova identidade visual para as publicações, agora com o preto ao fundo, o logotipo em vermelho e a tipografia, ou fotografia, com transparência sob este fundo.

Figura 7 - Nova identidade visual do perfil



Fonte: Instagram

Outra constante nas publicações passa a ser o termo “burguesia” em frases como “A burguesia se preocupa com a estátua do colonizador, mas não se preocupa com a fome do trabalhador”, “povo passando necessidade e a burguesia pensando em voto”, “ei, burguês, a culpa é de vocês”.

Com a soltura de Galo e Biu, as publicações voltam a ser republicações de outras páginas e de temas diversos como o cooperativismo de plataforma, as medidas provisórias e projetos de lei que afetam a categoria, charges e frases sobre a luta de classes. Os conteúdos autorais passam a ser a mesma imagem repetida, sem legendas, gerando baixo engajamento por parte dos seguidores.

Figura 8 - Publicações dos Entregadores Antifascistas



Fonte: Instagram

O perfil segue com a estratégia de republicação de conteúdos alheios e replicação de uma mesma imagem, agora com a ilustração das “bags” formando um punho cerrado, de Tonidagostinho (@tonidagostinho) que já havia sido publicada anteriormente.

Figura 9 - Publicações dos Entregadores Antifascistas



Fonte: Instagram

Em setembro, a repetição de imagens deixa de ser executada dando lugar apenas às replicações de conteúdo e, em outubro, é publicada publicidade de cervejas com o logotipo dos entregadores antifascistas no rótulo em que, a cada venda, R\$2,00 seriam destinados “ao movimento dos entregadores”. Em novembro, publicam a venda de camisetas com o logotipo do grupo e a ilustração de Toni D'agostinho, porém ambos geram baixo engajamento em curtidas e comentários. As publicações passam

a ser cada vez mais espaçadas, sendo a última postagem matéria da Agência Pública sobre a “máquina oculta do ifood”, em 4 de abril de 2022.

1.7 Treta no Trampo

Assim como o perfil dos Entregadores Antifascistas, a página e o perfil Treta no Trampo apoiam, divulgam e organizam as manifestações dos entregadores de aplicativo. O próprio nome já sugere que o assunto da página e do perfil são as brigas no trabalho. Não há menção sobre quem são os donos ou moderadores, tanto no Facebook quanto no Instagram. Os conteúdos das redes sociais são os mesmos, publicados e repostados no mesmo dia. Por conta disso, a análise das duas redes sociais foi realizada em paralelo, a fim de evitar redundância. Quanto aos números, a tabela abaixo apresenta separadamente.

Tabela 2 - Números que representam engajamento dos Treta no Trampo

Rede Social	Início da página ou perfil	Número de seguidores	Número de Publicações	Última publicação
Facebook	29/03/2020	6.800	454	16/05/2023
Instagram	31/03/2020	20,6 mil	379	10/06/2023

Fonte: Elaborado pela autora

A primeira postagem no Facebook, que iniciou antes do Instagram, é a imagem que segue como perfil até a presente data.⁸

⁸ Tanto os números da tabela quanto as menções às datas têm por referência o dia 12/06/2023.

Figura 10 - Primeira postagem no Facebook do Treta no Trampo



Fonte: Facebook

As cores remetem à sinalização de trânsito, e a linha às marcas de pneu de motocicleta. Já a fotografia de fundo retrata o suposto funcionário de um supermercado olhando para uma possível cliente de forma não amistosa, sugerindo a “Treta no Trampo”. As primeiras publicações falam sobre o isolamento e cessão de equipamentos EPIs para os trabalhadores, principalmente da saúde e educação.

As primeiras publicações seguem um padrão de identidade visual, embora não exatamente com os mesmos tons e largura da moldura, porém utilizando as cores amarelo e preto e a faixa simulando as marcas de pneus como moldura.

Figura 11 - Facebook da Página Treta no Trampo



Fonte: Instagram

A página também publica ações presenciais cobrando das empresas zelo e responsabilidade para com seus profissionais, por não ter legenda não se sabe se a autoria de tais ações é dos donos da página ou de terceiros. Em 13 de abril, publica vídeos com qualidade de produção acima da média para as redes sociais de não profissionais, contando com captação de áudio limpo, edição de imagens, pós-produção com inserção da identidade visual da página, e no vídeo “Rap dos Informais”, música autoral. Todas as produções, assim como autoria da página e do perfil, são anônimas.

A página também publica ações presenciais cobrando das empresas zelo e responsabilidade para com seus profissionais. Nenhuma ação possui legenda, mantendo a autoria desconhecida.

Figura 12 - Ações presenciais da página Treta no Trampo



Fonte: Instagram

No dia 17 de abril de 2020, a página divulga a primeira manifestação de entregadores na Avenida Paulista. Seguem, então, postagens com fotografias do ato e denúncias de empresas que não respeitam os direitos trabalhistas nem as orientações sanitárias de combate ao coronavírus.

Observa-se que, desde o começo, as postagens chamam seu público para a ação (o *call to action* na linguagem publicitária e de analistas e criadores de conteúdo para redes sociais) em postagens, por exemplo: “E aí garçom, você foi demitido sem os direitos garantidos ou tá trabalhando dobrado por conta da equipe reduzida e recebendo menos? Envie seu relato”. “Há uma paralisação agendada para amanhã. Como está no seu hospital?”. Junto, divulgam os canais, WhatsApp, Instagram e

Facebook, para que os usuários enviem seus relatos de forma anônima, a fim de evitar represálias.

Em 14 de junho de 2020, o perfil publica no Instagram as informações sobre a primeira paralisação dos entregadores de primeiro de julho. A publicação é bastante semelhante à postagem do perfil Entregadores Antifascistas de 22 de junho do mesmo ano.

Figura 13 - Comparação de publicação do perfil do Instagram Entregadores Antifascistas e do perfil do Instagram Treta no Trampo



Fonte: Instagram

O Treta no Trampo não só divulga como organiza o protesto:

Quer agitar a paralisação na sua cidade também? Dá ligue nesse minimanual e nas pautas da paralisação.

- ESPALHE A PARALISAÇÃO NA BAG E NA CIDADE
- VAMO SE ORGANIZAR COM OUTROS ORGANIZADORES
- MANDA O SALVE DA PARALISAÇÃO
- DIA 1/7 É O BREQUE GERAL!
- AJUDE A DIVULGAR A LUTA

Se quiser receber mais material e ajudar a distribuir e organizar, dá um salve.

Divulga uma pauta clara de reivindicações: “Aumento do valor por km, aumento do valor mínimo, fim dos bloqueios indevidos, fim da pontuação e restrição de locais, seguro de roubo, acidente e vida e auxílio pandemia (EPIs e licença)”. A publicação com os informes e direcionamento da paralisação alcança 237 mil visualizações e 207 comentários, que se dividem entre apoiadores e críticos da paralisação:

(...) todo meu apoio pra essa causa! Sou consumidora e super apoio!! Tem q ser justo pra todos!! Amanhã não vou pedir nada! Juntos somos mais fortes, os estabelecimentos também precisam ajudar nesse momento. Vamos dizer não à exploração da mão de obra! Se puder ofereça um café e nunca negue o banheiro e água. Greve de AUTÔNOMO? Fiasco. Meu Deus, parem de tentar burocratizar serviços! Ninguém é obrigado a trabalhar para aplicativos. Oi? Não quer não trabalha, essas startups não tem nem lucro, basta de entregador incompetente. (TRETA NO TRAMPO INSTAGRAM, 2023).

As publicações enfatizam que a paralisação não pertence a nenhum sindicato ou movimento político e que as reivindicações são “pela classe toda e não por regulamentações que prejudiquem os entregadores”. Nos dias seguintes seguem vídeos de entregadores apoiando e aderindo à paralisação, inclusive da Associação dos Trabalhadores da Distribuição da Argentina.

O Treta no Trampo também orientou os usuários dos aplicativos de delivery “NÃO USE OS APPS DIA 1/7 - ZOAR A AVALIAÇÃO DOS APPS - AJUDE A DIVULGAR A LUTA: #ApoioBrequeDosAPPs” e incentivou os que trabalham como OL, operador logístico, a aderir à paralisação mesmo sob ameaças de ser bloqueado pelas empresas.

Em 28 de junho divulga o itinerário e horários de concentração na cidade de São Paulo e cidades próximas, o que seria o Breque dos Apps 011:

ZS:Extra Itaim; Sush1 (R. Maria Rosa, 77); Shop. Morumbi; Av. dos Bandeirantes (praça do Petz). ZL: Shop. Boulevard Tatuapé; Shop. Itaquera; McDonalds Vila Matilde; Burger King da Av. Marechal; Tito (Itaim Paulista). ZN:Shop. Center Norte. ZO: Imigrantes Bebidas (R. Tonelero, 662); Loggi Jd. Peri Peri (R. Carlos L. Cartucho, 114); Loggi Pinheiros (R. Vupabussu, 210); CENTRO: Shop. Center 3 (R. Luis Coelho); Shop. Higienópolis (R. Veiga Filho); Loggi Frei Caneca; Sush1 da Bento Freitas. ALPHAVILLE: Loggi Alphaville (Al. Tocantins). OSASCO: Embaixo da ponte metálica. GUARULHOS: McDonalds da Av. Paulo Faccini (loja desativada Americanas). ABCD: Santo André - Grand Plaza; Shop. (Av. Industrial); Sao Bernardo - Burger King da Av. Prestes Maia; Diadema - Praça da Moça; Mauá e Ribeirão Pires - Shop. Mauá. EMBU DAS ARTES: Av. Elias Yasbek em frente ao Burger King. Depois de juntar às 9h do ponto de encontro, a ideia é rodar cada região pra juntar mais gente e travar a saída dos pedidos de shopping, mercado e restaurante e A PARTIR DAS 14H TODO MUNDO SE ENCONTRA NA PAULISTA (MASP). Dá um salve no bonde pra marcar um ponto de encontro na sua área e acrescenta na lista! Chama no zap pra divulgar sua concentração. (TRETA NO TRAMPO INSTAGRAM, 2023).

Figura 14 - Itinerário do Breque dos Apps de 01 de julho de 2020 na cidade de São Paulo



Fonte: Instagram

Conforme a figura acima, o ponto de chegada é a Ponte Estaiada, “na hora do SPTV” (SPTV, 2020). Isso porque tal ponte aparece ao fundo do telejornal de maior audiência local, trazendo visibilidade ao ato mesmo que não entrasse na pauta do dia. São Paulo teve o maior ato em número de participantes, com 5 mil entregadores causando o fechamento da referida ponte. Outras cidades, como Rio de Janeiro, tiveram em média 100 participantes. As empresas de delivery relataram ao jornal Estadão o funcionamento normal no dia das paralisações (MOTOBOYS...,2020).

As publicações após o ato são de vídeos e fotografias das paralisações, manchetes de jornais sobre o Breque dos Apps e o comparativo das notas antes e após a ação de avaliar mal nas lojas de aplicativos. O Treta no Trampo divulgou que antes do primeiro de julho, o *Ifood* tinha nota 4,5, Rappi 4,2 e Uber Eats 4,3, após a paralisação as notas foram, respectivamente, 3,9, 3,7 e 4.

Em 5 de julho o perfil já inicia a divulgação do segundo Breque dos Apps, a ser realizado no dia 25 do mesmo mês e ano:

Tá lançado o chamado pra 2º paralisação dos apps em todo Brasil. No dia 25 de julho todas as cidades vão parar ao mesmo tempo! Entregadores de todo o Brasil tão se juntando e construindo o 2º #BrequeDosAPPs

O movimento não pertence a NENHUM SINDICATO OU PARTIDO.

O dia 1º de julho foi pesado, até quem não tava acreditando viu que brecou foi tudo. Os aplicativos sentiram o impacto de quando nós se junta e já começaram a se justificar. BORA PRA CIMA! (TRETA NO TRAMPO INSTAGRAM, 2023).

Em 7 de julho é publicado outro vídeo convocando os motoristas dos aplicativos Uber e 99 a participarem dos atos. O engajamento é relativamente baixo em comparação aos outros conteúdos, pouco mais de 3 mil visualizações e apenas três comentários.

As publicações que, até então, vinham sendo direcionadas todas aos entregadores e usuários de aplicativos de delivery, dão lugar em 14 de julho a fotografias de manifestação de trabalhadores do Hospital Municipal do Campo Limpo. No mesmo dia, postam vídeo de agressão de policial a entregador na cidade de São Paulo.

Em 16 de julho de 2020, postam vídeo solicitando aos usuários que, ao pedirem comida, gravem junto ao entregador mostrando quanto um paga de taxa e quanto o outro recebe, a fim de expor que as empresas ficam com a maior parte do valor. E em 19 do mesmo mês divulgam e organizam, mais uma vez, os locais e horários de concentração. Os dias que seguem são de postagens recorrentes com fotografias da manifestação anterior e chamando para que os entregadores se engajem na paralisação.

No dia anterior à paralisação, o Treta no Trampo inova com uma linguagem ainda não explorada no perfil que são publicações de tom não informativo ou de chamado à ação e mais próximo ao meme que gera identificação dos usuários. Utilizando frases como: “Eu vou parar! Que nunca falta forças pra lutar”, “Apoiar um colega de trabalho não gera concorrência, gera admiração. Por isso, ‘tamo junto’ no breque dia 25”, “O país não parou. Está andando sobre duas rodas”. No entanto, o engajamento é baixo com pouco mais de duas mil curtidas e apenas nove comentários. Neste período, os conteúdos de Facebook e Instagram já não são exatamente os mesmos, tendo o perfil do Instagram mais constância nas publicações e maior alcance.

No dia da paralisação, 25 de julho, foram feitas publicações das manifestações país afora e também um vídeo compilando as promoções, ofertas e descontos que os aplicativos ofereceram nos dias anteriores ao segundo Breque dos Apps demonstrando uma suposta preocupação em relação à paralisação. Os veículos midiáticos que cobriram o evento relataram um esvaziamento deste Breque dos Apps em relação ao primeiro (NOGUEIRA; BENITES, 2020; OLIVEIRA, 2020).

A primeira publicação após a paralisação do dia 25 aconteceu seis dias depois no Instagram e três dias depois no Facebook. No Instagram, a postagem foi sobre

manifestação dos funcionários do Hospital Geral de São Mateus, em São Paulo, contra a privatização de setores do Hospital, e no Facebook sobre paralisação de caminhoneiros em Santos, também no Estado de São Paulo. Tanto o perfil do Instagram quanto a página do Facebook passam a divulgar outras causas, como dos motoristas de Uber e 99 e dos guarda-vidas nas praias, em especial do Estado de Santa Catarina.

Somente em 21 de janeiro de 2021, o Treta no Trampo volta a publicar sobre os entregadores pedindo para que as plataformas criem um código de confirmação de recebimento da mercadoria para que os entregadores não fiquem com o prejuízo, caso o cliente alegue não ter recebido o pedido. Nos dias que seguem, as publicações são sobre as paralisações de motoristas de aplicativo, entregadores de carro, como da transportadora Loggi e de caminhoneiros.

Em 14 de março é publicado um vídeo com 13 minutos de duração, que recupera o histórico do Breque dos Apps sob a visão do Treta no Trampo. Aos 6:56 do vídeo os produtores mostram o que chamaram de “Momento Politicagem”, se referindo aos entregadores antifascistas dizendo que estes estariam dividindo o movimento entre aqueles que são de esquerda e os que não são de uma classe que já não é unida, enquanto a imagem ao fundo mostra duas setas, uma para cada lado, onde se lê “sujo” e “mal lavado”. Em seguida, entra o vídeo de Galo que viralizou convocando os entregadores a aderirem ao movimento antifascista e, na edição, deu-se ênfase repetindo por várias vezes Galo dizendo “MINHA luta” com voz aguda. Na sequência, títulos de matérias jornalísticas dando a entender que todos os entregadores são antifascistas, e Galo junto de Guilherme Boulos, Marcelo Freixo, Sâmia Bonfim, enquanto o áudio diz: “começa a vir maluco com esse papo político pra dentro do movimento, não tem nada a ver. O cara fica pegando beirada no nosso trabalho aí (...) Esses malucos aí não representam o nosso movimento”. Seguem fotos de Galo ao lado de Luciano Huck e vários outros entrevistadores, enquanto a narração diz: “Esse negócio de política antifascista aí não tem nada a ver com nosso ato”. Na sequência, entra trecho de fala em alguma das manifestações em que um participante, ao microfone, agradece ao Sindicato dos Motoboys e a diversos outros sindicatos, e entra novamente a edição onde se repete por diversas vezes a palavra “sindicato” com a voz aguda. Segue falando sobre os sindicatos que “só resolvem alguma coisa quando é bom para o lado deles” e que “não vão fazer nada para trabalhador de aplicativo que não contribui com eles”. Ao fundo, imagens de candidato pelo sindicato

e, enquanto um sindicalista agradece o apoio da polícia militar, aparece o vídeo de um policial agredindo um entregador. Ao todo, são quase 3 minutos falando sobre o que o Treta no Trampo considera “politicagem”. O vídeo teve pouco mais de 3 mil visualizações e apenas um comentário: “Pra que esse ataque gratuito aí no galo mano?”, comentário este que não foi respondido.

As publicações que seguem são de pequenas manifestações isoladas de entregadores e, no dia 29 de março, é divulgada uma paralisação geral para 16 de abril. Nas semanas seguintes, as publicações são exclusivamente de divulgação deste terceiro Breque dos Apps e, no dia do ato, o engajamento e interação com a página e com o perfil é baixo em comparação às outras paralisações. Também não foram encontradas matérias jornalísticas sobre os eventos. No mesmo dia, o perfil anuncia nova paralisação na semana seguinte.

Em 20 de abril, divulgam que tiveram reivindicação aceita, pois o *ifood* criou o código de liberação de pedidos. Em 23 de abril, dia da quarta paralisação geral, as visualizações dos conteúdos são baixas, a postagem com maior número de visualizações não passa de 800. Segue, nos meses seguintes, a divulgação de paralisações locais e vídeos das manifestações.

Em 23 de julho é divulgada a data da quinta paralisação geral, 11 de setembro. Nessa ocasião, a identidade visual é diferente da apresentada no início da página e do perfil. O amarelo dá lugar ao laranja e a faixa aparece mais estreita, de maneira bem mais sutil.

Figura 15 - Postagem no Instagram de Treta no Trampo



Fonte: Instagram

Em 29 de agosto de 2021, a página divulga um “manual de como brecar um shopping”, e em 2 de setembro, a divulgação dos locais e horários de concentração. É possível observar que o número de pontos de concentração diminuiu em relação às paralisações anteriores.

Figura 16 - Divulgação do quinto Breque dos Apps



Fonte: Instagram

Três dias antes da paralisação divulgam um vídeo, em animação 3D, chamado “Breque do Sistema”, mostrando que a paralisação seria capaz de parar de enviar dinheiro para empresas na América do Norte e Europa. No dia da manifestação, após longo período, um vídeo de convocação à participação bate mais de 10 mil visualizações. Seguem publicações de fotografias e vídeos de como foram as manifestações. Em São José dos Campos, os manifestantes carregaram faixa

dizendo “Motoboys unidos, sem sindicato”. Mais uma vez, não foram encontradas notícias sobre esta paralisação.

Seguem divulgações de paralisações locais, tanto de entregadores quanto de outros trabalhadores. Em 21 de março é divulgada paralisação de três dias, primeiro, segundo e terceiro de abril de 2022 contra o aumento dos combustíveis e aumento das taxas dos apps. O perfil divulga vídeos apenas no primeiro dia da paralisação, nas cidades de Belo Horizonte e Rio de Janeiro. 400 visualizações é o máximo que estas publicações conseguem.

Em 4 de abril, publicam a reportagem da Agência Pública sobre a “máquina oculta de propaganda do *ifood*”. A página segue publicando as manifestações locais, denúncias de maus-tratos aos entregadores e algumas manifestações que pediam o “passe livre” nos transportes públicos. O interstício entre as publicações se torna maior e, em 8 de abril de 2023, divulgam locais de manifestações contra a Reforma do Ensino Médio.

Em 3 de maio é divulgada a sexta paralisação dos entregadores, marcada para 09 de junho. A publicação conta com apenas 277 visualizações. No dia da paralisação, publicam foto de material distribuído nos locais, o que gera questionamentos nos comentários.

Figura 17 - Material distribuído no Breque dos Apps de 09/06/23



Fonte: Instagram

O que gerou discussão foi a frase “Não à CLT”, foram 11 comentários dos quais 8 defendiam a CLT: “A greve é o melhor instrumento para garantir direitos e reajustes econômicos. Negar a CLT, que representa um conjunto de direitos, já garantidos, não parece ser uma boa estratégia”, “A massa de trabalhadores alienada pela ideologia

do ‘empreendedorismo’ reproduzir isso é compreensível. Um grupo de militantes experientes reproduzirem é um desserviço para a materialidade objetiva da categoria”, “Ifood curtiu o panfleto”. A última publicação, até o momento de fechamento deste texto, foi em 10 de junho com fotos da manifestação em diversas cidades.

Em 20 de setembro de 2021, Galo afirmou que o Treta no Trampo era de integrantes antigos do Movimento Passe Livre (GALO, 2021). O Movimento Passe Livre (MPL) é um movimento social que surgiu no Brasil no início dos anos 2000, com o objetivo principal de lutar pela gratuidade ou redução das tarifas de transporte público, especialmente de ônibus e metrô.

O movimento ganhou destaque nacional em 2013, quando manifestações em diversas cidades brasileiras foram realizadas em resposta ao aumento das tarifas de transporte. As mobilizações, conhecidas como "Jornadas de Junho", começaram em São Paulo, após o anúncio do aumento da tarifa do transporte público na cidade.

Os manifestantes reivindicavam um transporte público de qualidade e acessível para todos, destacando a importância do transporte como um direito básico e a necessidade de investimentos públicos adequados nesse setor. Além das questões relacionadas às tarifas, o MPL também defende a melhoria das condições de transporte, a redução da dependência de automóveis particulares e a implementação de políticas de mobilidade urbana sustentável.

O movimento utiliza estratégias como passeatas, ocupação de espaços públicos, atos simbólicos e diálogo com as autoridades para promover suas demandas. O MPL busca a participação popular, sem vinculação a partidos políticos, e sua atuação tem inspirado outros movimentos sociais em todo o país.

Embora o MPL tenha se destacado inicialmente pela luta pela tarifa zero, o movimento também aborda questões mais amplas relacionadas ao direito à cidade, desigualdades sociais e problemas estruturais do transporte público nas áreas urbanas.

De acordo com o site do MPL, são “um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente” o que, de fato, corresponde ao posicionamento do Treta no Trampo. Também dizem que “O MPL não tem fim em si mesmo, deve ser um meio para a construção de uma outra sociedade” e que “deve-se construir o MPL com reivindicações que ultrapassem os limites do capitalismo, vindo a se somar a movimentos revolucionários que contestam a ordem vigente”. O que justificaria a criação do Treta no Trampo por integrantes do Movimento Passe Livre, a forma de

organização, divulgação e uso das redes sociais pelo Treta no Trampo também se alinha ao discurso do MPL: “O MPL deve utilizar mídias alternativas para a divulgação de ações e fomentar a criação e expansão destes meios” (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2023).

Apesar das similaridades, não foram encontrados registros de ligação entre o Treta no Trampo, o Movimento Passe Livre e/ou seus integrantes.

1.8 Não Breca meu Trampo

Diferentemente das páginas anteriores, a Não Breca meu Trampo não possui perfil no Instagram, apenas a página no Facebook. Seus números são os seguintes:

Tabela 3 - Números que representam engajamento do Não Breca meu Trampo

Rede Social	Início da página ou perfil	Número de seguidores	Número de Publicações	Última publicação
Facebook	09/07/2020	12.000	98	01/07/2021

Fonte: Elaborado pela autora

O nome da página faz referência ao Breque dos Apps com “não breca”, e à página Treta no Trampo com o “meu trampo”, demonstrando desde o seu título posicionamento contrário à paralisação. A imagem de perfil da página é um logotipo composto por duas mãos espalmadas, em posição de bloqueio e ao centro escrito “#nãobrecameutrampo”.

Figura 18 - Logotipo da página Não Breca meu Trampo



Fonte: Facebook

Apesar de na seção “Sobre” da página dizer que esta foi criada em 9 junho de 2020, algumas postagens são anteriores, inclusive a primeira publicação do logotipo

acima foi em 5 junho de 2020, 4 dias após o primeiro Breque dos Apps. A imagem vem acompanhada de legenda que é uma apresentação da página, nela diz:

A gente quer melhorar de vida e ganhar mais. SEM patrão e salário mínimo. No corre bem feito a gente tira mais e não tem chefe pra encher o saco. A gente quer liberdade pra trampo pra quem a gente quiser! A gente traz uma mensagem diferente dos que se dizem falar por todo mundo. GREVE, SINDICATO, TAMO FORA! Ninguém quer ficar parado. Parado ninguém ganha. Quer fortalecer o movimento? Apoia na gorjeta, oferece uma água, um rango, trata a gente que nem gente. Se liga e não breca meu trampo! (NÃO BRECA MEU TRAMPO FACEBOOK, 2020).

A publicação recebeu 19 reações, sendo 16 curtidas e 3 risadas. Nos dias seguintes, as publicações seguiram a temática de que o trabalho autônomo é mais lucrativo e dá mais liberdade aos entregadores como: “Não queremos ser empregados de NINGUÉM! Queremos LIBERDADE pra trabalhar pra quem a gente quiser! #NaoBrecaMeuTrampo” ou “Já fiz minha escolha, e você? () Trabalhar com carteira assinada e ter patrão para encher o saco ou (X) Ser dono do meu tempo e ganhar mais que no antigo emprego”. Os comentários são, em sua maioria, contrários ao posicionamento da páginas: “Acho que a página é do patrão!!”, “Tá certo, ser dono e trabalhar 13h por dia sem direito pra deixar dono de app rico, duvido que o dono da página seja motociclista, só tá tentando manipular os trouxas pra que sejam escravos de patrão”, “Eu vivi pra ver pobre defendendo o direito de trabalhar sem direitos!” outros usuários se identificam com as postagens: “É o sonho de quase todo mundo não ter ninguém para encher o saco”, “Parabéns pela escolha, você é seu próprio patrão”.

A página também publica links de notícias relacionadas ao trabalho dos entregadores e à paralisação. Uma delas foi publicada em 9 de julho com o título: “Quarta de luta: breque dos app e greve dos metroviários”, do Portal Esquerda Online. A legenda da publicação foi “Quando a esquerda começa a entrar na parada azeda tudo. Não podemos ser palanque pra político!”, e contou com 20 comentários que se dividiam em ataques ao posicionamento político de esquerda ou direita: “Tenho o maior respeito pelos motoboys tenho vários na Família, mas estranho vcs falando da esquerda não vê ninguém da Direita apoiar vcs”, “e quem apoia? Os chupa cabra de esquerda? Que afundaram o país roubando e coloca a culpa nos outros?”, “Quem tá organizando essas paradas tá pensando em eleição e cagando para os motoca só

querem mobilizar os trouxas pra se lançarem candidato em cima e mamar na teta do dinheiro público”, “página de patrão = direita” (QUARTA...,2020).

Em dois dias, a página aumenta significativamente o engajamento e interação chegando a 458 reações (407 curtidas e 51 risadas) e 58 comentários. Em 10 de julho, a página publica vídeo de maio de 2019 com o título “Nova Lei?! Entregadores de aplicativo terão que usar baú?” (TAVARES160, 2019), porém no próprio vídeo o criador do conteúdo diz que essa é uma informação falsa que está circulando. Já em 14 de julho é publicado vídeo de uma suposta agressão a um entregador que não aderiu à manifestação, tendo os pneus de sua motocicleta sido murchos.

Na véspera da segunda paralisação, em 25 junho de 2020, a página intensifica as postagens. Foram 6 publicações de vídeos em que entregadores contam como suas vidas melhoraram graças aos aplicativos de entrega, dizendo que estão satisfeitos com o suporte e com as taxas e se colocando contra atos violentos que, segundo eles, aconteceram na paralisação, como roubo de celulares e quebra das “bags” dos entregadores que não aderiram e pretendiam trabalhar.

Os comentários nesses vídeos são diversos. Têm aqueles que criticam os entregadores por não aderirem às paralisações, e os que criticam por conta do apoio e participação que alguns deram ao Breque dos Apps:

Cai de paraquedas na profissão e ainda atrasa o lado da galera que está lutando por melhores condições para todos. Esse papinho de vcs é muito conveniente pra quem tem o C# cheio de dinheiro às custas da classe trabalhadora. Errado não é impedir uma pessoa a trabalhar em condições sub-humanas e sim fazer uma pessoa trabalhar nessas condições sob chantagem econômica. Fala na onde que você tá ganhando dinheiro para falar isso aí quero ganhar também mano tô precisando porque esse aplicativo aí tá foda se eu dependesse de aplicativo eu passava fome. Mentira da porra quem e motoca sabe que e mentira seus pilantra do karaio suporte e uma merda tem vez que demora horas pra dar um retorno ... tenho certeza que esse cara aí nem motoboy e isso tem cara de empresário querendo acabar com as greves tanto que as publicações da página sai impulsionadas e isso custa dinheiro nem um motoca ia gastar tempo e dinheiro fazendo um grupo como esse ... Seus pilantra. Esses parada de brek ai é só os políticos pilantra, que querem usar nós como manobra política essa corja de sem noção...nenhum desses pedidos e brek partiu da classe de entregadores. Sindicalista pau no cu ficam no sindicato o dia todo fumando maconha e faz quem quer trabalhar parar, esses lixos gostam de massas de manobra pra beliscar um dinheiro sem trabalhar, o povo acordou. Isso aí meus irmãos esses vermelhos querem atrasar nosso corre politizando nosso trampo. (TAVARES160, 2019).

Após a paralisação de 25 de junho que, como já exposto, foi menor que a primeira, a página passou um mês sem publicações. Quando retornou, a pauta era contra projetos de lei de regularização do motofrete e dos vereadores que apoiaram e votaram a favor (RIBEIRO, 2020). Nos comentários, os usuários se dividiam contra e a favor da regularização:

Negócio e os motocas de app se unir contra isso, pois é parecido com a guerra dos táxis com uber. Parabéns aos grevistas. Devia regularizar logo, quem sabe assim os grevistas entendem que o estado não está aí para ajudar ninguém e sim pra roubar seu dinheiro. Esses cara que não quer uma melhora pra profissão, procura outra motoboy não é bico é profissão, então amigo vc abraçou a profissão como permanente não é mais um bico e o PL 130 é a única solução para buscarmos valores justos para a categoria e alguma segurança em caso de algum acidente. É tudo mentira dizer que tem burocracia pra se regularizar, eu me regularizei em 3 meses, isso porque tive que esperar o curso cair na habilitação que foi um mês. A valorização só vai vim com as PL, sou a favor da PL. (NÃO BRECA MEU TRAMPO FACEBOOK, 2020).

Em 11 de setembro, data do terceiro Breque dos Apps, foi publicado vídeo em que um entregador, que já havia aparecido em postagem anterior, fala sobre a importância dos aplicativos de delivery para as famílias que perderam seus empregos durante a pandemia. Ele diz que os aplicativos precisam de melhorias, mas que é importante não esquecer que fazer entregas foi essencial para o sustento de muitas famílias. Esta publicação atingiu quase 7 mil reações, entre corações e curtidas, e foi compartilhada 517 vezes.

A publicação da sequência foi um vídeo do mesmo entregador dizendo que na pandemia houve uma “junção perfeita” entre os aplicativos e “motoboys”, pois os entregadores foram linha de frente no Brasil inteiro, frente ao isolamento, enaltecendo o valor social dos entregadores. A legenda desta publicação trazia a seguinte mensagem: “Nessa pandemia, os entregadores foram heróis. Veja esse depoimento!” O vídeo alcançou quase 10 mil reações, mais de mil compartilhamentos e os comentários eram, em sua maioria, de admiração e agradecimento à categoria:

Vcs são heróis, que devem ser valorizados e respeitados, pela sociedade! Parabéns a todos! Obrigada vcs foram os nossos heróis que deus abençoe suas famílias. Meu respeito aos motoboys, sempre prestaram um bom serviço. Esperamos que sejam motociclistas que respeitam as normas de trânsito e não motoqueiros que não respeitam ninguém. (NÃO BRECA MEU TRAMPO FACEBOOK, 2020).

As publicações seguintes também são vídeos, dessa vez contra os projetos de lei já mencionados, porém as interações são baixas, não passam de 30 reações com exceção de um vídeo, com o mesmo homem dos vídeos anteriores, que recebe quase 5 mil reações onde diz que os entregadores fazem “um trabalho difícil, porém honesto” e que contribui com a sociedade.

Em 25 de novembro do mesmo ano, um novo vídeo, com o mesmo entregador, consegue engajar os usuários ao falar sobre o racismo contra os entregadores, pedindo para que as pessoas denunciassem e gravassem se fossem vítimas ou testemunhas casos. Em dezembro, os vídeos abriam discussão se, nas entregas em prédios, os entregadores deveriam subir nos apartamentos ou não.

Na figura abaixo, percebe-se que os vídeos são gravados quase na sua totalidade pelos dois mesmos homens que não se identificam em nenhum momento, diferentemente da página Entregadores Antifascistas que tinha Galo assumindo o papel de convocação e discussão das pautas ou de personagens diversos ao replicar conteúdos. Diferentemente também da página Treta no Trampo, que produzia vídeos autorais em que os criadores se mantinham anônimos, mas imprimiam identidade a partir do visual, do áudio e edição dos vídeos. No caso da página Não Breca meu Trampo não fica claro se estes homens são os donos da página ou se enviaram estes vídeos e a página publicou.

Figura 19 - Personagens principais dos vídeos da página Não Breca meu Trampo



Fonte: Facebook

A partir de 2021, as publicações em vídeo com tais personagens ficam mais raras e a página adota a publicação de memes com imagens recorrentes na internet,

como o personagem Riquinho interpretado por Macaulay Culkin e o quadrinho em que Batman dá um tapa no rosto de Robin:

Figura 20 - Publicações da página Não Breca Meu Trampo



Fonte: Facebook

As publicações contra a regularização do trabalho dão espaço para os pedidos por vacina para a categoria e contra o preço dos combustíveis. Em publicação de 10 de março de 2021 a legenda era: "O governo não tem pena de ninguém. Nem de nois que faz esse país não parar. Os governantes enfiam a faca, explode o preço da gasolina e quem trampa nos corre é quem paga o pato. Assim tem q matar mais de um leão por dia eh treta!". E em 13 de abril de 2021: "Salve galera dos corre. e aí??? a gnt segue levando comida, remédio pra quem tá em casa de boas se cuidando da

covid, mas e noixx, quem se preocupa? Rodando 14h por dia sem vacina? Nos q somos linha de frente nao pode ficar pra tras parcero”.

Foram publicadas também orientações de segurança para motociclistas sobre os acessórios que devem ser usados, como se portar em casos de assalto, além de divulgação e pedido de contribuição para entregadores que sofreram acidentes.

Em 14 de junho de 2021, a página divulga uma parceria entre a prefeitura de São Paulo e as empresas de aplicativo Uber Eats, *iFood*, Loggi e a Americanas em prol da segurança viária, coincidindo com um dos temas que vinham aparecendo na página.

Em 21 de junho de 2021, a página surge com um novo formato nas postagens que se repetiu até o dia 30 do mesmo mês dando uma nova identidade visual de caráter mais institucional à página Não Breca meu Trampo.

Figura 21 - Captura de tela da página do Facebook Não Breca meu Trampo



Fonte: Facebook

Em 1 de julho de 2021, a página publica um meme, sendo esta sua última publicação. Em 25 de janeiro de 2023, o Facebook registra alteração da fotografia de capa e da imagem de perfil, porém estas se mantêm as mesmas.

1.9 Garfo na Caveira

Tabela 4 - Números que representam engajamento do Garfo na Caveira

Rede Social	Início da página ou perfil	Número de seguidores	Número de Publicações	Última publicação
Facebook	19/01/2021	50.000	400	04/04/2022
Instagram	26/02/2021	9.308	490	04/04/2022

Fonte: Elaborado pela autora

O perfil Garfo na Caveira foi o último, dentre os analisados, a ser criado. Desde o início, se firmou como uma página/perfil de humor, a partir de memes, tendo como apresentação a frase: “Onde a zoeira chega antes da comida”. O nome e o logotipo, que é a imagem do perfil, fazem alusão ao “Faca na Caveira” usados pelo Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) do Rio de Janeiro que ficou famoso após os filmes nacionais Tropa de Elite.

Figura 22- Logotipo do perfil Garfo na Caveira e do BOPE



Fonte: Facebook

Assim como na página e perfil Treta no Trampo, as postagens se repetem no Facebook e Instagram. A criação do Garfo na Caveira coincide com as mudanças na página Treta no Trampo, assim como alguns assuntos abordados concomitantemente nessas páginas, em especial, o preço dos combustíveis, a cobrança por prioridade na vacinação de entregadores e a crítica às paralisações, embora estas apareçam com menor frequência na Garfo na Caveira.

A primeira publicação, em 26 de fevereiro de 2021, tem como legenda: “Enquanto você trabalha aí pra breicar o trampo dos outros, uma galera está comprando moto pra ocupar o seu lugar. Se liga aí e vai trabalhar!”. Já no dia 28 do mesmo mês, o perfil orienta o entregador a não cancelar entregas para não ser bloqueado: “Restaurante que demora ou que fica longe, não importa o motivo, nunca rejeite uma entrega! A não ser que seja área de risco! Isso pode dar ruim pros seus corre”. E em 23 de março, é publicado um alerta para o crescimento do número de entregadores, como na primeira publicação: “Com a pandemia, a rapaziada que toca os corre explodiu absurdo parça. Só pra vc se ligar no movimento qual é, hj no Braza

tem mais de 900 mil na correria. Só em sampa sao + de 500 mil hoje em dia. Bagulho tá bombando geral. Bora pro corre”.

Em 3 de abril de 2021, publica imagem de uma planilha com as datas de paralisações seguida da legenda: “A gente tem mais é que lutar por melhorias no trampo, mas com tanta manifestação como sobra o tempo pra nois trampar?”

Figura 23 - Publicação da página Garfo na Caveira

Manifestacoes 2021	São Paulo	
Aumento da gasolina	28/03	Marginal Pinheiros
Rappi Turbo	30/03	Alesp
Paralisação	31/03	Pacaembú
Ifood x Uber Eats	14/04	Marginal Pinheiros
OL X Nuvem	15/04	Praça da Sé
Direitos do motoqueiro	19/04	Sede Prefeitura

Fonte: Facebook

De 9 a 17 de abril faz algumas cobranças e menções aos aplicativos de *delivery* insinuando que as taxas de entrega do aplicativo Rappi pagas aos entregadores são baixas, fazendo chamados de interação ao perguntar se os seguidores preferem ganhar 3 numa corrida Rio - Niterói ou trabalhar como Operador Logístico em um horário ruim e perguntando qual aplicativo oferece melhores condições de trabalho.

Em 1 de maio, dia Nacional do Trabalho, faz publicação ironizando a alta taxa de desemprego desencadeada pela pandemia: “Após perder emprego para o Covid, Aedes Aegypti é visto fazendo entregas para o *iFood*”.

Em 23 de maio, faz a mesma publicação da página Não Breca meu Trampo:

Figura 24 - Publicações do perfil Garfo na Caveira



Fonte: Facebook

Até 10 de julho, o número de curtidas e comentários é baixo tanto no Instagram quanto no Facebook, não passando de 100 curtidas e de 5 comentários. A partir dessa data, o número de curtidas sobe, nesta, em específico, sobre Power Ranger, sobe para 12.000. Em 11 de novembro de 2021, divulga que o *Ifood* criou fundo de 8 milhões de reais para ajudar no combustível dos entregadores com a legenda: “quando o aplicativo faz o que o governo que tinha que fazer”.

Por via do humor, a página também se refere aos entregadores como heróis, assim como a página Não Breca meu Trampo:

Figura 25 - Publicações do perfil Garfo na Caveira



Fonte: Facebook

São recorrentes as frases e imagens que associam o entregador que trabalha mais e que se esforça mais como algo enaltecido.

Figura 26 - Publicações do perfil Garfo na Caveira



Fonte: Facebook

Assim como a “paixão” pela motocicleta e, conseqüentemente, por trabalhar com aquilo que traz satisfação.

Figura 27 - Publicações do perfil Garfo na Caveira



Fonte: Facebook

Por ser uma página de humor não gera comentários com críticas ou apoio às paralisações e à profissão em geral. A última publicação foi em 4 de abril de 2022, com a frase: “Independente de qualquer coisa, não perco minha essência. Tudo o que a gente planta vamos colher, e bons corações sempre vencem”.

1.10 As respostas do *iFood*

No dia 1 de julho de 2020, primeiro Breque dos Apps, o *iFood* comprou espaço em horário nobre da TV aberta e se pronunciou dizendo “oferecer seguro contra acidentes pessoais e que a maioria dos entregadores valorizava o fato de ter flexibilidade de horário e liberdade para compor sua renda” (IFOOD ENTREGADORES, 2020). Além disso, criou um site chamado “Abrindo a cozinha” (INSTITUCIONAL IFOOD, 2020)⁹ explicando como era realizado o cadastro dos entregadores, como o algoritmo calculava a rota e as taxas, como funcionam as gorjetas, os motivos para bloqueio e desativação de contas de entregadores, além de informações sobre cadastro e taxas para restaurantes.

No entanto, no mesmo dia da criação da página Não Breca meu Trampo, uma semana após a primeira paralisação, Moriael Paiva foi apontado como criador da página Não Breca meu Trampo (ROCHA, 2020).

De acordo com seu próprio Blog, Moriael é:

⁹ No último acesso, em 02/06/23, o site estava desativado. As informações aqui disponibilizadas foram acessadas em 27/08/2020. Disponível em: <https://institucional.ifood.com.br/abrindoacozinha>.

Publicitário com 20 anos de experiência no mercado de comunicação digital. Já liderou mais de 400 projetos on-line para clientes corporativos e governamentais sempre atuando em criação, estratégia e negócios.

Pioneiro no país no uso de mídias digitais no segmento político, coordenou dezenas de campanhas onde as estratégias digitais foram destaque, entre elas a presidencial de José Serra em 2010, de governo para Fernando Pimentel em 2014, e de prefeito para Gilberto Kassab em 2008, considerada a primeira campanha 2.0 do Brasil.

É co-autor do primeiro livro publicado sobre twitter no brasil e palestrante frequente em eventos como Campus Party Brasil e TEDx, sempre falando sobre os temas social media, marketing digital, política e Governo Digital. Até 2019, foi VP do Ideia Big Data. Hoje é consultor de estratégias digitais com foco na política. (QUEM..., 2020).

A empresa de Moriael, IDEIA BIG DATA, é apontada por estar ligada à *Cambridge Analytica* e por utilizar-se dos mesmos métodos de coleta de dados privados em redes sociais para prever o comportamento dos usuários e direcionar mensagens específicas, a fim de influenciar e persuadi-los (GOLDHILL, 2019;).

A Agência Pública realizou reportagem investigativa e teve acesso a documentos que, de acordo com a agência, comprovam a ligação. Além disso, entrevistou pessoas que trabalharam na página e afirmaram que a equipe era formada por cerca de 12 pessoas e que foram investidos R\$12.232,73 no impulsionamento de posts no Facebook entre abril e agosto de 2021, além da criação de perfis falsos para interagir nas postagens (LEVY, 2022).

Um dos supostos publicitários entrevistados afirmou que:

As páginas foram feitas para interagir com os entregadores, para entender eles. Mas também para ajudar o iFood no seguinte sentido: as pessoas querem fazer greve, mas o iFood não quer greve, então, ao invés de cancelar a manifestação e soltar um monte de fake news, nós usávamos a inteligência [digital] para entender como é que poderíamos esvaziar a narrativa da greve. (LEVY, 2022).

A reportagem mostra que a página Garfo na Caveira também seria criação de duas agências publicitárias, uma delas especializada em monitoramento de redes e marketing digital. Nesse contexto, entende-se que estas páginas poderiam tirar a centralidade das pautas de reivindicações para com as empresas de delivery, em especial a *iFood*, e redirecionar para reivindicações ao governo federal, no caso da prioridade na vacinação e no preço dos combustíveis, e estaduais e municipais, no caso dos projetos de lei de regularização da categoria.

Uma das preocupações dos envolvidos nas páginas era que não soubessem “que tem uma agência por trás disso”, além de “conteúdos engraçados, que gerassem

engajamento. Podia falar mal do Rappi ou Uber Eats, mas não do *iFood*". Essa equipe se infiltrou em 15 grupos no WhatsApp e analisou mais de 19 mil mensagens. "Através do monitoramento, a gente coletava o que os entregadores estão falando, quais eram os assuntos populares, e usava esse insumo para preparar nossa narrativa" (LEVY, 2022).

Em junho de 2021, as páginas Não Breca Meu Trampo e Garfo na Caveira teriam alcançado 3,16 milhões de pessoas, com 181 novos posts criados e conquistado 21.029 novos seguidores no período, conforme relatório ao qual a equipe de reportagem teve acesso.

No caso da campanha pela vacina, a atuação não foi apenas online. Em abril de 2021, durante uma sequência de greves dos entregadores na capital paulista, uma das agências tomou a decisão de enviar um de seus funcionários para participar da manifestação. Ele foi até a entrada do estádio do Pacaembu, ponto de encontro dos grevistas, no dia 16 de abril de 2021, e fingindo ser um entregador, pendurou ao lado do ato uma faixa que pedia "Vacina para os entregadores de aplicativo já", também distribuiu adesivos com a mesma frase. Esta ação foi considerada um dos principais casos de sucesso da campanha (LEVY, 2022).

No caso dos "entregadores" que apareceram com frequência nos vídeos da página Não Breca meu Trampo, estes eram contratados pelas agências e seguiram o roteiro previamente estabelecido. Em um dos registros obtidos, um dos coordenadores diz: "Coisas assim que vão tirando o foco. Como a gente fez, por exemplo, com a greve geral. O Garfo [página "Garfo na Caveira"] abriu um território importante, de chegar de igual pra igual. E depois isso serviu pra gente ir esvaziando o discurso".

A Agência Pública teve acesso à gravação de uma das reuniões, realizada em 07 de julho de 2021, onde dois participantes das ações de marketing decidem pela desativação da página Não Breca meu Trampo e se orgulham por ter "matado o Galo", associando-o a movimentos políticos, dizendo que era candidato a vereador e que, por isso, "foi quase espancado no Pacaembu" (AGÊNCIA PÚBLICA, 2021).

Após a divulgação da reportagem, o deputado Ivan Valente (Psol-SP) enviou uma representação à Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão da PGR (Procuradoria Geral da República) e ao MPT-SP (Ministério Público do Trabalho em São Paulo) pedindo a apuração de possíveis "práticas ilegais" cometidas pelo *iFood* em relação aos entregadores, e "eventuais irregularidades" (VALENTE, 2022).

A Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão em São Paulo pediu esclarecimentos ao *iFood* e às agências de publicidade envolvidas, além da apresentação de documentos e contratos relativos à prestação de serviço. Em despacho, o Ministério Público Federal afirmou que “a apuração poderá demonstrar se a campanha violou o direito constitucional de acesso à informação ao manipular a compreensão de fatos, por entregadores e consumidores, simulando participações espontâneas no debate público na internet” (BRASIL, 2022).

Em pesquisa virtual, não foram localizados os desdobramentos das denúncias e apurações.

CAPÍTULO II - BRASILEIROS E VAGABUNDOS

*“Para que amanhã não seja só um ontem com
um novo nome”
(AmarElo, Emicida)*

2.1 Tripalium

Ironicamente, para falar sobre a representação do vagabundo é necessário falar sobre trabalho. Recorrendo, mais uma vez, à etimologia e alargando as dimensões do espaço e do tempo é proposto um breve regresso à idade média, onde resistir ao trabalho significava literalmente resistir à tortura, já que a palavra trabalho advém do latim *tripalium* (três paus), um objeto de madeira composto por três estacas cruzadas em que escravizados eram amarrados para serem açoitados, utilizado também durante a Inquisição levava à evisceração causando dor intensa e morte lenta (ILLICH, 1976).

No fim da Idade Média, o antigo sonho do alquimista de fabricar um homúnculo em laboratório tomou pouco a pouco a forma da criação de *robots* para trabalharem em vez do homem e da educação do homem para trabalhar ao seu lado. Esta nova atitude perante a atividade produtiva reflete-se na introdução de uma nova palavra. *Tripaliare* significava ‘torturar sobre o *trepalium*’, mencionado no século VI como uma armação construída por três troncos, suplício que substituiu o da cruz no mundo cristão. No século XII, a palavra trabalho significava uma experiência dolorosa. Foi preciso esperar até o século XVI para se poder utilizar a palavra trabalho em vez de obra ou de labor. À obra (*poiesis*) do homem artista e livre, ao labor (*poneros*) do homem pressionado por outro ou pela natureza, acrescentou-se então o trabalho ao ritmo da máquina. Seguidamente, a palavra trabalhador deslocou o seu sentido para agricultor e operário. No fim do século XIX, os três últimos termos mal se distinguiam entre si. (ILLICH, 1976, p.49).

A questão do *labor* apresentada pelo autor evidencia uma distinção entre o fazer enquanto suplício e o fazer enquanto atividade natural e inerente do ser. Arendt (1995) considerava o labor parte do processo biológico do corpo, estando relacionado à sobrevivência do indivíduo e à vida da espécie. As palavras lavrar e lavoura, por exemplo, evidenciam tal relação no sentido de cultivar o alimento para si e para os

outros com as próprias mãos. Enquanto o trabalho, para a autora, permite a criação de objetos que transformam a natureza criando um *habitat* apartado dos demais animais.

Este raciocínio, de certa forma, também está presente no pensamento de Eliade (1992), quando explana que nas sociedades arcaicas, integradas com a natureza, todas as atividades tinham um propósito definido e eram desempenhadas de forma ritualística e, portanto, eram sagradas. A caça, a pesca, a dança, o ato sexual, as construções, todas as atividades eram desempenhadas de forma a repetir um ato primordial criado “*in illo tempore*”, no período mítico, por um ancestral, um animal totêmico, um deus, ou um herói” (ELIADE, 1992, p.32), aos mortais restava repetir esses atos exemplares, por exemplo, “O pescador da Melanésia, quando se lança ao mar, transforma-se no herói Aori, sendo projetado para os tempos míticos, para o momento em que teve início a viagem paradigmática” (ELIADE, 1992, p.40).

2.2 A representação dos indígenas

Sabe-se que quando os europeus desembarcaram no Brasil, eles se depararam com um território já povoado por sociedades bastante heterogêneas, com linguagens, valores, mitos e ritos norteadores distintos. Dentre estes, o grupo mais numeroso era o Tupi (MONTEIRO, 1994, p.19), estes indígenas ocupavam uma vasta extensão territorial que se estendia desde o nordeste do Brasil até partes da Argentina, Paraguai, Bolívia e Peru. Embora tivessem a mesma raiz linguística e cultural não eram exatamente um grupo uniforme, a despeito de Tupinambás e Tupiniquins que, segundo Monteiro (1994, p.19), era uma sociedade “radicalmente segmentada, sendo que as relações entre segmentos ou mesmo entre unidades locais frequentemente resumiam-se a ações bélicas”. Além destes, havia ainda os tamoios, temiminó, tabajara, potiguara, caeté, viatã, amoipira, aricobé, tupinaé ou tupiná. Ainda assim, os olhos portugueses pertenciam a um único grupo, de uma mesma raiz cultural, partilhando os mesmos costumes e língua.

Sobre estes costumes, pode-se dizer que contribuíram para uma aproximação com os europeus, pois os Tupi:

(...) viviam em aldeias de quatrocentos a oitocentos indivíduos, distribuídos em grandes unidades familiares que residiam em cerca de quatro a oito malocas alongadas. O parentesco patrilinear era um importante aspecto organizacional dessa sociedade, embora também se usassem divisões por sexo e idade para definir responsabilidades

e privilégios. A guerra e a captura de inimigos para serem finalmente mortos em meio à celebração de um ritual canibalístico eram aspectos integrantes da sociedade tupinambá, pois dessas atividades viris dependiam a obtenção de status, a escolha de esposas e o progresso ao longo das faixas etárias. Essa necessidade de fazer prisioneiros impelia as aldeias tupinambás a manter-se em constante estado de guerra com seus vizinhos mais próximos. (SCHWARTZ, 1988, p.41).

Além da organização patriarcal, a sedentarização e as práticas agrícolas favoreceram um olhar mais complacente dos europeus para com os Tupis em relação às outras sociedades indígenas, tais hábitos em comum os aproximaram, tornando possíveis alianças que desempenharam papel fundamental para a dominação portuguesa do território. De todo modo, as ações e reações dos indígenas foram contrárias às expectativas dos portugueses, o que fez com que buscassem impor diferentes formas de organização do trabalho com atitudes inconsistentes por parte dos indígenas que oscilaram entre colaboração e resistência. No entanto, nenhuma das várias formas de exploração tentadas foi satisfatória, resultando em um impacto negativo nas sociedades indígenas e contribuindo para a desorganização social e o declínio demográfico das populações nativas. Como resultado, os colonizadores passaram a recorrer cada vez mais ao trabalho forçado na tentativa de estabelecer uma base para a economia e a sociedade colonial. É nesse contexto que podemos situar as origens da escravidão no Brasil, nessa fase inicial das relações entre os portugueses e os indígenas. As consequências de tais atos sabe-se em que resultaram, são “As mudanças nos padrões de guerra e as graves crises de autoridade, pontuadas pelos surtos de contágios, conspiraram para debilitar, desorganizar e, finalmente, destruir os Tupiniquim” (MONTEIRO, 1994, p.18).

Já com as diversas outras etnias que viviam pelo interior do país, como os jê, cariri e caraíbas, devido à diversidade de hábitos e maior resistência à presença dos estrangeiros tornou-se mais difícil a aproximação dos europeus. Os aimorés, do grupo etnográfico jê, aparecem em relatos como um dos grupos mais combativos:

Sua cultura material era mais simples que a dos tupinambás ou dos tupiniquins. Não praticavam a agricultura, vivendo exclusivamente da caça e da coleta. Vários observadores portugueses afirmaram que esses índios não tinham habitações e viviam na floresta como animais; porém, dada a aversão que lhes tinham, tais informações devem ser encaradas com ceticismo. É provável que a estrutura social dos aimorés, como a de muitos povos jê, fosse bastante complexa, baseada em uma divisão de cada grupo local em moitiés (metades tribais). As atividades bélicas intensificaram-se após a chegada dos portugueses, mas parecem ter sido extremamente importantes mesmo antes disso. A hostilidade dos aimorés provocava em colonos, jesuítas

e oficiais da Coroa reações que beiravam a paranóia, seus relatos sobre esse povo revelam quase invariavelmente um misto de medo, admiração e repugnância. Outros ameríndios viviam em casas como homens, os aimorés viviam na floresta; os tupinambás comiam os inimigos por vingança, os aimorés porque apreciavam carne humana; e assim por diante. Quando a Coroa promulgou a primeira lei proibindo a escravização do gentio, em 1570, só os aimorés foram especificamente excluídos dessa proteção. (SCHWARTZ, 1988, p.41).

A estes grupos mais diversos e resistentes os portugueses denominaram Tapuias, não sendo de interesse, conforme relatos próprios da época, conhecê-los melhor: “Como os tapuias são tantos e estão tão divididos em bandos, costumes e linguagem, para se poder dizer deles, era de propósito e devagar tomar informações de suas divisões, vida e costumes; mas ao presente não é possível” (SOUSA, 1971 [1587], p.338 *apud* MONTEIRO, 1994, p.18). A atitude remete à clássica frase de Todorov: “Colombo descobriu a América mas não os americanos” (2010, p.69). Assim, reduzindo o amplo panorama etnográfico da época à dicotomia Tupis aliados e Tapuias inimigos, foram se criando estereótipos, padrões de representação que se tornaram constantes ao longo da história como selvagem/civilizado e bravo/manso.

Sobre os Tapuia, Monteiro (1994, p.30) aponta que: “Retratados no mais das vezes como inimigos e não como aliados – dos portugueses, bem entendido – representavam o traiçoeiro selvagem, obstáculo no caminho da civilização (...)”. E, como obstáculo da civilização e, conseqüentemente, do progresso está a ociosidade e a recusa ao trabalho imposto. Não que esta fosse uma exclusividade para com os Tapuias, como Darcy Ribeiro (1995, p.45) colocou:

Aos olhos dos recém-chegados, aquela indiada louçã (...) tinha um defeito capital: eram vadios, vivendo uma vida inútil e sem prestatça. Que é que produziam? Nada. Que é que amealhavam? Nada. Viviam suas fúteis vidas fartas, como se neste mundo só lhes coubesse viver.

É importante destacar que a questão não se limitou apenas ao trabalho, mas também abrangeu as concepções, práticas e modos de vida dos europeus e dos indígenas. Daí, surgiu a necessidade de construir a representação da diferença como um pressuposto fundamental na relação entre "superiores" e "inferiores", em que a atribuição de ociosidade estava relacionada ao "estágio" de "desenvolvimento civilizatório", ou seja, para os europeus, o significado do trabalho estava centrado na capacidade empreendedora dos povos. Assim, a "vadiagem" dos povos originários

era considerada uma "incapacidade" de progredir e evoluir, de acordo com os termos europeus.

Chicangana-Bayona (2008) aponta que as telas sobre os nativos do Brasil de Albert Eckhout, pintor holandês do século XVII, tem como característica um tom descritivo e naturalista em que o autor trabalha com três categorias: civilizados, relativamente civilizados e incivilizados. Neste "degradê", civilizatório seriam primeiro os europeus, posteriormente os tupis e os mamelucos, mestiços de indígenas e europeus, restando aos tapuias a alcunha de incivilizados. Chicangana-Bayona (2008) analisa nas obras de Ekchout as representações da Mulher Tupi, Mulher Tapuia e Homem Tapuia, de 1641, e Homem Tupi, de 1693.

Figura x - Índia Tupi e Índia Tapuia



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural

Observa-se a mulher Tupi vestindo uma espécie de saia, carregando uma quantidade maior de objetos e uma criança em pose estática, enquanto a mulher Tapuia veste folhagens, carrega partes de um corpo humano e está na companhia de um cão, o que evoca, à primeira representação, um ar mais pudico e maternal em detrimento da outra. Enquanto a mulher Tapuia encontra-se em meio à paisagem cercada de flores, folhagens e frutos, como em um habitat natural e sem intervenções, e com uma das pernas um pouco à frente, como quem está em movimento, a mulher Tupi tem ao fundo uma construção e plantação planejada, fazendo referência ao aldeamento fixo dos Tupis e à agricultura, dando indícios que esta encontra-se mais próxima do ideal de civilização europeia que a outra.

Figura - Homem Tupi (1693) e Homem Tapuia (1641)



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural

As figuras masculinas têm representação similar às anteriores, vê-se o homem Tupi vestido e sem adereços corporais, enquanto o homem tapuia está desnudo com adereços de perfuração. Os dois carregam objetos bélicos, o que, comparado às figuras femininas, conota uma divisão social do trabalho por gênero. Já nos cenários, observa-se mais uma vez na representação Tupi referência à agricultura, a partir da mandioca descascada no canto inferior direito e, ao fundo, no rio, pessoas agachadas como se estivessem desempenhando alguma atividade como a pesca, enquanto o homem Tapuia encontra-se em ambiente livre de intervenções.

As representações textuais acompanham as descrições dos Tapuias, enquanto selvagens. Gabriel Soares de Souza diz sobre os Tapuias:

É gente de pouco trabalho, muito molar, não usam entre si lavoura, vivem de caça que matam e peixe que tomam nos rios, e das frutas silvestres que o mato dá; são grandes flecheiros e inimigos de carne humana (...) Não vive este gentio em aldeias com casas arrumadas, como os tamoios seus vizinhos, mas em covas pelo campo, debaixo do chão, onde têm fogo de noite e de dia e fazem suas camas de rama e peles de alimárias que matam (SOUZA 1971 [1587] *apud* MONTEIRO, 1994, p.20).

É curioso como no caso dos Tapuias o fato de não terem atividade fixa, como a agricultura dos Tupis, nem residência, os aproxima da raiz etimológica da palavra “vagabundo”. Isso aparece de forma recorrente nos relatos da época:

Êstes tapuias vivem no sertão, e não têm aldeias nem casas ordenadas para viverem nelas, nem menos plantam mantimentos para sua sustentação; porque todos vivem pelos campos...e assim da caça, que tomam em grande abundância pela frecha, se sustentam. (BRANDÃO, 1956, p.346).

(...) Vagueiam à maneira de nômades e não se deteem sempre em aldeamentos ou territórios fixos, mas, mudam de morada, conforme a quadra do ano e a facilidade da alimentação. Teem compleição assaz robusta em tão grande número dêles quasi a mesma para todos. (BARLÉU, 1974, p. 260)

Além de avessos ao trabalho, para os moldes europeus, e a residência fixa, os Tapuias são representados nos relatos da época como seres demoníacos, perversos e, implicitamente, como grandes guerreiros em tom de repulsa, medo e, ao mesmo tempo, admiração: “São todos antropófagos e aterrorizam aos outros bárbaros e aos portugueses pela sua fama de crueldade” (BARLÉU, 1974, p. 261).

(...) correm com velocidade incrível, saltam inteiramente nus por entre espinhos e cardos, lançando horrendos brados e acometem os opositores em tal alvoroço, derrubando-os entre cantares e danças, correndo novamente, como acima mencionado, com grandes berros para o meio dos seus, invocando incontinenti o demônio a quem, sem demora, tudo anunciam em relação à batalha travada (...). (WAGENER, 1997, p.168).

São extraordinariamente altos, fortes e corpulentos estes homens selvagens, morenos de pele áspera e de longos cabelos negros; andam completamente nus e sabem recolher para dentro do corpo o membro viril, prendendo a parte saliente com uma pequena ligadura; adornam, em primeiro lugar, a cabeça e as armas com lindas plumas multicolores. Trata-se de gente pobre, de todo cega e ignorante, nada sabendo de Deus nem de sua Divina Palavra. Honram, servem e adoram o demônio, com quem têm grande afinidade, ao qual recorrem e interrogam sobre tudo o que se passa. (WAGENER, 1997, p.168).

O pensamento vigente no Império considerava os Tupis como pertencentes a um passado remoto, às origens da nacionalidade, acreditando que haviam desaparecido como povo por meio da miscigenação, no entanto, reconheceu-se que contribuíram significativamente para a formação da nação. Por outro lado, os Tapuias foram considerados selvagens traiçoeiros dos sertões que dificultavam o avanço da civilização, em oposição ao nobre guerreiro que estabelecia pactos de paz e sangue com os colonizadores. Pode-se dizer que a opção dos Tupis de se assimilarem custou-lhes sua sobrevivência como povo, enquanto a recusa dos Tapuias garantiu-lhes sua sobrevivência até o século XIX. Este contexto marcou o processo de construção de identidade nacional contrapondo povos assimiláveis aos resistentes, grupos pacíficos e violentos, marcadores que seguiram pontuando os discursos e narrativas acerca dos trabalhadores.

2.3 A representação do preto escravizado

A exploração intensiva do pau-brasil foi gradualmente diminuindo ao longo do século XVI, por sua vez, a produção de cana-de-açúcar começou a ganhar destaque no mesmo período, especialmente nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. Durante este processo, a base da força de trabalho passou por transformações significativas com a substituição gradual da mão de obra indígena pela mão de obra escrava africana e, com isso, a representação do indígena como inapto para o trabalho se acentuou justamente quando o tráfico e a comercialização de escravos africanos tornou-se mais interessante.

É certo que os africanos aprisionados para a escravidão se assemelhavam em muito aos indígenas, porém a crescente dificuldade de capturar indígenas e a imensa lucratividade do tráfico de escravos africanos tornaram-se determinantes na escolha desse novo grupo como força de trabalho. Diferentemente dos Tapuia, os novos escravizados estavam em território desconhecido, destituídos de sua organização social, cultural e religiosa e submetidos a castigos físicos e trabalho extenuante, o que tornava a mobilização de enfrentamento e resistência ainda mais difícil. Restava a lentidão, o boicote e a sabotagem no trabalho, enquanto forma de protesto:

(...) o negro era vagabundo para o senhor de escravos se não produzisse o quanto este desejava, sendo que no odioso regime de escravidão, principalmente no eito, uma das formas de resistência era, obviamente, procurar se trabalhar o menos possível, ou mesmo não trabalhar, quando a vigilância e a repressão arrefecessem por quaisquer motivos. (NASCIMENTO, 2001, p. 43-44).

Eis, porém, uma diferença marcante em relação à representação dos indígenas nas cartas, gravuras e telas enviadas à colônia, que tem relação direta com o início da produção jornalística no país. As primeiras experiências em relação à imprensa nacional se dão em meados de 1808, mas é de 1822 em diante, a partir da independência do Brasil, que há um aumento significativo no número de jornais. Com isso, a publicação de anúncios dos mais variados, dentre eles a compra e venda de escravizados, passa a circular nas distintas camadas sociais e, em muitos casos, a manter os jornais funcionando (PILAGALLO, 2012).

Assim, sendo o preto tratado como mercadoria e os donos de escravos financiadores e, por vezes, até mesmo sócios dos jornais, não se mostrava interessante dar ênfase às características “negativas” dos escravizados, pelo contrário, para os negócios se mostrava mais vantajoso enaltecer suas qualidades.

Aqui encontramos um ponto importante de atenção pela ambiguidade e contradição que se apresenta na representação do escravizado, os anúncios de venda exaltam a qualificação dos pretos enquanto mão de obra: “Vende-se uma escrava parda, cozinheira, costureira, engomadeira e rapariga. Quem a quiser comprar procure na rua da Igreja nº 25, à direita, na esquina dos Pecados Mortais”. (DIÁRIO DE PORTO ALEGRE, 25 junho de 1827).

Vende-se uma preta, muito moça com cria; sabendo lavar perfeitamente, e bem desembaraçada para o serviço doméstico: é muito sadia e o motivo da venda é não querer servir mais a seus antigos senhores. Para tratar - no largo do carmo n.75 - sobrado. (CORREIO PAULISTANO, 16 setembro de 1857).

Na rua do Rosário, n.37 vende-se um preto, perfeito cozinheiro. Para tratar na mesma casa. (CORREIO PAULISTANO, 16 setembro de 1857).

Anúncios de fuga com oferta de recompensa a quem encontrar o escravizado foragido também eram comuns. Nestes, as habilidades dos escravizados apareciam com menor frequência e marcas físicas ganhavam destaque, assim como o gosto pela música e pela dança, deixando subentendida a preferência por outras atividades que não o trabalho. Alguns exemplos são:

Em dias do corrente mês de março, fugiu ao abaixo assinado um seu escravo de nome Domingos, crioulo, oficial de pedreiro, de idade de 21 anos, de boa estatura, pouco fornido de corpo, sem barba, pouco enroupado, e tem sinais de castigo pelo corpo, cabelo tirando a cor de fogo, tem um golpe sobre a sobancelha do lado esquerdo e consta com certeza ter acompanhado o cigano Francisco Costa que a poucos dias atravessou para o Piauí entre S. Mamede e Corralinho da Parnaíba. Quem o pegar e entregar nesta cidade ao seu senhor, na do Maranhão ao Sr. Manoel Pereira Guimarães Caldas, no Ceará ao Sr. Joaquim da Cunha Freire e em Pernambuco ao Sr. José Batista da Fonseca Júnior, será bem recompensado do seu trabalho. Caxias 21 de março de 1853. Sergio José Vianna. (JORNAL PEDRO II, 4 junho de 1853, p.4).

No domingo a noite fugio assignado o escravo Lourenço, creoulo, bem preto e bonita figura, idade 30 e poucos annos, estatura regular, tem os dedos dos pés muito curtos, pés mal feitos. levou roupa limpa e cobertor de retalhos; falla sempre rindo se, é tocador de viola, amigo de dansa e pagodeira. (JORNAL PEDRO II, 4 junho de 1853).

Gratifica se com a quantia de 200\$000, além das despesas que fizer a quem o prender ou der notícias certas ao seu senhor morador a 1,2 léguas perto da estação da Rocinha na estrada que vai para o Itatiba. Protesta o annunciante proceder com todo o rigor da lei contra quem tiver acoutado o seu escravo. - Manoel Caetano Pacheco de Macedo. (CORREIO PAULISTANO, 10 outubro de 1880).

No dia 24 de setembro de 1872, fugiu o escravo de Frederico Antonio Pedroso, Francisco, crioulo de Mogy-Mirim, estatura alta, bem preto, rosto comprido, não tem barba, boa dentadura, pés grandes, pisa um pouco pra dentro, tem no rosto, para o lado esquerdo, um sinal de uma fistula; sabe ler e escrever, é bem activo no serviço de lavoura, sabe trabalhar de carapina, muito prosa, cantor de modinhas, e é também capelão. (DIÁRIO DE SÃO PAULO, 4 de outubro de 1872).

No caso das notícias, o tratamento para com a população escravizada é ainda mais depreciativo e de caráter generalista, em muitas ocasiões falando da atitude de um grupo, sem que fossem abordadas suas características individuais. A violência, o furto, a vadiagem eram temas constantes na representação dos escravizados. Como nestes exemplos: “Fizeram mais uma vítima na corte os terríveis capoeiras (...) é necessário extirpar essa cáfila de vagabundos e assassinos denominados capoeiras”. (PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 23 de maio de 1888). “Informou-nos a redação da mesma folha que nas tabernas próximas à estação de Valinhos reunia-se por vezes, grande número de escravos que praticavam desordem. Diz o informante que supõe haver em tais reuniões fins menos lícitos” (CORREIO PAULISTANO, 16 de outubro de 1875).

Mais um assassinato acaba de dar-se na fazenda de Morro Grande pertencente ao nosso amigo o Sr. Segisberto Motta Paes (...) Os escravos a foiçada e de traição cruelmente assassinaram-no e vieram a cidade apresentar-se na cadeia confirmando o seu nefasto crime com o maior cinismo e no meio de risadas contaram o facto em em seus pormenores. (PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 12 de julho de 1879).

No trecho acima, observa-se a diferença de tratamento para com o dono da fazenda, representado por nome e sobrenome em sequência do adjetivo “amigo” em relação aos escravizados associados à traição, crueldade e cinismo. Isso não necessariamente quer dizer que tenham aceitado tal tratamento, ainda em 1789, durante a Revolta dos Búzios na Bahia, os negros organizaram-se e utilizaram panfletos e manifestos para expressar sua revolta contra as desigualdades sociais e a discriminação racial. Esses materiais foram afixados em casas e muros, com o objetivo de unir os insurgentes e transmitir sua mensagem à sociedade. Em 1833, no Rio de Janeiro, foi lançado o primeiro periódico produzido pela e para a população negra intitulado, *O Homem de Cor*, tendo apenas 5 edições e sendo extinto no mesmo ano de lançamento (SANTOS, 2011, p.14-15).

Muitos outros periódicos foram feitos sob enormes adversidades, como a dificuldade em conseguir materiais, a falta de acesso à formação e as extenuantes

jornadas de trabalho, o que fazia com que as publicações fossem praticamente artesanais e culminassem em uma vida curta. Isso somava-se à grande taxa de analfabetismo do público-alvo, o que fazia com que o grande esforço de produção não alcançasse um número alto de leitores. Ainda assim, a contribuição de tais periódicos é de valor inestimável para a história do país, e graças ao conteúdo destas publicações é possível compreender um pouco mais dos anseios e posição social dos negros na luta abolicionista e contra a discriminação racial. No exemplo abaixo, observa-se o tom ácido e irônico dos textos, assim como a utilização do termo “vagabundo” com insulto à figura do capitão do mato:

Também seria de grande valor perante o progresso universal a exibição de um capitão-do-mato que seria classificado na seção de cães, como espécie nova de cão vagabundo alimentado pelos fazendeiros e destinado à perseguição da espécie humana. É uma descoberta que nos honra e que será por certo premiada pelo júri de exposição (JORNAL A REDEMPÇÃO, 11 de março de 1888).

Tal trecho faz referência às ideias eugenistas que circularam no Brasil no final do século XIX e início do século XX. Teorias e práticas baseadas em pseudociência que visavam a melhoria da sociedade por meio do controle da reprodução humana e da seleção de “características desejáveis”. Essas ideias surgiram no contexto de avanços científicos e debates sobre a hereditariedade e evolução, especialmente influenciados pelas teorias de Charles Darwin.

No Brasil, o movimento eugenista ganhou força principalmente nas áreas da medicina, da antropologia e da psiquiatria. O objetivo era promover a "pureza racial" e aprimorar a população brasileira através de medidas que restringiam a reprodução de grupos considerados "indesejáveis" ou "inferiores". Uma das principais preocupações dos eugenistas brasileiros era a miscigenação racial, que era vista como um obstáculo para o desenvolvimento do país. Acreditava-se que a mistura de raças resultava em degeneração física, mental e moral, e, portanto, medidas foram propostas para evitar ou controlar o casamento e a reprodução entre pessoas de diferentes raças.

Essas ideias surgiram no contexto de avanços científicos e debates sobre a hereditariedade e evolução, especialmente influenciados pelas teorias de Charles Darwin. Vale ressaltar que o eugenismo no Brasil teve influências internacionais, principalmente dos Estados Unidos e da Alemanha nazista. No entanto, é importante notar que, em comparação com outros países, como os Estados Unidos, as práticas

eugenistas no Brasil foram menos sistematizadas e não chegaram a ter uma implementação tão abrangente. Nesse contexto, foram promovidas políticas de esterilização forçada, principalmente de mulheres consideradas "improdutivas" ou com supostas deficiências físicas ou mentais. Essas esterilizações eram muitas vezes realizadas sem o consentimento ou conhecimento das pessoas afetadas, e alvos específicos incluíam mulheres negras, indígenas, pobres e com histórico de doenças mentais. Além disso, o movimento eugenista também defendia a imigração seletiva, incentivando a vinda de imigrantes brancos europeus considerados superiores em detrimento daqueles de outras origens étnicas. (SCHWARCZ, 1993, p.146-185).

Estas ideias aparecem nos jornais com a iminência da abolição da escravatura e o incentivo, por parte das elites, pela vinda de imigrantes, em sua grande maioria italianos, para o trabalho nas lavouras de café. Porém, antes de adentrar nos temas da abolição e imigração é importante salientar que mesmo com a escravidão vigente havia trabalhadores pobres e livres que desempenhavam papéis específicos, em sua grande maioria nascidos no Brasil:

A camada dos desclassificados ocupou todo o 'vácuo imenso' que se abriu entre os extremos da escala social, categorias 'nitidamente definidas e entrosadas na obra da colonização'. Ao contrário dos senhores e dos escravos, essa camada não possuía estrutura social configurada, caracterizando-se pela fluidez, pela instabilidade, pelo trabalho esporádico, incerto e aleatório. Ocupou as funções que o escravo não podia desempenhar, ou por ser antieconômico desviar mão-de-obra da produção, ou por colocar em risco a condição servil: funções de supervisão (o feitor), de defesa e policiamento (capitão-do-mato, milícias e ordenanças), e funções complementares à produção (desmatamento, preparo do solo para o plantio). (SOUZA, 1990, p. 63).

Kowarick (1987) denomina estes trabalhadores de "mão de obra acessória", e Sousa (1990) os chama de "exército reserva da escravidão". Eles foram aproveitados em expedições conhecidas como bandeiras e entradas, em que adentravam regiões selvagens e interiores do país em prol da expansão territorial e povoamento e também na implantação de ferrovias, abertura e conservação de estradas. Além disso, desempenharam papéis cruciais na construção e manutenção de presídios, nas obras públicas, nos serviços de guarda pessoal e na formação de polícias privadas. Os senhores preferiam contratar estes trabalhadores livres para desempenhar tais funções pelo custo benefício, já que havia iminência de fuga e risco de morte e acidentes, o que, caso acontecesse a algum de seus escravizados, incorreria em perda de um ativo econômico.

A proliferação de pessoas pobres e livres no interior das cidades escravistas resultou em um sistema expandido de controle social. A polícia recebeu o poder de controlar a vadiagem, o que lhe conferiu autoridade para vigiar a livre circulação na cidade e exercer um imenso controle sobre os pobres urbanos. Aqueles que não possuíam residência ou meios de subsistência comprovados estavam sujeitos ao arbítrio da autoridade policial e poderiam ser submetidos a trabalhos forçados, como nas obras públicas. Os melhoramentos urbanos no Rio de Janeiro durante o século XIX e as primeiras estradas relacionadas à indústria cafeeira (como as estradas da Polícia e do Comércio) foram construídos com o trabalho forçado de "vadios" recrutados à força (LESSA, 2000, p. 12-13).

Abaixo uma aquarela ainda dos tempos da escravidão em que é possível ver escravizados jogando capoeira no centro da tela sob vigia de policial à esquerda, como se estivesse em movimento para entrar em ação, ilustrando essa relação da polícia com os trabalhadores pobres e livres.

Figura 28 - Aquarela Negros em luta (1820 - 1824)



Fonte: Gravura de Augustus Earle (1793-1838), original na livraria nacional da Austrália, em Camberra.

Além destes trabalhadores livres e pobres havia os “escravos de ganho” que eram escravizados urbanos que exerciam um trabalho remunerado e repassavam parte de seus ganhos aos seus donos. Esses acordos estabeleciam uma cota mínima em dinheiro que o escravo deveria entregar diariamente ao seu senhor como resultado de seu trabalho. Qualquer valor que excedesse essa cota estabelecida pertencia ao

escravo. No entanto, se o montante não fosse alcançado, o escravo poderia sofrer castigos.

Havia uma variedade de atividades realizadas pelos escravos urbanos, dependendo de suas habilidades, tais como marinheiro, pescador, vendedor ambulante, transportador de carga, barbeiro, ferreiro, artesão, carregador de cadeirinhas, pedreiro, entre outros. As “ganhadeiras” eram predominantemente responsáveis pelo feitiço e venda de doces e alimentos, elas dominavam o pequeno comércio de rua em cidades como o Rio de Janeiro e Salvador.

No exercício dessas atividades, os escravos desfrutavam de certa autonomia e liberdade de movimento, podendo até mesmo residir em qualquer casa na cidade, comparecendo apenas à residência de seu senhor para efetuar o pagamento da remuneração acordada, em intervalos diários ou semanais. A parcela destinada ao escravizado poderia ser utilizada para alimentação, vestuário e até mesmo para a compra de sua liberdade. Após a libertação, era comum que os antigos escravos de ganho estabelecessem seus próprios pequenos negócios, trabalhando por conta própria.

Essa forma de exploração do trabalho escravo atendia aos interesses de ambos os lados: os escravos vislumbravam uma possibilidade, ainda que limitada, de liberdade, enquanto os senhores se livravam dos custos de alimentação, vestuário e supervisão de seus escravos, além de garantir uma outra fonte de renda.

No Rio de Janeiro, os proprietários que colocavam seus escravos no trabalho de ganho precisavam obter uma autorização da Câmara Municipal local, e caso o escravo de ganho não possuísse essa licença, ele era recolhido ao Depósito Público, e o senhor era obrigado a pagar uma multa.

Têm-se então na configuração social brasileira do final do século XIX uma parte da população cada vez mais itinerante, vagando pelos campos e cidades em busca de sobrevivência e melhoria de vida considerados pelos senhores uma classe desprezível, associada à ociosidade, vícios e atividades criminosas, em contraposição à disciplina do trabalho. Além disso, entre os pobres nativos, qualquer tipo de trabalho manual era considerado desonroso, humilhante e repugnante, remetendo à condição de escravidão. (KOWARICK, 1987, p. 47-48).

É neste contexto que, no final do século XIX, alguns jornais deram ênfase às diferenças “civilizatórias” entre os africanos e seus descendentes, ou entre nacionais e os europeus, colocando o primeiro grupo como inferior em relação ao segundo.

2.4 A representação dos italianos e dos recém-libertos

A independência do Brasil, em 1822, trouxe consigo uma problematização desde o seu início sobre a continuidade ou não do regime escravocrata. Essa questão foi motivada tanto por fatores externos, como a pressão inglesa e a Revolução Industrial, quanto por fatores internos, como o alto preço dos escravizados, fugas, rebeliões e o movimento abolicionista. No entanto, o problema se tornou mais evidente para os fazendeiros e para o governo com o ato inglês "Bill Aberdeen", que permitia a apreensão de qualquer embarcação envolvida no tráfico de escravos africanos, a Lei Eusébio de Queirós, de 1850, que proibiu o tráfico africano e a Lei do Ventre Livre, promulgada em 1871, garantindo a liberdade a todos os nascidos a partir daquela data. Esses eventos desencadearam mudanças significativas na forma como a escravidão estava estruturada, tornando-a cada vez mais insustentável devido ao crescente número de negros livres nas cidades e ao desejo eugenista de parte da população.

Isso tornou-se uma questão premente para os fazendeiros de café e para o Estado brasileiro. Sendo assim, como forma de suprir o *déficit* de mão de obra, os cafeicultores enxergaram na imigração uma alternativa viável e a curto prazo. Em 1871, foi criada a Associação Auxiliadora da Colonização e Imigração, que desempenhou um papel fundamental no recrutamento de trabalhadores europeus para o Brasil. Contava com recursos dos fazendeiros e o subsídio do poder público, já que a influência destes fazendeiros crescia nos governos tanto provincial quanto imperial.

A Associação Auxiliadora operava da seguinte maneira: iniciava uma campanha de propaganda na Europa para divulgar as oportunidades de trabalho no Brasil, recrutava os trabalhadores e custeava integral ou parcialmente as passagens para o país. Ao chegar, os imigrantes recrutados eram distribuídos para diferentes frentes de trabalho (TOLEDO, 2003, p. 429-430). Estes imigrantes pobres eram “nada mais que um processo forçado e artificial de recrutar, não verdadeiros povoadores, mas simplesmente instrumentos de trabalho para a grande lavoura cafeeira” (PRADO JR., 1963, p. 240). O jornal Correio Paulistano de 8 de janeiro de 1870 apresenta o cálculo que, naquela data, a compra de 100 escravos equivalia ao pagamento de 1666 trabalhadores livres em um ano (CORREIO PAULISTANO, 1870).

É neste contexto que, em 13 de maio de 1888, foi promulgada a Lei Áurea (BRASIL, 1888) decretando a abolição da escravidão no Brasil. Como exposto por Silva (2017, p.16):

(...) a abolição não foi um presente do ‘generoso’ Império à nação convertida ao culto da liberdade por repentino esclarecimento intelectual. Não foi um gesto de grandeza dos escravocratas arrependidos depois de séculos de exploração covarde legitimada por leis vergonhosas. Tampouco pode ser reduzida à evolução do capitalismo e à pressão da Inglaterra. Também não se resume à clarividência de Pedro II e aos princípios humanistas de sua filha Isabel.

Em seu livro, *Raízes do Conservadorismo Brasileiro*, Juremir Machado da Silva explica que este foi sim o resultado de um longo processo de lutas, resistência dos escravizados e fugas massivas. Como publicado no Diário de Notícias um ano após a abolição, “essa desobediência bendita, essa indisciplina salvadora, selou a emancipação do povo negro” (DIÁRIO DO MARANHÃO, 14 maio de 1888 *apud* SILVA, 2017, p.17). Isso não quer dizer, no entanto, que a discriminação havia acabado e que os negros tinham sido integrados de fato à sociedade. No dia seguinte à promulgação da Lei Áurea já havia a cobrança de medidas disciplinares para com os novos libertos:

Centenas de indivíduos sem ofício, e que terão horror ao trabalho, entregando-se por isso a toda sorte de vícios, precisam ficar sob um rigoroso regime policial para assim poderem ser mais tarde aproveitados, criando-se colônias, para as quais vigore uma lei, como a que foi adotada na França, recolhendo a estabelecimentos especiais os vagabundos, sujeitando-os à aprendizagem de um ofício, ou da agronomia, para que mais tarde o país utilize bons e úteis cidadãos. Assim se praticou nos Estados Unidos depois da emancipação. (DIÁRIO DO MARANHÃO, 14 maio de 1888 *apud* SILVA, 2017, p.21).

Com a reconfiguração do eixo econômico no Brasil, as outrora prósperas regiões nordestinas, conhecidas por sua indústria açucareira e Minas Gerais, com sua atividade de mineração, perderam seu protagonismo para o florescimento econômico do Vale do Paraíba, Rio de Janeiro e São Paulo com suas plantações de café. Assim, preocupavam-se com o futuro da mão de obra, já que o clima e os baixos salários não atrairiam os imigrantes. A solução, para os donos dos negócios, era contar com os trabalhadores nacionais, mas sob rígido controle do Estado:

Com a própria gente nacional é que devemos contar para o trabalho do campo e ela deve ser, em sua maioria, preferida, porque temos muitos braços sem trabalho e que necessitam dele: assim lucrará a lavoura e se evitará [SIC] muitas das cenas tristes que terão de dar-se, e que se darão em número muito maior se tais braços não

estiveram aplicados, se a vagabundagem não for reprimida com a maior severidade, e se os filhos dos libertos não estiverem em estabelecimentos apropriados, onde possam receber educação profissional e moral que os ponha no futuro a coberto do vício e lhes indique o caminho do trabalho e da honestidade. (JORNAL DO COMÉRCIO, DA LAVOURA E DA INDÚSTRIA, 1888 *apud* SILVA, 2017, p.22).

Enquanto isso, especialmente no sul e sudeste do país, cabia aos jornais alinhados aos cafeicultores exaltar a imigração e persuadir seus leitores de que esta era a melhor solução do ponto de vista econômico, social e cultural para o Brasil. Tarefa iniciada mais de uma década antes da abolição, como visto com a criação da Associação Auxiliadora da Colonização, de 1871. Um dos jornais alinhados a esta ideologia era A Província de São Paulo, atual O Estado de São Paulo, cujos trechos abaixo ilustram essa posição:

Os povos incultos são vadios, por que não conhecem família. O imigrante que aporta às nossas plagas é de ordinário um pai de família. Por mais tosco que seja ele, é sempre filho da civilização, o produto de uma elaboração secular, um homem imensamente afastado do ponto de partida inicial da vadiagem. É o amor à família que o determina a romper todos os laços das suas outras afeições, a abandonar os seus pecados, o torrão que o viu nascer. (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 16 de março de 1876).

É justamente o sistema inverso ao sistema oficial o que está sendo adotado na prospera e inteligente província de S. Paulo com o melhor êxito. Alguns fazendeiros mais adiantados e previdentes, antevendo a intensidade próxima da crise que já faz sentir a falta de braços, tem atraído às suas plantações de café o imigrante europeu. Os resultados têm justificado plenamente essa louvável iniciativa. Fazendeiros e colonos estão satisfeitos e parece resolvido o duplo problema de salvar a lavoura e de fixar o europeu, o melhor colono, no nosso país. (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 3 de setembro de 1876).

A missão importantíssima, complexa e múltipla da sociedade Central de Imigração pode, no entanto, resumir-se assim. Dar ao Brasil a melhor população possível; Colocar essa população nas melhores condições de progresso e felicidade. A melhor população – está plenamente demonstrado – só nos pode ser fornecida pelos países mais avançados da Europa por emigrantes espontâneos, dirigindo-se ao Brasil na persuasão de aqui encontrarem elementos para melhorar a sua sorte. (PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 25 de dezembro de 1888).

Cumprir não confundir o problema da imigração com o da substituição dos braços necessários à grande lavoura. Esta quer salarizados, e chega a preferir até os de raça inferior. O escopo da imigração porém é de ordem muito mais elevada; busca organizar os elementos que devem formar a grande nacionalidade brasileira, senhora da maior e melhor parte do continente sulamericano. Exige, por isso mesmo, a maior seleção nestes elementos. Ora, para que o imigrante ativo,

laborioso, inteligente, progressivo venha para o Brasil é preciso que este país lhe ofereça condições de bem estar para si e para sua família, impossíveis encontrar na Europa. (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 28 de janeiro de 1889).

Enquanto isso, o governo federal trabalhava para atender as demandas dos donos de negócios criando mecanismos para reprimir os trabalhadores pobres e livres fazendo do trabalho o *tripalium*, ou seja, um castigo. Dentre estes, pode destacar-se o Código Penal, de 1890, cujo capítulo XIII, promulgado pelo então primeiro presidente do Brasil, Manoel Deodoro da Fonseca, que versa sobre os vadios e capoeiras:

CAPITULO XIII DOS VADIOS E CAPOEIRAS

Art. 399. Deixar de exercitar profissão, officio, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meios de mpresária e domicilio certo em que habite; prover a mpresária por meio de mpresár prohibida por lei, ou manifestamente mpresár da moral e dos bons costumes:

Pena - de prisão cellualar por quinze a trinta dias.

§ 1º Pela mesma sentença que condemnar o infractor como vadio, ou vagabundo, será mp obrigado a assignar termo de tomar mpresár dentro de 15 dias, contados do cumprimento da pena.

§ 2º Os maiores de 14 annos serão recolhidos a estabelecimentos disciplinaes industriaes, onde poderão ser conservados até á idade de 21 annos.

Art. 400. Si o termo for quebrado, o que importará mpresária, o infractor será recolhido, por um a mpr mpr, a colonias penaes que se fundarem em ilhas mpresári, ou nas fronteiras do mpresário nacional, podendo para esse fim ser aproveitados os mpresári militares existentes.

Paragrapho são. Si o infractor for estrangeiro será deportado.

Art. 401. A pena imposta aos infractores, a que se referem os artigos precedentes, ficará extincta, si o mpresári provar superveniente aquisição de renda bastante para sua mpresária; e suspensa, si apresentar fiador mpres que por mp se obrigue.

Paragrapho são. A sentença que, a requerimento do fiador, julgar quebrada a fiança, tornará effectiva a mpresário suspensa por virtude mpr.

Art. 402. Fazer nas ruas e praças publicas mpresário de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal:

Pena - de prisão cellualar por dous a seis mezes.

Paragrapho são. E' considerado circumstancia mpresári pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.

Aos chefes, ou cabeças, se imporá a pena em dobro.

Art. 403. No caso de mpresária, será mpresár ao capoeira, no gráo mpres, a pena do art. 400.

Paragrapho são. Si for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Si nesses mpresário de capoeiragem perpetrar mpresári, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor publico e particular,

perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança pública, ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas previstas para tais crimes. (BRASIL, 1890).

A Lei nº7.566 de 23 de setembro de 1909 (BRASIL, 1909) cria a Escola de Aprendizes e Artífices, a fim de complementar o decreto anterior que diz que o cidadão maior de 14 anos precisava provar profissão, ofício ou meio de subsistência, sob pena de prisão. O público da escola era bem definido, os nascidos em famílias pobres:

Considerando: Que o emprego constante da população das cidades exige que se facilite às classes empobrecidas os meios de vencer as necessidades sempre crescentes da luta pela existência; Que para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o emprego preparo técnico e profissional, como fazê-los adquirir emprego de trabalho útil, que os afastará da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime (BRASIL, 1909).

Os estudantes deveriam ter entre 10 e 13 anos de idade, permanecendo nas "oficinas de trabalho manual ou mecânica que forem mais convenientes e necessárias no Estado em que funcionar a escola, consultadas, quanto possível, as especialidades das indústrias locais", no período que compreendia "das 10 horas da manhã às 4 horas da tarde", e sendo "renda da escola o produto dos artefactos que saírem de suas oficinas" (BRASIL, 1909).

Já em 1941, surge a Lei das Contravenções Penais. Nela a vagabundagem e a mendicância ganham *status* mais brandos perante a justiça, uma vez que passa de crime para contravenção e com isso pena de prisão simples e/ou multa (TJDFT, 2023). Ainda assim, era vista como perigosa a pessoa que praticava mendicância e/ou vagabundagem:

Art. 14. Presumem-se perigosos, entre outros, dos indivíduos a que se referem os arts. I e II do art. 78 do Código Penal:
I – o condenado por motivo de contravenção cometido, em estado de embriaguez pelo álcool ou substância de efeitos análogos, quando habitual a embriaguez;
II – o condenado por vagabundagem ou mendicância. (BRASIL, 1941).

A pena para tais infrações, o trabalho:

Art. 15. São internados em colônia agrícola ou em instituto de trabalho, de reeducação ou de ensino profissional, pelo prazo mínimo de um ano: (Regulamento)
I – o condenado por vagabundagem (art. 59);
II – o condenado por mendicância (art. 60 e seu parágrafo); (BRASIL, 1941).

Nesse entretempo a população estrangeira, em especial de italianos, crescia de forma vertiginosa. Em 1893, por exemplo, chegou a ser maior do que a nacional em São Paulo, sendo o idioma italiano proibido na cidade (SANTOS, 2003, p.35). As condições de vida e de trabalho, no entanto, não eram muito diferentes das já vivenciadas pelos trabalhadores nacionais:

Muitos fazendeiros mudaram de pessoal, nos seus domínios, mas não mudaram de métodos. Não eram incomuns os casos de espancamento, nem aqueles em que os imigrantes eram alojados nas antigas senzalas. Havia contratos especificando que o trabalho seria de 'sol a sol', e multiplicavam-se as cláusulas prevendo multas e reduções de salários. Muitas vezes as compras dos trabalhadores tinham de ser feitas nas próprias fazendas, a preços inflacionados, o que os endividava e lhes aumentava a dependência do patrão. (TOLEDO, 2003, p. 435).

As fugas tornaram-se constantes, “em 1895, um deputado acusa que dos 74.795 imigrantes chegados em 1893, 37.641 não foram para a lavoura e 5.800 não deram entrada na Hospedaria (...)” (ANDRADE, 1991, p.99 *apud* TOLEDO, 2003, p.435). Estes estrangeiros foragidos acabaram estabelecendo-se nas zonas periféricas dos centros urbanos, redutos negros das cidades, como é o caso do bairro do Bexiga na capital paulista que até os dias de hoje reúne a escola de samba Vai Vai, terreiros de umbanda e candomblé, renomados centros de capoeira, além da igreja e da tradicional festa de Nossa Senhora Achiropita e das tradicionais cantinas italianas.

Logo, “a construção mítica¹⁰ e romantizada do imigrante como trabalhador ideal quebrou-se sob o impacto das relações efetivas de trabalho e do choque e distância existentes entre os desejos e interesses de imigrantes e fazendeiros” (NAXARA, 1998, p. 67). Tomando, por exemplo, o mesmo jornal, A Província de São Paulo, percebe-se como a expectativa e idealização do imigrante deram lugar à crítica:

A colônia italiana, que hoje é tão numerosa nesta província, tem necessidade de dar provas de suas aptidões do seu patriotismo e ao mesmo tempo da gratidão para com o país, à sombra de cujas leis vive feliz, para que de uma vez, desapareçam os preconceitos e a desconfiança que nutrem ainda alguns nacionais contra os italianos em geral. É preciso uma reparação dessa grave injustiça e que saiba julgar os estrangeiros pelo seu gênio laborioso, assim como pelas qualidades morais que possuem. Porém, para conhecimento exato de um povo e de sua índole, é indispensável que não se observe isoladamente alguns indivíduos que procuram a América, alguma

¹⁰ O sentido de “construção mítica” aqui expresso é diferente da concepção apresentada na Introdução, portanto, não representa a opinião da autora desta tese.

vezes fugidos a penas de grandes crimes que praticaram em seu país. É portanto, necessária a convivência com grande número de indivíduos que imigraram espontaneamente, como acontece, presentemente com os italianos que chegam aqui preferindo o nosso clima e a uberdade de nossas terras a outros países talvez mais favorecidos pelos governos. (PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 13 de setembro de 1898).

Seria preciso que o operário fosse só operário, e que o imigrante em geral, qualquer que fosse a sua categoria, deixasse de se envolver nas questões internas do país, perturbando o trabalho e fazendo com que nós, pelo interesse da própria defesa, desperdicemos na ampliação dos recursos militares aquilo que devia ser empregado em vantagem de todos, estrangeiros e nacionais, melhorando as condições do meio físico e do meio social. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 11 de fevereiro de 1898).

A Gazeta de Piracicaba em seu numero de 22 do corrente, noticia a chegada aquela cidade de 24 colonos italianos, idos de Dois Córregos, da fazenda dos srs. Cruz & Irmão, dizendo que ali chegaram eles a pé carregando malas às costas, sem dinheiro para transporte, e o que é mais grave ainda – que iam fugidos devido ao mau trato que na fazenda dos srs. Cruz & Irmão se dispensa aos colonos. Ora, este fato que em si é por demais grave pelas funestas consequências que podem trazer para a lavoura de nosso município em particular, e da nossa província em geral, mpres na atualidade em que o governo italiano procura impedir a corrente imigratória para S. Paulo, necessita ser contestado, ou ao menos melhor esclarecido de modo a se fazer a luz sobre as razões que motivaram a fuga de tais colonos, nas condições narradas pela Gazeta de Piracicaba, e, estamos certos, os srs. Cruz & Irmão não se farão esperar. (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 27 de outubro de 1887).

Quem conhece de perto o estabelecimento agrícola dos srs. Cruz & Irmão cuja administração se acha hoje a cargo do sócio sr. Francisco de Paula Cruz, cavalheiro franco, delicado e que tem o seu tirocinio feito na lavoura, não pode de primeira impressão admitir semelhante disposição. Forçosamente circunstâncias muitos especiais motivaram a retirada dos colonos da maneira como narra a Gazeta de Piracicaba, porquanto não são muitos dias tivemos ocasião de pessoalmente verificar o estado satisfatório em que se achavam as famílias de imigrantes da fazenda dos srs. Cruz & Irmão. Quem ler as acusações que se têm levantado contra a hospedaria de imigrantes em S. Paulo, acusações falsas e sem fundamento, além de outras do mesmo gás, facilmente compreenderá que no nosso país muito levemente se costuma emprestar cores negras a um assunto pelo qual todos nós deveríamos tomar o mais vivo interesse. Não me consta, desde então até hoje que haja aparecido mais referência sobre o fato. Ele ficou, pois, perfeitamente explicado no meu procedimento nada houve que me tornasse merecedor de censura da imprensa ou de quem quer que seja. Continuo com 16 famílias italianas e estamos contentes e nos entendemos perfeitamente. (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 27 de outubro de 1887).

Muitos destes italianos recém-chegados vinham de núcleos urbanos, nunca tendo trabalhado na lavoura, mas já com o conhecimento de um ofício como sapateiro, chaveiro ou mecânico automotivo, por exemplo, outros viviam do comércio ambulante de frutas e peixes frescos que compravam no porto de Santos diariamente. Também serviam aos barões do café e aos novos ricos das, à época, recentes indústrias como condutores de coches de aluguel ou particulares e, ainda, como operários nas fábricas do ramo têxtil, de chapéus, de fósforos, de cerveja, serrarias e fundições (TOLEDO, 2003, p. 438).

Com o dinheiro obtido dos serviços e vendas de produtos conseguiam arrendar terrenos em áreas periféricas e comprometidas das cidades, sujeitas a alagamento, por exemplo, e construir grandes casarões de dois andares onde estabeleciam seus comércios e oficinas no nível da rua e moravam no andar de cima, e também alugavam quartos e porões para os nacionais. Por conta disso, era comum que os imigrantes arranjassem serviço como empacotador, carregador ou lavador de roupas para seus inquilinos para que conseguissem pagar o aluguel (BORGES, 2013, p.63). Estes casarões que contavam com grande número de habitantes passaram a ser chamados de cortiços e eram frequentemente alvo de visita policial e de notícias pejorativas:

Circular. – O dr. Chefe de polícia em circulo de ontem, recomendou aos subdelegados a adoção de medidas tendentes a reprimir a vadiação e vagabundagem que se ocultam nos cortiços, devendo aquelas autoridades visitar os cortiços dos respectivos distritos 2 vezes por semana (Província de São Paulo, 16 de fevereiro de 1888) É necessário que a polícia empregue toda a vigilância, para manter o sossego público perturbado por alguns estrangeiros que ultimamente têm invadido esta cidade. Em uma destas noites passadas reuniram-se os tais turbulentos em um cortiço à rua de Palha, donde partiam altas vozes, injúrias e ameaças. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 14 de maio de 1896).

Por mais que ocupassem os mesmos espaços, foi sendo criada uma distinção entre os nacionais e imigrantes e seus descendentes. Por aportarem no Brasil com uma vivência social já urbana e industrializada, tendo acesso a algum estudo, mesmo que em nível modesto, e sendo brancos, cristãos e europeus numa sociedade de valores eurocêntricos e marcada pelo racismo, muitos destes imigrantes levaram vantagem na colocação dos postos de trabalho, ficando para estes as atividades técnicas e intelectualizadas e restando aos nacionais o trabalho braçal de menor remuneração (KOWARICK, 1997).

Dentre os conhecimentos que os trabalhadores imigrantes traziam da Europa, estavam a mobilização grevista, a organização sindical e outras formas de organização social, econômica e política como o anarquismo, o comunismo e o socialismo. Assim, no início do século XX, começam a circular periódicos e propagandas desses movimentos sociais, bem como convocações grevistas. Um desses veículos era o semanário *La Bataglia*, de 1904, idealizado pelo anarquista italiano Oreste Ristori, que entrou clandestinamente no Brasil pela fronteira com o Uruguai e chegou a São Paulo. O jornal circulou ininterruptamente até agosto de 1913, mas a partir de setembro de 1912 passou a se chamar *La Barricata*. Em seu auge chegou a atingir a tiragem de 5.000 exemplares e focava, principalmente, em criticar as difíceis condições de vida e trabalho enfrentadas pelas classes populares italianas no Estado de São Paulo, tanto nas áreas rurais quanto urbanas (BIONDI, 1998, p.117).

Em 1908, a Confederação Operária Brasileira, primeira organização a atuar nacionalmente pela união operária, era responsável pelo periódico anarcossindicalista “A voz do trabalhador”, que funcionou de 1908 a 1909 de forma mensal e 1913 a 1915 de forma quinzenal. Além da atuação sindical e do anarquismo, abordava a repressão policial, a vida dos trabalhadores, literatura e teatro. A circulação de veículos como esses e a crescente politização dos trabalhadores eclodiu, em 1917, em uma grande greve iniciada em São Paulo, majoritariamente por mulheres no cotonifício Crespi, e tendo adeptos no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul chegando ao número estimado de 70.000 adeptos.

O jornal operário “A Terra Livre” já havia denunciado o trabalho infantil, os maus-tratos e a extenuante jornada laboral uma década antes:

(...) onde o suplício dos operários atingiu o cúmulo inquisitorial é na fábrica de tecidos de São Paulo (...) os teares e as máquinas nunca param nem de dia nem de noite. Os homens (...) trabalham 16 horas por dia (...) e as mulheres (...) 14, 12, 11 horas por dia (...). As crianças das lançadeiras, de ambos os sexos, de 8 a 12 anos (...) trabalham das 5 horas da tarde às 6 da manhã, com uma hora de intervalo, sob a vigilância dos guardas. A certa altura da noite quase todas essas crianças (...) meio mortas de fadiga e de fome, caem a dormir: então o encarregado acorda-as e manda-as retornar ao trabalho. (...) Os contramestres na fábrica têm carta branca, podem bater nos seus subordinados ou despedi-los. (A TERRA LIVRE, 23 fevereiro de 1907).

Ela teve início com questões específicas de diferentes setores que gradualmente aderiram ao movimento grevista, alguns em solidariedade (BATALHA,

2000). Posteriormente, a pauta da greve passou a abranger uma ampla gama de reivindicações:

- Que sejam postas em liberdade todas as pessoas detidas por motivo de greve;
- Que seja respeitado do modo mais absoluto o direito de associação para os trabalhadores;
- Que nenhum operário seja dispensado por haver participado ativa e ostensivamente no movimento grevista;
- Que seja abolida de fato a exploração do trabalho de menores de 14 anos nas fábricas, oficinas etc.;
- Que os trabalhadores com menos de 18 anos não sejam ocupados em trabalhos noturnos;
- Que seja abolido o trabalho noturno das mulheres;
- Aumento de 35% nos salários inferiores a \$5000 e de 25% para os mais elevados;
- Que o pagamento dos salários seja efetuado pontualmente, cada 15 dias, e, o mais tardar, 5 dias após o vencimento;
- Que seja garantido aos operários trabalho permanente;
- Jornada de oito horas e semana inglesa;
- Aumento de 50% em todo o trabalho extraordinário (BATALHA, 2000).

Durante e após a greve, muitos operários, sindicalistas e imigrantes foram presos, mortos ou expulsos do país, outros ajudaram a fundar ou filiaram-se ao Partido Comunista Brasileiro, de 1922 (BATALHA, 2000). Conflitos como este, somados à dificuldade da entrada de estrangeiros em decorrência da primeira guerra mundial fez com que o número de imigrantes começasse a cair e os olhares voltassem aos nacionais, como o nordestino fatigado pelas secas.

2.5 Os migrantes

No início do século XX, graças ao destaque econômico e político adquirido pelos ganhos com o café, o centro-sul do país, e ainda mais São Paulo, se destaca na cena artística e cultural brasileira com o modernismo, instituindo novos códigos de sociabilidade, concepções de modernidade e progresso que influenciaram as

mentalidades e valores da época. Enquanto isso, o norte-nordeste vive o aprofundamento de uma crise marcada por mudanças significativas decorrentes de sua dependência econômica, submissão política em relação às outras áreas do país, desafios relacionados à adoção de tecnologias mais avançadas e à garantia de mão de obra adequada para suas atividades.

Nessa época, acentua-se o nacionalismo, decorrente da geração de intelectuais da primeira república (1889-1930), que buscavam uma base comum para a “construção da nação”, uma identidade coletiva para o país (CARVALHO, 1990, p.35). Esse movimento tinha influência direta dos republicanos, especificamente dos ricos fazendeiros do oeste paulista, que incomodados com a pouca representatividade política se colocavam como liberais, inovadores e adeptos do progresso. Holanda nos diz que: “O Partido Republicano se tornou em São Paulo, muito antes, e muito mais do que em outras províncias, uma força poderosa, coesa, organizada, apta, por isso a assumir posição de hegemonia depois de 89”¹¹ (HOLANDA, 1995, p.279).

Lembrando que estes oligarcas paulistas eram os donos do jornal A Província de São Paulo/ O Estado de São Paulo e, portanto, contavam com um dos maiores veículos do país para disseminar suas ideias (PINA, 2018). Assim, essa curiosidade nacionalista de conhecer o país “verdadeiramente” resultou em uma proliferação de artigos de viagem nos jornais, abordando diversas regiões do país, desde a década de 1920 até a década de 1940. Tendo como referência os “seus costumes” e valores, os jornalistas paulistas tomam o que veem de diferente nos locais que visitam como “estranho” ou “regional”, como se o modo de vida do sudeste representasse o “nacional” e os demais fossem exceção ou não tivessem o mesmo valor. “São Paulo e Rio de Janeiro se colocam como centro distribuidor de sentido em nível nacional. As “diferenças” e “bizarrias” das outras áreas são marcadas com o rótulo do atraso, do arcaico, da imitação e da falta de raiz” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p.54). É comum encontrar nos textos da época um dualismo, a oposição entre paulista e nordestino, sul e nordeste, assim como a generalização da região Nordeste sem que se saiba qual a cidade ou Estado visitado, bem como a depreciação do nordeste e dos nordestinos:

(...) algo sabíamos por leitura sobre a terra do sofrimento, que tem prados só de urzes, tem montanhas de penhascos, habitações só de colmos, céu que nunca se encobre ... chão que nunca recebe orvalho, rios que não têm água. O Nordeste brasileiro só foi divulgado com tal

¹¹ O autor refere-se a 1889, ano da Proclamação da República do Brasil.

designação após a última calamidade que assolou em 1919, determinando a fase decisiva das grandes obras contra as secas. (...) quando levas de esqueléticos retirantes vieram curtir saudades infundas na operosidade do generoso seio sulino, quem sabe se ainda em dúvida, entre a miséria de lá e a abundância daqui (O ESTADO DE SÃO PAULO, 10 de agosto de 1923).

(...) Incontestavelmente o Sul do Brasil, isto é a região que vai da Bahia até o Rio Grande do Sul, apresenta um tal aspecto de progresso em sua vida material que forma um contraste doloroso com o abandono em que se encontra o Norte, com seus desertos, sua ignorância, sua falta de higiene, sua pobreza, seu servilismo (O ESTADO DE SÃO PAULO, 17 fevereiro de 1924).

Este discurso do jornal paulista favorece e corrobora com as ideias eugenistas até então em voga, pois: “Esta diferença acentuada na vida material e social das duas áreas quase sempre é atribuída à presença do trabalho dos imigrantes no Sul e à falta deles no Norte” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p.54). O rápido desenvolvimento do Sul e Sudeste, em especial da cidade de São Paulo, explicava-se pela suposta superioridade geográfica e racial. Vendia-se a imagem de uma cidade cosmopolita, com uma elite praticante do *footing*¹² por entre uma novíssima arquitetura inspirada nas cidades e monumentos europeus como a estação da Luz, os viadutos Santa Ifigênia e do Chá, o imponente Teatro Municipal e as novas lojas de artigos importados e luxuosos.

Mas na cidade não viviam apenas ricos, com a expansão populacional e o adensamento urbano, a cidade crescia e novos agrupamentos se formavam entre os povoados antigos e o centro. As vilas distantes iam tornando-se mais “próximas” do local da fundação de São Paulo, ou seja, surgia uma percepção de unidade, mas também de segregação em relação aos que residiam longe do centro.

(...) os moradores das áreas mais distantes - Penha, Nossa Senhora do Ó, Santana, Santo Amaro, Guarulhos entre outras localidades - vinham vender seus produtos agrícolas, medicinais, artesanais, madeira e outros artefatos para os moradores das regiões mais centrais da paulicéia.

Esses sujeitos sociais, que marcaram presença em São Paulo na virada do século, ficaram conhecidos como ‘caipiras ou caboclos’, em parte em decorrência da distância de suas residências, em parte por causa de suas origens indígenas e características físicas e comportamentais vinculadas à população pobre nacional.

(...) seu andar é pesado e eles tem um ar rústico e desajeitado. Os cidadãos têm pouca consideração por eles (...). (SANTOS, 2003, p.101).

¹² Caminhada cujo objetivo era ver e ser visto, olhar vitrines e, ocasionalmente, fazer compras.

Pretos, mestiços e caboclos que, à época, somavam 30% da população passaram a ser ignorados pela imprensa direcionada agora para os regionalismos. (ALBUQUERQUE JR., 2011, p.56). É junto a estes periféricos que os 796.649 migrantes nordestinos que desembarcaram em São Paulo, entre 1934 e 1949, se agregam e, destes, 331.859 eram baianos (ZANLORENZI, 1998, p.7).

Sua representação, assim como a de grupos expostos anteriormente, é bastante ambígua. Por vezes, “o forte homem que desbravou a selva amazônica”, por outras fraco, sem ambição e de uma “indolência natural”.

Habitados a uma vida sem aspirações e uma incerteza absoluta do dia de amanhã, quando chegam a São Paulo, mostram, na sua maior parte, pouca ambição e daí uma natural indolência. Verdade é que esta indolência (...) é também em grande parte devido ao seu estado de fraqueza. (...) Homens como estes, está claro, precisam ser tratados, e uma vez livres da infecção que os abate e tonificado seu organismo (...) em pouco tempo tornam-se elementos de trabalho se não melhores pelo menos iguais aos estrangeiros (LEME, 1919, p.139 *apud* KOWARICK, 1987, p.127).

Um engenheiro alemão que lá havia duvidava muito que aqueles homens de tão fracas aparências dessem conta do recado. (...) Esperava-se, porém, que, à medida que aumentasse a altura dos silos, o perigo do trabalho atemorizasse os improvisados operários (...). O medo era um fator que não entrava em conta para eles (...). Mas temia-se ainda um contratempo: quantos eles chegarem lá em cima, pensavam alguns, saberão cobrar-se caro: reclamarão um enorme aumento de salário e colocar-nos-ão entre as duas pontas de um dilema - ou atendermos a quantas exigências entenderem fazer, ou veremos a obra inacabada. (...) Mas a esperada ‘greve’ não se declarava. Pelo contrário: os caboclos pareciam mais despreocupados do que nunca. Como não ligavam nenhuma importância ao perigo, não se julgavam com direito a nenhum aumento de salário. (...) mais um traço da mentalidade dos colonos: o desapego ao lucro e uma honestidade a toda prova no cumprimento dos contratos, isto é, ausência de espírito de especulação. Se porventura um trabalhador agrícola europeu fosse capaz desta improvisação, faria pagar o seu trabalho a peso de ouro, a força de greves e reivindicações (LIMONGI, 1916, p.12 e 14 *apud* KOWARICK, 1987, p.129).

Chegada constante e intensa de paus-de-arara, que sofrem da miragem de uma vida melhor na capital da república são sem profissão, sem ofício de qualquer espécie, sem conhecimento de qualquer ofício exigido nas grandes cidades (JORNAL DO BRASIL, 8 de janeiro de 1956).

A partir dos anos 30, incentivada pelo governo Vargas que acelerava seu desenvolvimento industrial, a cidade absorvia contingentes nacionais cada vez maiores de força de trabalho. “Por ser a Bahia ponto de passagem dessa migração, nordestinos de todas as origens que chegavam em São Paulo passavam a ser

nominados como baianos” (ZANLORENZI, 1998, p.65). Nos decênios seguintes seguiram-se as grandes levas de nordestinos, em sua maioria, pobres, sem qualificação para o trabalho industrial e, em grande parte, preto ou mestiço. Adjetivos como “pau de arara”, “flagelados”, “bóia fria”, “retirantes” tornam-se constantes no senso comum, assim como o estereótipo do “baiano preguiçoso” que “não trabalha e só faz festa” (ZANLORENZI, 1998, p.9).

Albuquerque Júnior (2007) considera que tal estereótipo é atribuído à composição étnica predominante do estado baiano, onde a maioria da população é de origem africana, descendente do sistema escravista. Após a abolição da escravatura no Brasil, essa população reagiu aos anos de trabalho forçado buscando a liberdade de trabalhar de acordo com sua vontade e ter controle sobre seu próprio tempo de trabalho. Infelizmente, esse comportamento foi interpretado pelas elites como preguiça, sendo que elas mesmas apresentavam aversão ao trabalho manual.

O negro que fora, durante muito tempo, a solução para a falta de braços nas lavouras de exportação ou na atividade mineratória, invadira todo o cotidiano de uma sociedade dominada por uma elite que, em grande medida, desprezava o trabalho manual, que não se dispunha a carregar um pacote pelas ruas, por considerar alvitante, que dependia do escravo para quase todas as atividades mais mezinhas, fosse no campo ou fosse nas cidades (ALBUQUERQUE JR., 2007, p.56 e 57).

Conforme argumentado pelo autor, a visão elitista da sociedade perdurou ao longo dos séculos devido à forma como o Estado brasileiro foi construído. Ao contrário do que ocorreu nos Estados Unidos e em outros países da América Latina, a separação do Brasil em relação à metrópole portuguesa foi liderada por um membro da própria família real portuguesa. Isso resultou em uma independência política que não acarretou em uma ruptura significativa com a estrutura econômica e social existente.

Não só nos jornais os estereótipos foram difundidos, as rádios seguiam a mesma linha dos jornais, e a hegemonia do Centro-Sul se estabeleceu desde os primórdios da televisão no Brasil. Já as três primeiras emissoras de TV foram fundadas em São Paulo, enquanto a quarta e mais importante emissora, a Rede Globo, nasceu no Rio de Janeiro e mantém sua sede lá até os dias atuais. As emissoras localizadas em outras regiões, como o Nordeste, surgiram apenas como afiliadas de uma emissora principal sediada no eixo Rio-São Paulo, com acesso limitado a uma parcela restrita da programação. Tais estados estabeleceram-se como

polos difusores de informação, cultura e entretenimento no mais das vezes imprimindo uma visão de mundo, a partir de seu ponto de vista, estereotipando sotaques, costumes, depreciando e inferiorizando fatos e acontecimentos fora de tal eixo, cristalizando a imagem dos nordestinos para os não nordestinos numa representação simplória e caricata.

Ao ampliar geograficamente o olhar para este fenômeno, pode-se dizer que tal representação se estende aos brasileiros para o olhar estrangeiro como aquele que vive para fazer festa, sensual, sempre nas praias, afeito à diversão e avesso ao trabalho. Já a ampliação histórica, como Kowarick (1987, p.40) aponta, a vadiagem e sua criminalização não é exclusividade brasileira, nem tampouco dos países de passado colonial, pois os países europeus, nos séculos XV e XVI, com a dissolução das vassalagens feudais, tiveram uma massa de camponeses expropriados e expulsos de suas terras de forma violenta e intermitente. Sem direitos e sem capacidade de a manufatura crescente absorvê-los tornaram-se andarilhos, ladrões, mendigos, o que incorreu em duríssimas legislações por toda a Europa Ocidental contra a vadiagem no século XI.

Assim, entende-se que este capítulo poderia se alargar tanto na dimensão espacial quanto temporal, além de observar o fenômeno por diferentes prismas, como histórico, social, cultural, artístico, econômico, porém pretendeu-se aqui puxar o fio da história a fim de exhibir lugares marcados numa mesma sociedade aparentemente distinta da contemporaneidade, como exposto no primeiro capítulo, com outros mecanismos de exploração e controle do trabalho, porém sob uma mesma base ideológica e objetivos que atendem ou desconsideram grupos sociais de posições semelhantes.

São estas relações, a partir da perspectiva da comunicação, da narrativa e da representação social, que o próximo capítulo aborda e busca lançar luz sobre as semelhanças e diferenças expostas até então.

CAPÍTULO III - SOBRE IMAGINÁRIO, IMAGEM E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

*“Precisamos desobedecer as narrativas para
criar algo novo. É um direito nosso
desobedecer. É um dever nosso desobedecer.”
(Grada Kilomba)*

Entendendo a imagem enquanto uma experiência vivenciada no campo dos sentidos, não só visual mas também olfativa, auditiva, tátil e gustativa, é possível dizer que há um trajeto percorrido onde alguns elementos se perdem ou são reduzidos, enquanto outros são exacerbados. Sobre este trajeto, ao qual Gilbert Durand (1994) chamou de trajeto antropológico da imagem, pode-se dizer “que ele deve indissoluvelmente participar – numa espécie de ‘vai e vem contínuo’ – às raízes inatas na representação do *sapiens*, e, no outro ‘extremo’, às intimações variadas do meio cósmico e social” (DURAND, 2002, p.59). Experimentamos o mundo a partir das imagens, são estas o primeiro dado psicológico (HILLMAN, 2018, p.12) e, assim, por anteceder à razão, são espontâneas e polissêmicas.

Nesta perspectiva, há um lençol freático de imagens comuns por debaixo das camadas do tempo e do espaço que irriga todas as sociedades, e a esse lençol freático, que abriga o conjunto de tais imagens, símbolos e mitos, dá-se o nome de imaginário. No contexto nacional, estas imagens são uma amálgama de representações dos povos da terra e de outros lugares distantes, com manifestações de muitas figuras astutas que perambulam sem destino como verdadeiros “*vagamundos*” que subvertem a ordem, trapaceiam para benefício próprio ou por pura diversão. Diadorim, Exu, Ulisses, Saci, Pedro Malasartes, Andarob, Zé Pelintra, Macunaíma, dentre outros que há séculos circulam pela cultura fazendo parte da identidade do que é ser brasileiro. E, segundo Morin (1997, p.15):

(...) uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses). Uma cultura fornece pontos de apoio

práticos à vida imaginária; ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma), o ser semi-real, semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si e no qual se envolve (sua personalidade).

Tais representações, por sua vez, são atualizações de imagens ainda mais remotas que remetem a padrões arquetípicos tão antigos quanto a nossa espécie:

O imaginário se estrutura segundo arquétipos: existem figurinos-modelo do espírito humano que ordenam os sonhos e, particularmente, os sonhos racionalizados que são os temas míticos ou romanescos. Regras, convenções, gêneros artísticos impõem estruturas exteriores às obras, enquanto situações-tipo e personagens-tipo lhes fornecem as estruturas internas. (MORIN, 1997, p.26).

Assim, dentro desta perspectiva, as representações não estão acabadas e imóveis, mas dentro de um processo dinâmico em que certamente serão reatualizadas, conforme o contexto social e temporal em que estão inseridas. Como o pescador da Melanésia, utilizado como exemplo no capítulo anterior, inserido em contexto ritualístico onde revive ato da narrativa mítica e sagrada.

Isso posto, entende-se que o imaginário por atuar em nível psicológico e antropológico não pode ser construído, produzido ou manipulado. Estes conteúdos arcaicos são inerentes à espécie e sustentam a condição humana, porém, as ideologias, estereótipos e as representações sociais por se encontrarem em nível sócio-histórico e, portanto, mais próximos à razão, encontram-se mais suscetíveis às construções narrativas presentes no ambiente educacional, familiar e midiático.

Sobre esta camada, aqui compreendida como mais próxima da racionalidade, muitos autores se referem como “imaginário social”, a exemplo de Cornelius Castoriadis (2008) e Bronislaw Baczko (1985). Carvalho diz que:

É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também por símbolos, alegorias, rituais e mitos¹³. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura menos codificada tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos. Na medida em que tenham êxito em atingir o imaginário, podem

¹³ Cabe esclarecer que a compreensão de símbolos, alegorias, rituais e mitos apresentadas pelo autor é diferente de autores supracitados. É o caso de Durand, Eliade e Hillman que partem da Antropologia, da Ciência das Religiões e da Psicologia Arquetípica, não da Sociologia, para basear suas considerações.

também plasmar visões de mundo e modelar condutas. (CARVALHO, 1990, p.11).

Quando fala em “atingir o coração” por meio do imaginário, as ideias do autor vão ao encontro de algumas falas de Galo, fundador do Entregadores Antifascistas: “Eu queria passar no Cidade Alerta, eu queria passar no Brasil Urgente, eu queria que a dona Maria visse o Borba Gato pegando fogo e perguntasse, por quê?”

Então você, companheiro entregador, que está espalhado pelo Brasil e tem o sentimento antifascista no coração, assim como eu tenho, assim como esses corações aqui tem também. A gente precisa de vocês, companheiros! Ninguém aqui é empreendedor de porra nenhuma! Nós é força de trabalho nessa porra! Nós precisa de você, irmão! Então, onde você estiver procure os entregadores antifascistas. Esse número, ‘ó’, era só eu! Agora olha o tanto que tem, companheiro! Certo? Precisa de mais! Precisa de mais! Precisa de muito mais! (LIMA, 2020).

Também as páginas Não Breca meu Trampo e Garfo na Caveira parecem utilizar deste artifício para mobilizar seus seguidores em prol de seus objetivos mencionando o orgulho, a paixão e a vocação pela atividade. Estas diferentes formas de representação dos entregadores é o ponto fulcral desta análise.

Moscovici (2009, p. 45-60) aponta que as representações são um sistema de valores e ideias coletivos que podem ser (e constantemente são) contraditórios, e que ao nomear, classificar e controlar o mundo social e material é estabelecida uma espécie de ordem sobre o caos.

Na teoria das representações sociais, a palavra “representação” deve ser compreendida como algo que transcende a mera cópia e se transforma em algo recriado, modificado. Dessa forma, as representações substituem o objeto em si e passam a representá-lo, a partir de uma nova perspectiva, ou melhor, a partir de uma realidade que não se refere mais à realidade objetiva, mas sim à visão subjetiva dos indivíduos e, conseqüentemente, à realidade simbólica. São as representações sociais que permitem comunicar as ideias e valores, individuais e coletivos, aos demais membros de uma comunidade, sendo compreendidas pelo autor como entidades tangíveis, substâncias simbólicas que circulam, se entrecruzam e se confrontam impregnando nossas relações. É por esse motivo que as representações sociais assumem uma importância significativa no cotidiano e podem ser estudadas para compreender o indivíduo e sua relação com determinados fenômenos da sociedade contemporânea.

Portanto, são as representações um fenômeno psicossocial, que se dão num primeiro momento na mente dos indivíduos, tornando-se sociais por meio de narrativas, na sociedade contemporânea presentes em canções, piadas, notícias, relatos de sonhos, filmes, conversas corriqueiras, histórias em quadrinhos, ou seja, a narrativa enquanto veículo de representações mentais e sociais. Atualmente, também os conteúdos postados e replicados nas chamadas redes sociais como Instagram, Youtube, Facebook, Twitter e Tiktok apresentam uma nova forma de narrativa, superposta e não linear, demandando novas formas de observação, análise e interpretação dessas narrativas em suas particularidades.

3.1 A narrativa

Quem se encarrega de organizar e dar sentido às imagens e às representações é a narrativa, responsável por transportá-las da camada inconsciente para a consciente, por meio dos mais diversos suportes. Esta sim, editável e manipulável, pois no campo da racionalidade é possível selecionar o que se quer revelar e o que se quer esconder. Por exemplo, ao perguntarmos a uma pessoa como foi seu trabalho naquele dia, a pessoa pode narrar que participou de determinada reunião e suprimir os e-mails que leu e os relatórios que preencheu por considerá-los menos importantes que a reunião. Há implícita nesta narrativa as subjetividades do narrador. Como observado por Benjamin (1987c, p.205), a narrativa:

não está interessada em transmitir o puro em si da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

O autor desenvolve em seu pensamento a ideia de que a memória e a experiência estejam intimamente ligadas compreendendo que a experiência se dá em camadas inconscientes do indivíduo (1989), o que gera memória de uma forma não linear (1987). Já a vivência, para Benjamin (1989), se opõe à experiência, pois acontece no nível da atenção e da consciência, assim quando o indivíduo é exposto aos conteúdos da mídia, ele tem sua atenção constantemente requisitada sem que para isso crie memória. E, se para o autor, a experiência se opõe à vivência, pode-se dizer que a narrativa se opõe à informação ao apontar que: “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (BENJAMIN, 1987c, p.98) e, por isso, ao evocar a memória, insere o indivíduo em uma tradição,

gerando pertencimento e coletividade. Já a informação: “só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele” (BENJAMIN, 1987c, p.204).

Benjamin, que morreu em 1940, não conheceu a internet e seus desdobramentos midiáticos, ao passo que suas considerações sobre mídia não consideram a livre troca de mensagens entre indivíduos em território digital que torna as redes sociais um campo de circulação tanto de informação quanto de narrativa. Isso não invalida o pensamento do autor, mas o complexifica e atualiza, desta forma, como vemos adiante, ao abordar os objetos de análise, esta tese considera que as informações vivenciais e as narrativas experienciais coexistem num mesmo fenômeno.

Os grupos e movimentos sociais atualmente se organizam e fazem sua divulgação boa parte por meio das redes sociais em mídias digitais que ganham centralidade na criação de redes interpessoais, da identidade dos grupos e da ação coletiva. Essa nova dinâmica mediada digitalmente por meio de redes com capacidade exponencial de crescimento “faz dos processos de comunicação altamente personalizados e socialmente mediados elementos estruturantes na organização de muitas formas de ação conectiva” (BENNETT; SEGERBERG, 2012, p. 749). Tais ações conectivas estruturam e constroem pontes entre indivíduos que incidem em manifestações e militância de ordem política e social forjando identidades coletivas nos ambientes digitais.

Nesse sentido, as mobilizações do passado diferem dos movimentos e ações contemporâneas, instituindo peculiaridades às disputas ideológicas, fazendo surgir novos atores e campos de atuação política, tornando evidente “o distanciamento entre Estado e sociedade, de deslegitimação de intermediários consagrados pelo processo de redemocratização como representantes e interlocutores da sociedade, e o alargamento e renovação da esfera pública” (RUEDIGER, 2014, p. 208).

Por outro lado, a interação via mídias sociais propicia entendimentos e identidades compartilhados, produz, em certa medida, cooperação entre os indivíduos de uma mesma rede interpessoal reforçando elementos de pertencimento e identidade, por meio da atribuição de sentido e significado às ações, ou seja, por meio das representações e narrativas.

Gerbaudo (2012), no entanto, argumenta que as relações estabelecidas em ambientes digitais são geralmente caracterizadas por “laços fracos”, sendo as

identidades coletivas fortes consideradas exceções raras, o que favorece o surgimento de formadores de opinião, mais comumente chamados de influenciadores digitais.

A organização praticada por ativistas contemporâneos no uso das redes sociais não significa automaticamente a eliminação da liderança. Ao contrário, a adoção da mídia social entre os ativistas é acompanhada pelo surgimento de formas de liderança suave e emocional, que são em geral indiretas e invisíveis, mas ainda assim eficazes em dar à ação coletiva um certo grau de coerência e um senso de direção. É esse tipo de liderança suave e dialógica que o termo ‘coreografia’¹⁴ se esforça para capturar. (GERBAUDO, 2012, p. 157).

No caso das páginas e perfis analisados, apenas a figura de Galo é visivelmente uma liderança dos Entregadores Antifascistas, o que faz dele um alvo perante as agências contratadas pela empresa *iFood*, a polícia e o governo, após o incêndio na estátua do Borba Gato e, curiosamente, a página Treta no Trampo que tem interesses em comum aos dos Entregadores Antifascistas. As demais páginas e perfis seguem essa forma de liderança “suave e emocional, que são em geral indiretas e invisíveis”, ou seja, um narrador oculto a priori.

Tais lideranças, ao mesmo tempo que criam coerência e senso de direção, podem produzir efeito contrário, desestabilizando e dispersando movimentos e outras lideranças contrárias aos seus interesses. Essas variações de interpretação e sentido se fazem de acordo com as imagens, representações e narrativas próprias de cada sociedade, de acordo com o tempo histórico e local partilhados. O Breque dos Apps se mostra um fenômeno intrigante, pois expõe forças distintas e contraditórias que se utilizam das redes sociais em mídias digitais para construir e disseminar narrativas divergentes. Porém, ao traçar um comparativo com as representações anteriores da classe trabalhadora, é possível observar que, no Brasil, existe um padrão reproduzido há séculos como exposto adiante.

3.2 Novos atores, novos meios, velhas narrativas

Muniz Sodré (1988) ao discorrer sobre a literatura *best seller* expõe as partes que compõem uma narrativa, sendo: o personagem “(...) o sujeito representado na narrativa seja individual, seja coletivo” (p.75), o enredo “o mesmo que intriga:

¹⁴ Gerbaudo (2012, p.4) se refere à mediação das redes sociais em mídias digitais na organização dos movimentos sociais contemporâneos, enquanto “coreografia da ação coletiva”.

sequência de fatos ou incidentes que compõem a ação” (p.74), o cenário “espaço em que se movimentam os personagens, em que se desenrola a ação de uma narrativa” (p.74), e o tempo que “pode ser manipulado de diversos modos, não sendo necessário o mesmo desenrolar linear e progressivo” (p.75). No caso desta análise, o objeto se complexifica, pois pode-se considerar a observação de várias narrativas fragmentadas como de uma única página ou perfil, ou uma narrativa para o Breque dos Apps na internet, ou alargando o tempo e o meio, uma única narrativa desde a chegada dos portugueses. Assim como a fragmentação de uma narrativa para os indígenas, uma narrativa para os imigrantes ou ainda uma narrativa anterior à república, enfim, as possibilidades são múltiplas, como exposto por Motta (2013, p.17):

(...) os contos se entrelaçam e se realimentam num estranho e interminável labirinto: uma estória não termina e a seguinte começa a ser narrada, tecendo um mundo maravilhoso ilimitado. Como nos contos, reais ou imaginários, nossas narrativas não terminam nunca, nos entrelaçam, nos envolvem, nos representam e constituem. Contamo-nos sucessivamente a nossa própria estória, mil e um contos intermináveis, sucessivos, infinitos como um profundo mar.

No entanto, o tempo histórico é utilizado enquanto organizador da narrativa, é ele que ajuda a compreender a ordem dos fenômenos e acontecimentos, ou seja, a contar de fato:

Os fatos se passam uns depois dos outros. Para compreendê-los, isto é, narrá-los, é preciso também interpretá-los, isto é, enumerá-los. Contar é narrar, e narrar é enumerar. Contar exige que se diga o ano, o mês, o dia, a hora em que o fato se deu. O ato de narrar paga tributo ao deus Chronos. (BOSI, 2006, p.20).

E sob o viés comunicacional, comumente as narrativas fáticas e fictícias se encontram, se entrelaçam, por exemplo, em obras documentais, jornalísticas e em redes sociais. Assim, quais as fronteiras entre realidade e ficção? Seria a narrativa histórica a tessitura entre fatos? Bodei (2001, p.66) aponta que os fatos são nus e só fazem sentido quando vestidos pela “alfaiataria do historiador”. Ele relaciona o trabalho do historiador ao do diretor de cinema ao fazer uso das antecipações e sobreposições temáticas, da câmera lenta e do *flashback*, porém acautela que somente o elemento narrativo não é suficiente para definir a história, é necessário um veredicto, provas factuais que sedimentem a interpretação em confirmações fundamentadas. Assim, fazendo uso de excertos registrados, impressos e/ou publicados a presente análise se vale de fatos para tecer os fios das narrativas que se apresentam enquanto uma narrativa única.

Sodré (1988) considera que existe uma base de elementos em comum nas narrativas de sucesso, que são a presença de um herói, as façanhas, solidariedade e soberania. O autor aponta que esses elementos estão sujeitos a mudanças, conforme o passar do tempo e as adequações da sociedade, no entanto, as ideias base tendem a ser praticamente imutáveis. Também Contrera aponta que:

(...) na cultura, nada se apaga, nada se elimina, tudo se constrói cumulativamente, como num encaixe de bonequinhas russas. Se formos desconstruindo as camadas mais recentes da imagem, veremos surgir em seus subterrâneos, pulsante, conteúdos e sentidos milenares (CONTRERA, 2019, p.184).

Assim, tal cumulatividade se faz presente também nas camadas da história, uma vez que são acumulados conhecimentos, informações, práticas e realizações ao longo do tempo. Ao reconhecer que a cultura humana é construída e transmitida de geração em geração, entende-se que cada nova geração herda o legado cultural das gerações anteriores e, por sua vez, contribui para a expansão e evolução desse legado, porém isso não implica que seja um processo linear, podendo a cultura experimentar rupturas, retrocessos e reinterpretações ao longo do tempo.

3.3 Assimetria de poder e assimetria narrativa

Para além do idioma, da gastronomia, das vestimentas e canções de determinada sociedade são transmitidas ideias, concepções e orientações que fornecem uma estrutura e uma fundamentação para determinada visão de mundo, seja política, social, religiosa ou filosófica. É esta estrutura conceitual, ou ideologia, que orienta as ações, decisões e posicionamentos de um indivíduo e/ou de um grupo para a interpretação da realidade, a formulação de objetivos e a tomada de posições.

Quando um ou mais grupos não estão em situação de equidade, as relações de poder são assimétricas, ou seja:

Estes grupos particulares de agentes possuem poder de uma maneira permanente, e em grau significativo, permanecendo inacessível a outros agentes, ou a grupos de agentes, independentemente da base sobre a qual tal exclusão é levada a efeito. (THOMPSON, 2000, p. 80).

Há o tensionamento entre classe dominante e classe dominada. Embora Thompson (2000) atribua importância à luta de classes na análise das sociedades contemporâneas, ele considera igualmente relevante reconhecer que existem outros

conflitos estruturais centrais, que não devem necessariamente ser condicionados exclusivamente às contradições entre o trabalho e o capital.

Em alguns casos, a ideologia pode operar através do ocultamento e do mascaramento das relações sociais, através do obscurecimento ou da falsa interpretação das situações; mas essas são possibilidades contingentes, e não características necessárias da ideologia como tal. (THOMPSON, 2000, p. 76).

Este ocultamento e falsa interpretação das situações pode ser observada por meio da criação das páginas Não Breca meu Trampo e Garfo na Caveira, caso confirmada a autoria do *iFood* por meio das agências de publicidade e monitoramento digital, e também na página Breque dos Apps, independentemente de sua relação com o Movimento Passe Livre. De todo modo, nestas 3 páginas há a utilização de um narrador oculto fazendo com que o ponto de vista não seja explicitamente definido, mas implícito nas ações e pensamentos dos personagens. Essa técnica pode ser usada para criar uma sensação de objetividade na narrativa, permitindo que o leitor decida por si mesmo o que está acontecendo, no entanto, também pode ser usada para criar ambiguidade e tensão, já que o leitor não tem a certeza de quem é a fonte da informação.

Em oposição, a página Entregadores Antifascistas carrega, já em seu nome, posição abertamente ideológica, assim como seu narrador, o Galo, que se expõe e assume os atos e ideias por trás de publicações com frases contundentes como: “O capitalismo deu errado pra todos!”, “Política é uma ferramenta que o trabalhador precisa se apoderar”, “Não queremos ficar ricos, queremos mudar o mundo!”. Tal posicionamento o expôs e o transformou em alvo fácil, de forma direta pela página Treta no Trampo, quando em 14 de março de 2021 foi publicada matéria associando-o à política e ao sindicalismo de forma negativa, e também em ações indiretas como na reunião dos executivos das agências de comunicação supostamente contratadas pela empresa *iFood*, em que afirmam ter “matado o Galo” como resultado de sucesso das ações desempenhadas.

Assim, por defenderem ideologias distintas, têm-se de um lado os declaradamente antifascistas que pedem discussão acerca da regularização dos serviços de *delivery* e, de outro; o *iFood* e as agências contratadas defendendo seus interesses de manutenção do sistema econômico e trabalhista vigentes tirando o foco das reivindicações que possam atingir a empresa, como aumento dos valores pagos aos entregadores e distribuição de kits de material EPI, e colocando em pauta o preço

do combustível, a distribuição de vacinas e projetos de lei que recaem sobre a administração pública e não sobre a empresa. Desse modo, desenhou-se um cenário de narrativas e personagens antagônicos em que a posição que os atores ocupam varia de acordo com quem narra a história. Inclusive a página/perfil Treta no Trampo, que é organizadora pelo Breque dos Apps e, portanto, tem afinidade de interesses com os Entregadores Antifascistas ao colocar a opção por um espectro político e o sindicalismo como características negativas, mesmo que sem intenção, enfraquece e fragiliza a narrativa que parte dos trabalhadores e dá força à narrativa oposta, à narrativa da empresa.

Mesmo que os entregadores se mobilizem e se esforcem para apresentar a narrativa dos fatos, a partir de seu ponto de vista, eles se encontram em desvantagem em relação às agências e ao *iFood*, primeiramente pela discrepância financeira, já que estas chegaram a investir no impulsionamento de conteúdo (LEVY, 2022) e conseguem contratar profissionais com formação especializada e dedicação exclusiva à criação e manutenção da página e perfil. E depois porque, há cinco séculos, no Brasil, a classe trabalhadora vem sendo representada de forma pejorativa, como vemos a seguir, sendo difícil a desconstrução ideológica elaborada neste período.

3.4 O herói (e o vilão)

Num primeiro momento, pode gerar estranhamento a observação da presença do herói, figura recorrente nas narrativas clássicas e míticas, nas narrativas das redes sociais. O herói seria o personagem dos feitos homéricos, que atinge o inalcançável:

A figura do herói tradicional – valente e sedutor – domina o texto literário de grande consumo. Não há romance policial, de ficção científica ou de aventuras que deixe de apresentar ao público um personagem heróico todo-poderoso, embora adaptado à linguagem da época, para gozar de credibilidade. (SODRÉ, 1988, p.24).

Porém, nas páginas/perfis analisados, a figura do herói aparece de maneira recorrente. De forma mais explícita na Não Breca meu Trampo, por meio dos vídeos: “Nessa pandemia, os entregadores foram heróis. Veja esse depoimento!” e nos comentários: “Vocês são heróis, que devem ser valorizados e respeitados, pela sociedade! Parabéns a todos!”. “Obrigada vocês foram os nossos heróis, que Deus abençoe suas famílias”. Na Garfo na Caveira os entregadores também aparecem como heróis, porém de forma irônica, no formato de memes:

Figura 29 - Publicações do perfil Garfo na Caveira



Fonte: Facebook

Galo, embora em nenhum momento se intitule ou tenha a si atribuída a alcunha de herói, incorpora em sua trajetória características relacionadas a esta figura, quando se coloca à frente dos entregadores, convocando-os “para a batalha”, ou seja, “formando seu exército”. Também quando combate o “vilão” Borba Gato e se envolve em causas maiores como a luta pela democracia e contra o racismo.

A presença do herói também estimula a dicotomia herói/vilão, bem e mal, o que facilita o entendimento da narrativa. Quando estes estão bem delimitados a identificação do público com o personagem também é mais rápida, causando admiração ou repulsa de forma espontânea, de acordo com Bystrina (2009, p.8), a polaridade existe “para facilitar a decisão, a atitude, o comportamento, a ação”, e assim torna-se recurso recorrente nas narrativas.

A dicotomia estava presente na representação dos indígenas, em duas possibilidades, primeiramente entre os europeus e povos originários:

Aos olhos dos recém-chegados, aquela indiada louçã (...) tinha um defeito capital: eram vadios, vivendo uma vida inútil e sem prestatia. Que é que produziam? Nada. Que é que ameaçavam? Nada. Viviam suas fúteis vidas fartas, como se neste mundo só lhes coubesse viver. (RIBEIRO, 1995, p.45).

Quando a comparação era entre Tupis e Tapuias, estes últimos eram “Retratados no mais das vezes como inimigos e não como aliados – dos portugueses, bem entendido – representavam o traçoeiro selvagem, obstáculo no caminho da civilização (...)” (MONTEIRO, 1994, p.30).

No trecho a seguir, em destaque, é possível observar a contraposição entre um grupo e outro: “É gente de pouco trabalho, muito molar, não usam entre si lavoura (...)”

Não vive este gentio em aldeias com casas arrumadas, **como os tamoios seus vizinhos**” (SOUZA 1971 [1587] *apud* MONTEIRO, 1994, p.20, grifo nosso). O lugar de vilão e violento também foi imposto aos africanos escravizados, como no exemplo abaixo:

Mais um assassinato acaba de dar-se na fazenda de Morro Grande pertencente **ao nosso amigo** o Sr. Segisberto Motta Paes (...) Os escravos a foiçada e **de traição cruelmente assassinaram-no** e vieram a cidade apresentar-se na cadeia confirmando o seu nefasto crime com **o maior cinismo e no meio de risadas** contaram o facto em em seus pormenores. (PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 12 de julho de 1879, grifos da autora).

Ao dono da fazenda o lugar de amigo do narrador, não colocado como herói, mas como vítima, e aos escravizados o lugar de traidor, cruel e cínico, o vilão.

Já no comparativo com os italianos, estes são colocados como heróis, que aportam no Brasil para “salvar a sociedade”, enquanto os negros, por reflexo, assumem a posição oposta:

Os povos incultos são vadios, por que não conhecem família. O imigrante que aporta às nossas plagas é de ordinário um pai de família. Por mais tosco que seja ele, é sempre filho da civilização, o produto de uma elaboração secular, **um homem imensamente afastado do ponto de partida inicial da vadiagem**. (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 16 de março de 1876, grifos da autora).

Os negros anteriormente já representados, enquanto violentos, agora também são postos como vadios frente à “civilização” do imigrante europeu. Porém, quando estes se mostram contrários ao tratamento recebido e aos moldes de trabalho estabelecidos passam também a ser representados de forma negativa.

É necessário que **a polícia empregue toda a vigilância**, para manter o sossego público perturbado por **alguns estrangeiros que ultimamente têm invadido** esta cidade. Em uma destas noites passadas reuniram-se os tais **turbulentos** em um cortiço à rua de Palha, donde partiam altas vozes, injúrias e ameaças (O ESTADO DE SÃO PAULO, 14 de maio 1896, grifos da autora).

Assim como em comparação aos migrantes nordestinos que, num primeiro momento, foram colocados como bons frente aos italianos.

Mais um traço da mentalidade dos colonos: o desapego ao lucro e uma **honestidade a toda prova** no cumprimento dos contratos, isto é, ausência de espírito de especulação. Se porventura um trabalhador agrícola europeu fosse capaz desta improvisação, faria pagar o seu trabalho a peso de ouro, a força de **greves e reivindicações**. (LIMONGI, 1916, p.12 e 14 *apud* KOWARICK, 1987, p.129, grifos da autora).

Deste modo, o que se observa é que a representação do trabalhador muda de acordo com o interesse daquele que narra a história, independente se é na rede social, no jornal, nas pinturas ou nos documentos, mas quando este se coloca contra os moldes de trabalho preestabelecidos ou questiona os donos dos meios de produção invariavelmente será associado a adjetivos negativos e colocado como “vilão”, mesmo que sutil e indiretamente.

3.5 Gente de pouco trabalho

A “vilanização” do trabalhador que ousa questionar e enfrentar suas condições de trabalho incorre na utilização de termos e adjetivos pejorativos como preguiçoso, avesso ao trabalho, insubordinado, indolente. Adjetivos estes que, em muitas ocasiões, se aglutinam em um só: vagabundo.

A fim de ilustrar a recorrência do uso destes termos na representação social dos trabalhadores ao longo da história do Brasil recorreu-se a excertos do capítulo anterior. Sobre os indígenas, especificamente sobre os tapuias, observa-se a aversão ao trabalho no trecho: “É **gente de pouco trabalho, muito molar**, não usam entre si lavoura, vivem de caça que matam e peixe que tomam nos rios, e das frutas silvestres que o mato dá” (SOUZA 1971 [1587] *apud* MONTEIRO, 1994, p.20, grifo da autora). Percebe-se por este trecho que aos europeus incomodava o fato de estes indígenas viverem sob economia de subsistência e não do acúmulo e troca/venda de excedentes, um dos pilares do sistema econômico capitalista pelos europeus imposto e vigente atualmente.

Já no trecho abaixo, que se refere aos pretos recém-libertos, observa-se que o valor social está atrelado à utilidade e à necessidade de “um rigoroso regime policial” como se fossem incapazes de gerir a si mesmos:

Centenas de indivíduos **sem ofício**, e que **terão horror ao trabalho**, entregando-se por isso a toda sorte de vícios, precisam ficar sob **um rigoroso regime policial** para assim poderem ser mais tarde aproveitados, criando-se colônias, para as quais vigore uma lei, como a que foi adotada na França, recolhendo a estabelecimentos especiais os **vagabundos**, sujeitando-os à aprendizagem de um ofício, ou da agronomia, para que mais tarde o país utilize bons e **úteis cidadãos**. Assim se praticou nos Estados Unidos depois da emancipação. (DIÁRIO DO MARANHÃO, 14 de maio de 1888 *apud* SILVA, 2017, p.21, grifos da autora).

Anos depois, foram os migrantes nordestinos que se direcionaram ao sul e sudeste do Brasil colocados neste papel de incapacidade e de valor social atribuído exclusivamente à capacidade produtiva:

Chegada constante e intensa de paus-de-arara, que sofrem da miragem de uma vida melhor na capital da república, são **sem profissão, sem ofício de qualquer espécie, sem conhecimento** de qualquer ofício exigido nas grandes cidades. (JORNAL DO BRASIL, 8 de janeiro de 1956, grifo da autora).

Os imigrantes italianos, por sua vez, num primeiro momento apresentados como solução para os “problemas civilizatórios” do país passam a representar uma ameaça no momento em que propõem organização e mobilização coletiva dos trabalhadores em prol de melhorias da situação de trabalho, negando essa posição social meramente utilitária:

Seria preciso que o **operário fosse só operário**, e que o imigrante em geral, qualquer que fosse a sua categoria, deixasse de se envolver nas questões internas do país, **perturbando o trabalho** e fazendo com que nós, pelo interesse da própria defesa, desperdicemos na ampliação dos recursos militares aquilo que devia ser empregado em vantagem de todos, estrangeiros e nacionais, melhorando as condições do meio físico e do meio social. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 11 de fevereiro de 1898, grifos da autora).

Se porventura um trabalhador agrícola europeu fosse capaz desta improvisação, faria pagar o seu trabalho a peso de ouro, **a força de greves e reivindicações**. (LIMONGI, 1916, p.12 e 14 *apud* KOWARICK, 1987, p.129, grifo da autora).

Mais de um século depois, tais ideias se mostram vivas e atuais, como na descrição da página Não Breca meu Trampo:

A gente traz uma mensagem diferente dos que se dizem falar por todo mundo. **GREVE, SINDICATO, TAMO FORA!** Ninguém quer ficar parado. Parado ninguém ganha. Quer fortalecer o movimento? Apoia na gorjeta, oferece uma água, um rango, trata a gente que nem gente. Se liga e **não breca meu trampo!** (NÃO BRECA MEU TRAMPO FACEBOOK, 2020, grifos da autora).

Brecar o trampo é “perturbar o trabalho”, é o contrário do que “bons e úteis cidadãos fazem”, coisa de “gente de pouco trabalho, muito molar”. Ideias que se repetem e atravessam os séculos por meio da narrativa e tomam o senso comum, tornando-se, para muitos, inquestionáveis, e se alastram por todas as esferas da sociedade. Da famosa frase do ex-presidente interino, Michel Temer, em seu primeiro discurso: “Não fale em crise, trabalhe” (MICHEL..., 2016) aos comentários das páginas analisadas: “Quem tá organizando essas paradas tá pensando em eleição e cagando

para os motoca só querem mobilizar os trouxas pra se lançarem candidato em cima e mamar na teta do dinheiro público”, “Sindicalista pau no cu ficam no sindicato o dia todo fumando maconha e faz quem quer trabalhar parar, esses lixos gostam de massas de manobra pra beliscar um dinheiro sem trabalhar , o povo acordou”, “Essas parada de brek aí é só os políticos pilantra, que querem usar nós como manobra política essa corja de sem noção”. Até mesmo o perfil Treta no Trampo reproduz esta ideia ao negar a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

3.6 Projeção e identificação

Morin (1997) introduz dois conceitos de grande valia aos estudos da cultura de massa, a projeção e a identificação.

A projeção é um processo universal e multiforme. As nossas necessidades, aspirações, desejos, obsessões, receios, projetam-se não só no vácuo em sonhos e imaginação, mas também sobre todas as coisas e todos os seres. (MORIN, 1997, p.145).

Ou seja, lançam-se sentimentos e sensações de ordem interna a algo externo e concreto. No caso dos trabalhadores, por exemplo, um possível desejo de enriquecimento, de aquisição de bens materiais projeta-se no trabalho, na possibilidade de, a partir do seu esforço e mérito, atingir tais objetivos. Ao passo que na identificação “o sujeito, em vez de se projetar no mundo, absorve-o (...) incorpora o meio ambiente no próprio eu e integra-o afetivamente” (MORIN, 1997, p.146). Como exemplo, a figura do herói em que os entregadores passam a valorizar os serviços por eles prestados, após enxergar seu valor social na fase de isolamento social decorrente da pandemia.

Por este viés, nota-se que tanto os entregadores favoráveis ao Breque dos Apps quanto aqueles que são contrários têm projeções e identificações similares, no caso com a identificação da figura do herói já mencionada e também na projeção da liberdade, assunto recorrente nos comentários de todas as páginas sob perspectivas diferentes: “Liberdade aos revolucionários”, “A gente quer liberdade pra tramar pra quem a gente quiser!”. Isto reforça o já dito no início deste capítulo que, no nível das emoções, as imagens acessam conteúdos arcaicos, inerentes à condição humana, por isso, comuns a ambos os grupos, ao passo que no nível da razão as representações sofrem interferência das ideologias, de interesses escusos podendo

ser construídas e disseminadas a partir da mídia, em que o grupo que detém maior poder leva vantagem gerando uma assimetria narrativa.

A partir do exposto, entende-se ser importante retomar os pontos fundamentais desta pesquisa elucidando de forma sucinta as questões que dão base e permeiam o texto.

Primeiramente, reiterando a observação do fenômeno, enquanto um processo cultural que se dá a partir das mídias, ou seja, o principal veículo das imagens e representações não é o aparato, o suporte, mas a narrativa. É por meio dela que as ideologias se disseminam atingindo e formando o imaginário em sua camada social.

Nesse sentido, a hipótese investigada, de que as representações se atualizam neste ambiente dinâmico, se confirma, pois observa-se o mesmo tratamento dispensado aos trabalhadores, em especial àqueles que questionam e enfrentam os moldes impostos de suas relações de trabalho, sendo representados como contraproducentes ao longo da história, por meio de cartas e gravuras ao Império, texto jornalístico ou em memes nas redes sociais. Assim, prevalece a assimetria de poder e, por consequência, a assimetria narrativa em movimento de retroalimentação em que qualquer ação que provoque ou sugira mudanças neste movimento é tida como nociva.

Entende-se, portanto, que o objetivo de compreender as novas dinâmicas da narrativa e das representações do trabalhador, mais especificamente dos entregadores de *delivery*, por intermédio das redes sociais, tenha se cumprido, uma vez que se mostrou a figura do narrador oculto e das intenções de dispersão do movimento Breque dos Apps, assim como a neutralização e desacreditação de um líder, Galo, e sua narrativa. O objetivo de identificar se havia um padrão narrativo para com a representação do trabalhador também foi efetivado no Capítulo 3, a partir das comparações com os trechos expostos no Capítulo 1, traçando um paralelo entre as representações passadas e atuais, a partir do Breque dos apps.

Por fim, considera-se que a pesquisa tem potencial para contribuir com o campo da comunicação ao propor um olhar para a narrativa não ficcional, enquanto processo dinâmico e circular que atua no imaginário, passível de interferências a partir da mídia e, portanto, das relações de poder a ela intrínsecas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de finalizar, faz-se importante ressaltar que, embora as reivindicações dos entregadores pareçam próprias e exclusivas da categoria, há um movimento de plataformação e digitalização que perpassa por outras ocupações, urgindo que reflexões e discussões sejam feitas num âmbito geral. Neste contexto, onde um sistema dominante impõe centralidade a um modo de vida específico, Flusser (2002) introduziu o conceito de “funcionário”. Segundo o autor, esse sistema está intrinsecamente ligado aos processos econômicos e culturais, sendo mediado pelos meios de comunicação, os quais se manifestam na forma de aparelhos. Para que essa dinâmica ocorra, é necessária a presença de um operador, um novo tipo de ser distinto do *homo sapiens*, que não apenas vive para si e para os seus, mas cuja existência é moldada pelo funcionamento do aparelho, “funciona em função do aparelho” (FLUSSER, 2002, p.86).

O aparelho, nesse sentido, pode ser entendido como a empresa para a qual o colaborador trabalha, inserida no sistema econômico-cultural. Em uma interação articulada, o aparelho e o sistema estabelecem relações de centro e periferia, representadas por círculos concêntricos nos quais os funcionários orbitam em velocidades diferentes. O valor atribuído a um funcionário está, portanto, sujeito à órbita na qual ele está inserido e à frequência de seus ciclos: os CEOs e diretores (idealizadores) e os designers e programadores (executores) são os funcionários mais valiosos para o sistema, ocupando o centro. Isso ocorre porque o aparelho ainda não possui a capacidade de se autogerenciar nem de programar seus próprios processos de forma autônoma.

Um aspecto importante a se destacar é que o aparelho se manifesta de forma tangível por meio dos dispositivos presentes no cotidiano, os quais permitem que os funcionários sejam integrados ao centro do sistema. Portanto, smartphones, notebooks e redes sociais são os meios pelos quais trabalhadores conseguem, de maneira paradoxal, manter-se no centro desse sistema desterritorializado, independentemente de sua localização geográfica. Esses funcionários se deslocam estrategicamente para permanecer em uma proximidade do centro, evitando assim sua obsolescência e mantendo-se ativos e produtivos para o sistema. Isso implica na compreensão de que, na prática, estar próximo do aparelho significa estar vinculado

ao aparato, resultando em uma produção cada vez maior em menos tempo e, portanto, passando a operar literalmente em função do aparelho.

Nessa dinâmica, ocorre uma retroalimentação entre o funcionário e o aparelho, porém, enquanto o funcionário pode ser substituído, o aparelho tende a permanecer no centro das atenções e das relações, mesmo que sofra alterações. Flusser ressalta que “(...) o funcionário denotará, após alguns milhares de ciclos, falhas no seu funcionamento. É o cansaço do material que faz com que o funcionário seja “aposentado”, isto é, relegado para uma situação sem centro” (FLUSSER, 2002, p.86).

Sob este viés são funcionários todos os que, de alguma forma, utilizam tais aparatos para realizar seu trabalho parcial ou integralmente, o que, na sociedade brasileira contemporânea, corresponde a uma boa parcela da população. Sendo assim, colocar-se contra a precarização do trabalho é tarefa não só dos entregadores, mas de todos os trabalhadores, como mostrou a ideia inicial da página Treta no Trampo. E como esta pesquisa se pauta, em partes, nos estudos do imaginário é a partir dele que se propõe reflexão.

Das camadas mais profundas do imaginário irrompem uma amálgama de histórias, crenças e representações de povos da terra e de lugares distantes que contam com manifestações de muitas figuras astutas, que perambulam sem destino, subvertem a ordem, trapaceiam para benefício próprio ou por pura diversão. Diadorim, Exu, Ulisses, Saci, Pedro Malasartes, Andarob, Zé Pelintra, Macunaíma, dentre outros, que há séculos circulam fazendo parte da identidade do que é ser brasileiro. Com estas mesmas características há muitas outras representações ao redor do mundo, todas assumindo os contornos arquetípicos do *trickster*: “(...) a corporificação mítica da ambiguidade e da ambivalência, da dubiedade e da duplicidade, da contradição e do paradoxo (...)” (HYDE, 2017, p.17). Pois são a estas imagens e figuras que devemos nos voltar, a fim de romper os domínios do imaginário social e, por conseguinte, das ideologias e construções estereotipadas, a fim de acessar novas formas de ser e viver. Silva (2021, p.129), a partir de Kamper (2009), aponta que “somente a imaginação poderia remover a imagem promovida pelos meios tecnológicos de sua condição orbital em torno do imaginário”. Ou seja, faz-se necessário reimaginar o mundo, apresentar novas narrativas ao invés de reciclar velhos papéis de histórias conhecidas.

Entende-se, portanto, que uma reorganização mais justa e harmônica da sociedade brasileira passa por uma reorganização do trânsito entre as imagens, pela simetria narrativa, incorporando conscientemente os aspectos positivos da imagem do vagabundo, entendendo-a como parte integrante da cultura, da sociedade e da psique. Se antes da razão há o imaginário, ousemos imaginar um novo mundo para então pensá-lo.

REFERÊNCIAS

A TERRA LIVRE 1954 - 1964. **AM Centro de Referência Virtual**. Disponível em: <http://docvirt.no-ip.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemerolt&pagfis=13250>. Acesso em: 20 fev.2023.

ABRASEL SP – Associação Brasileira de Bares e Restaurante de São Paulo. **Resultados da pesquisa Abrasel SP**. 2020. Disponível em: <https://sp.abrasel.com.br/noticias/noticias/resultados-da-pesquisa-abrasel-sp/>. Acesso em: 20 fev.2023.

AGÊNCIA PÚBLICA. #1 iFood: “Nós matamos o Galo”. **Youtube**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FrTZEIQJn64>. Acesso em: 2 jun.2023.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez. 2011.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social”. In: LEACH, Edmund et alii. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BARBOSA, Marialva. **Comunicação e método: cenários e práticas de pesquisa**. São Paulo: Mauad X, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, 2000.

BARLÉU, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1974.

BATALHA, Claudio. **O Movimento Operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS BOPE. **Facebook**. Disponível em: https://www.facebook.com/453907404631876/photos/com-toda-certeza-quando-se-fala-de-bope-imediatamente-voc%C3%AA-lembra-da-caveira-ao-1457127450976528/?locale=ko_KR. Acesso em: 20 jun.2023.

BELTING, Hans. **Antropologia de la imagen**. Madri: Katz Ed., 2007.

BENJAMIM, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v.1. São Paulo: Brasiliense, 1987a, p.114-119.

BENJAMIM, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v.1. São Paulo: Brasiliense, 1987b, p.222-232.

BENJAMIM, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v.1. São Paulo: Brasiliense, 1987c, p.197-221.

BENJAMIM, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Obras escolhidas, v.3. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.103-149.

BENJAMIN, Walter. O Flâneur. In: **Obras Escolhidas III**. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENNETT, L. W.; SEGERBERG, A. The logic of connective action: Digital media and the personalization of contentious politics. *Information, Communication & Society*, 15(5), 739–768, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2012.670661>. Acesso em: 20 jan.2023.

BIONDI, Luigi. Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista ‘La Battaglia’ e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos. **Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth** (UNICAMP), Campinas (SP), v. 5, n.8/9, p. 117–147, 1998.

BODEI, Remo. **A história tem um sentido?** Tradução de Reginaldo Di Piero. SP/Bauru: Edusc, 2001.

BORGES, Rosângela. **Axé, madona Achiropita**: Presença da cultura afro-brasileira nas celebrações da igreja de Nossa Senhora Achiropita, em São Paulo. São Paulo: Edições Pulsar, 2001.

BORIS, Fausto. **Trabalho Urbano e Conflito Social**. Rio de Janeiro: Difel, 1977, p. 92-93.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. **Diálogos das Grandezas do Brasil**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1956, p.346.

BRASIL Taxa de desemprego. 2012-2023. **Brazilian Institute of Geography and Statistics**. 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/dqwy2>. Acesso em: 20 fev.2023.

BRASIL. **Decreto Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941** - Lei das Contravenções Penais. Presidente Getúlio Vargas. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3688.htm. Acesso em: 5 jun.2023.

BRASIL. **Decreto nº 7.566 de 23 de setembro de 1909**. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/116790/1909_decreto%20n%C2%BA%207.566_escola_de_aprendizes_art%C3%ADfices_setembro.pdf?sequence=1&isallowed=y. Acesso em: 4 jun.2023.

BRASIL. **Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909**. Créa nas capitaes dos Estados da Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primario e gratuito. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf. Acesso em: 4 jun.2023.

BRASIL. **Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Presidente Manoel Deodoro da Fonseca. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm. Acesso em: 3 jun.2023.

BRASIL. **Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017**. Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e as Leis nº 6.019, de 3 de janeiro de 1974, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 8.212, de 24 de julho de 1991, a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13467.htm. Acesso em: 20 fev.2023.

BRASIL. **Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888**. Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm. Acesso em: 5 fev.2023.

BRASIL. **Notícia de fato nº 1.34.001.003722/2022-96. Despacho nº 15112**. Ministério Público Federal. Procuradoria da República no Estado de São Paulo Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão. São Paulo/SP, 16 de abril de 2022. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/04/despacho-mpf-ifood-agencias.pdf>. Acesso em: 3 jun.2023.

BRASIL. **Projeto de Lei 1665/2020. Situação:** Transformada na Lei Ordinária 14297/2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2244218>. Acesso em: 5 jun.2023.

BYSTRINA, Ivan. **Tópicos de Semiótica da Cultura**. Texto digitado e formatado por Aline Rodrigues da Silva a partir do pré-print editado em 1995 pelo CISC. Finalizado em 23/02/2009. S. Paulo: CISC. 1995. Disponível em: <https://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/viewcategory/21-bystrina-ivan.html>.

CARDOSO, A. M. **Trabalhar, verbo transitivo:** destinos profissionais dos deserdados da indústria. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

CARDOSO, Letycia; TONDO, Stephanie. Grandes redes de restaurantes investem em aplicativos próprios de entrega. **Extra.globo**, 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/grandes-redes-de-restaurantes-investem-em-aplicativos-proprios-de-entrega-24304441.html>. Acesso em: 20 fev.2023.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas:** o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. Os Tupis e os Tapuias de Eckhout: o declínio da imagem renascentista do índio. **Revista Varia historia Scielo**, v.24, n. 40, Dez, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/r8DR44b7HDQwtCQLVHNztZn/?lang=pt>. Acesso em: 3 jun.2023.

CONTRERA, Malena Segura. Imaginação e dimensão simbólica da imagem. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 15, n. 29, 2019. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/500>. Acesso em: 13 maio. 2023.

CORREIO PAULISTANO (SP) - 1854 a 1859. **Memória bn**. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_01&pasta=ano%20185&pesq=bem%20desembara%C3%A7ada&pagfis=64. Acesso em: 3 jun.2023.

CORREIO PAULISTANO. **Ano 1870\Edição 04064**. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_03&pasta=ano%20187&pesq=&pagfis=14. Acesso em: 4 jun.2023.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. São Paulo: Dandara, 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/BCP45>. Acesso em: 20 jan.2023.
de comunicação de massa.

DIÁRIO DE PORTO ALEGRE (1827-1828). **CEDAP**, UFRGS. Disponível em: <https://cedap.ufrgs.br/xmlui/handle/20.500.11959/4104>. Acesso em: 3 jun.2023.

DIÁRIO DE S. PAULO (SP) - 1865 a 1878. Ano 1872\Edição 02095 (1). **Memória bn**. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709557&pasta=ano%20187&pesq=%22boa%20dentadura,%20p%C3%A9s%20grandes%22&pagfis=8193>. Acesso em: 3 jun.2023.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: Introdução à Arquetipologia Geral**. Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. Tradução José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Índia Tupi**, 1641, artista Albert Eckhout (1610 - cerca de 1666), Óleo sobre tela, c.i.d. 274,00 cm x 163,00 cm. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14526/mpre-tupi>. Acesso em: 4 jun.2023.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Índio Tarairiu (Tapuia)**, 1643, artista Albert Eckhout (1610 - cerca de 1666), Óleo sobre tela, c.i.d.272,00 cm x 161,00 cm. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra24484/mpre-tarairiu-tapuia>. Acesso em: 4 jun.2023.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Índio Tupi**, 1643, artista Albert Eckhout (1610 - cerca de 1666), Óleo sobre tela, c.i.d. 272,00 cm x 163,00 cm. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14528/indio-tupi>. Acesso em: 4 jun.2023.

ENTREGADOR sofre ofensas racistas em condomínio de Valinhos; **VÍDEO**. **G1.GLOBO**, 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/kJQUY>. Acesso em: 3 abr.2023.

ENTREGADORES ANTIFACISTAS. **Página oficial do Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100067469984820>. Acesso em: 5 jun.2023.

ENTREGADORES ANTIFACISTAS. **Página oficial do Instagram**. Instagram: @entregadoresantifascistas. Disponível em: https://www.instagram.com/entregadores_antifascistas/. Acesso em: 5 jun.2023.

FANJUL, Sérgio C. Na verdade, o que [...] é exatamente um algoritmo? **El País**. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/30/tecnologia/1522424604_741609.html. Acesso em: 20 fev.2023.

FIGUEIRA, Cristina Aparecida Reis. **A trajetória de A Lanterna** - anticlerical e de combate (1901–1917): um lugar de memória da propaganda social anarquista. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, PUC-SP, 2003.

FIORATTI, Carolina. O que significam os símbolos da bandeira antifascista? **Super.abril**.2023. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/o-que-significam-os-simbolos-da-bandeira-antifascista>. Acesso em: 3 abr.2023.

FLUSSER, Vilém. **Da Religiosidade**: A literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras, 2002.

GALO DE LUTA OFICIAL. **Instagram**: @galodelutaoficial. Guaraú, SP.4 mar.2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CpXyEsPuwYW/> e <https://www.instagram.com/p/CpYhAHAgTd2/>. Acesso em: 5 jun.2023.

GALO DE LUTA. **Twitter**: @galodeluta. 2021 Disponível em: https://twitter.com/galodeluta?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor. Acesso em: 3 ago.2022.

GALO DE LUTA. **Twitter**: @galodeluta. 2021. Disponível em: <https://twitter.com/galodeluta/status/1439916790147059713>. Acesso em: 3 maio.2023.

GERBAUDO, Paolo. **Tweets and the streets social media and contemporary activism**. Pluto Press. 2012. Disponível em: <http://doi.org/10.2307/j.ctt183pdzs>. Acesso em: 20 jan.2023.

GOLDHILL, Olivia. A 'big data' firm sells Cambridge Analytica's methods to global politicians, documents show. **QUARTZ**. 2019. Disponível em:

<https://qz.com/1666776/data-firm-ideia-uses-cambridge-analytica-methods-to-target-voters>. Acesso em: 2 jun.2023.

GROHMANN, R. N., QIU, J. Contextualizando o trabalho em plataformas. **Revista Contracampo**, v. 39, ano 1, p.1-10, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v39i1.42260>. Acesso em: 20 jan.2023.

HAKEANDO O PATRIARCADO. **Coding Rights**. 2015. Disponível em: www.codingrights.org/wp-content/uploads/2018/11/Report_DataElections_PT_EN.pdf. Acesso em: 2 jun.2023.

HARWOOD, Tracy G., GARRY, Tony. An overview of content analysis. *The Marketing Review*, 3, 479-498. **Ingenta Connect**. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1362/146934703771910080>. Acesso em: 3 jun.2023.

HENRIQUE, Alfredo. Empresário se oferece para pagar reforma da estátua de Borba Gato, diz prefeito de São Paulo. **UOL**. 2021. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/são-paulo/2021/07/mpresário-se-ofereceu-para-pagar-reforma-da-estatuadeborbagaato-diz-prefeito-de-são-paulo.shtml>. Acesso em: 26 jul.2021.

HILLMAN, James. **Uma investigação sobre a imagem**. Petrópolis: Vozes. 2018.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.p.33.

HYDE, Lewis. **A astúcia cria o mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

IFOOD ENTREGADORES. **Youtube**. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aZ4m-pUeVfA>. Acesso em: 5 maio.2023.

IFOOD NEWS. **Institucional. Sobre iFood**. Disponível em: <https://institucional.ifood.com.br/ifood>. Acesso em: 20 fev.2023.

ILLICH, Ivan. **A convivencialidade**. Lisboa: Europa América, 1997.

INSTITUTO Vox de Pesquisa em Psicanálise. 2014. **Relatório ELES**. Disponível em: <https://voxinstituto.com.br/>. Acesso em: 20 jun.2023.

JORNAL A REDEMPÇÃO. **Acervo Público do Estado de São Paulo**. 11 de março de 1888. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/07/especial_04.php. Acesso em: 3 jun.2023.

JUSTIÇA determina prisão de suspeito de incendiar estátua do Borba Gato; 'objetivo foi abrir debate sobre o genocida e abusador de mulheres', diz preso. **G1**, 2021. Disponível em: <https://encurtador.com.br/mtwMR>. Acesso em: 23 fev.2023.

KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem: A origem do trabalho livre no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1987.

LESSA, C. Os ovos da serpente. In: BURSZTYN, M. (Org.). **No meio da rua**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

LEVY, Clarissa. A máquina oculta de propaganda do iFood. **Agência Pública**. 2022. Disponível em: <https://apublica.org/2022/04/a-maquina-oculta-de-propaganda-do-ifood/>. Acesso em: 5 jun.2023.

LIMA, Paulo. Galo de Luta. Vontade de virar rapper levou Paulo Lima aos livros. Hoje ele é líder dos Entregadores Antifascistas. Entrevista concedida à Paula Rodrigues. **UOL.com**. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/lider-dos-entregadores-antifascistas-paulo-galo-lima-quer-comida-e-melhores-condicoes-de-trabalho-para-o-grupo/>. Acesso em: 3 jun.2023.

MACHADO, Leandro. A rotina de ameaças e expulsões dos entregadores terceirizados do iFood. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/bbc/2020/07/24/a-rotina-de-ameacas-e-expulsoes-dos-entregadores-terceirizados-do-ifood.htm>. Acesso em: 20 fev.2023.

MADUREIRA, Daniele. Como apps de entrega estão levando pequenos restaurantes à falência. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51272233>. Acesso em: 20 fev.2023.

MAIA, Sandra Helena Vieira. **O fenômeno comunicacional AIRBNB**: uma investigação das imagens e do imaginário constituído da e-hospitalidade. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Paulista - UNIP. 2018.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: Linguagens, ambientes e redes. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2015.

MENDES, Álvaro. Breve história da imprensa sindical no Brasil. **Cadernos da Comunicação**. Série estudos - 14. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2000.

MICHEL Temer faz seu primeiro discurso: "Não fale em crise, trabalhe". **Época Negócio Online e Agência Brasil**. 2016. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2016/05/michel-temer-faz-seu-primeiro-discurso-e-ministros-tomam-posse.html>. Acesso em: 6 jun.2023.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra**: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, Tapuias e Historiadores**. Estudos de História Indígena e do Indigenismo. Tese Apresentada para o Concurso de Livre Docência Área de Etnologia, Subárea História Indígena e do Indigenismo. Departamento de Antropologia IFCH-Unicamp. Campinas, 2001. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974, p.260. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/TESES/MFN-12944.pdf>. Acesso em: 4 mar.2023.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas do século XX**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOTOBOYS fazem manifestações pelo país mas entregas seguem com poucos problemas. **Estadão**, 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/em-dia-de-greve-motoboys-protestam-pelas-ruas-de-sp-aplicativos-dizem-que-operacao-segue-normal/>. Acesso em: 24 abr.2023.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

MOVIMENTO PASSE LIVRE. **Por uma vida sem catracas**. 2023. Disponível em: <https://www.mpl.org.br/>. Acesso em: 3 maio. 2023.

MUSEU GALILEO. **Amerigo Vespucci almuseo**. Alegoria do descobrimento da América. Gravura de Theodor Galle de 1600. Disponível em: link https://www.museogalileo.it/istituto/mostre-virtuali/vespucci/iconografia/nova_reperta.html. Acesso em: 3 jun.2023.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. In: BURSZTYN, M. (Org.). **No meio da rua**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 56-87.

NASCIMENTO, F. A. S. **O negro**: questões culturais e “raciais”. Rondonópolis -MT: Departamento de História ICHS/RJUFMT, 2001.

NAXARA, M. R. C. **Estrangeiro em sua própria terra**: representações do brasileiro (1870-1920). São Paulo: Annablume, 1998.

NOGUEIRA, Pedro Ribeiro; BENITES, Afonso. “Nossa vida vale mais do que levar um prato de comida para as pessoas”. **El País**, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-25/nossa-vida-vale-mais-do-que-levar-um-prato-de-comida-para-as-pessoas.html>. Acesso em: 20 jun.2023.

OLIVEIRA, Felipe. “Breque dos apps” no sábado é menor, mas protestos ocorrem nas capitais. **UOL.com**, 2020. Colaboração para Tilt. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/07/25/breque-dos-apps-no-sabado-e-menor-mas-protestos-ocorrem-nas-capitais.htm>. Acesso em: 20 jun.2023.

OLIVEIRA, Flávia. Um freio à precarização. Demanda por serviços de entregas cresceu junto com ofertas de trabalhadores. **O GLOBO**, 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniaio/um-freio-precarizacao-24512555>. Acesso em: 21 maio.2023.

PEDRO II (CE) - 1840 a 1889. Ano 1853\Edição 01241. **Memória bn**. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=216828&pagfis=1064>. Acesso em: 3 jun.2023.

PIAIA, Victor; MATOS, Eurico; ALMEIDA, Sabrina; DIENSTBACH, Dalby; BARBOZA, Polyana, “Breque dos Apps”: Uma Análise Temporal de Comunidades e

Influenciadores no Debate Público Online no Twitter. **Comunicação e sociedade** [Online], n.39, 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cs/4927>. Acesso em: 27 abr.2023.

PIERUCCI, Antonio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito. São Paulo: Editora 34, 2004.

PILAGALLO, Oscar. **História da imprensa paulista**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

PINA, Juliana Ayres. **Tutti buona gente?**: o imaginário midiático do imigrante italiano no jornal "O Estado de S. Paulo" no final do século XIX. São Paulo: Dissertação UNIP. 2018.

PIRES, Breiller; MAGRI, Diogo. Torcidas antifascistas assumem linha de frente da mobilização contra Bolsonaro e atraem oposição. **El País**. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-01/torcidas-antifascistas-assumem-linha-de-frente-da-mobilizacao-contr-bolsonaro-e-atraem-oposicao.html>. Acesso em: 5 jun.2023.

POCHMANN, M. O trabalho sob o regime pós-neoliberal no Brasil. In: GARZA TOLEDO, E.T. de La; NEFFA, J.C. **Trabajo y modelos productivos em America Latina**: Argentina, Brasil, Colômbia, México y Venezuela luego de la crisis del modo de desarrollo neoliberal. Buenos Aires: CLACSO, 2010, p. 203-230.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1963.

PROCON multa iFood em R\$ 2,5 milhões por fraudes na maquininha e cobranças abusivas de entregadores. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/15/procon-multa-ifood-em-r-25-milhoes-fraudes-na-maquinhinha-e-cobranças-abusivas-de-entregadores.ghtml>. Acesso em: 20 fev.2022.

QUARTA de luta: breque dos APPs e greve de metroviários. **Esquerda online**, 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gmtvK>. Acesso em: 23 maio.2023.

QUEM é Moriael Paiva? **Moriblog**. 2020. Disponível em: <https://moriael.wordpress.com/moriael-paiva/>. Acesso em: 6 jun.2023.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Gabriel Francisco. Entenda "confusão" de projetos de lei que mudarão entregas por app em SP. **UOL**, 2020. De Tilt, SP. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/09/21/entenda-confusao-de-projetos-de-lei-que-mudarao-entregas-por-app-em-sp.htm>. Acesso em: 5 jun.2023.

ROCHA, Luis. Consultor político é acusado de criar movimento contra entregadores de aplicativos; ele nega. **Revista Fórum**. 2020. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/redes-sociais/2020/7/24/consultor-politico-acusado-de-criar-movimento-contr-entregadores-de-aplicativos-ele-nega-79484.html>. Acesso em: 4 jun.2023.

RUEDIGER, Marco Aurélio; MARTINS, Rafael; LUZ, Margareth da; GRASSI, Amaro. (2014). Ação coletiva e polarização na sociedade em rede para uma teoria do conflito no Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira de Sociologia**, v.2, n.4, p. 205-234. Disponível em: <https://doi.org/10.20336/rbs.83>. Acesso em: 6 jun.2023.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano**. São Paulo: Annablume 2003.

SANTOS, Leandro José dos. "Escritos negros: nota sobre educação e participação política na imprensa negra de ontem e de hoje". In: **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, 2011; p.14-15. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/5164>. Acesso em: 20 mar.2023.

SCHAVELZON, Salvador. A luta dos entregadores de aplicativo contra os algoritmos autoritários. **El País**, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-07-25/a-luta-dos-entregadores-de-aplicativo-contras-os-algoritmos-autoritarios.html>. Acesso em: 3 jun.2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX: o contexto brasileiro. In: SCHWARCZ, Lilia M.; QUEIROZ, Renato da S. (orgs.). **Raça e diversidade**. São Paulo: EDUSP/Estação Ciência, 1996, p. 146-185.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Espetáculo da miscigenação. In: **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 8, n. 20, abr. 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: NOVAES, Fernando A. (coord.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 174-243.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. No país das cores e nomes. In: QUEIROZ, Renato da S. (org.). **O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza**. São Paulo: SENAC, 2000, p. 95-127.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da S. (orgs.). **Raça e diversidade**. São Paulo: EDUSP/Estação Ciência, 1996.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 41.

SILVA, Daniel Neves. Antifascismo. **Mundo Educação**, 2023. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/antifascismo.htm>. Acesso em: 20 abr.2023.

SILVA, Juremir Machado da. **Raízes do Conservadorismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Livraria da Travessa, 2017.

SILVA, Mauricio Ribeiro da. O eclipse do imaginário: imaginário instrumental e redução da potência imaginativa das imagens. **MATRIZES**, v. 14, n.2, p.119-141, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i2p119-141>. Acesso em: 4 jun.2023.

SODRÉ, Muniz. **Best-seller: a literatura de mercado**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1988.

SOUZA, Laura de Mello e. **Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. p. 63.

SPTV 2ª EDIÇÃO. **Rede Globo**. 2020. Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/programas/paginas/sptv2edicaosp.aspx>. Acesso em: 5 Jun.2023.

TAVARES160. Nova lei?! Entregadores de aplicativo terão que usar baú. **Youtube**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kAPE3NZqZok>. Acesso em: 5 jun.2023.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TJDFT. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. **Crime x Contravenção**. Disponível em: <https://encurtador.com.br/iyP17>. Acesso em: 5 jun.2023.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: A questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TOLEDO, Roberto Pompeu. **A Capital da Solidão: Uma História de São Paulo, das Origens a 1900**. São Paulo: Objetiva. 2003.

UCHÔA, Raíssa; PORTELA, Matheus; APOEMA, Lúcio; TANAJURA, Isabella. Entrevista com Galo de Luta, entregador antifascista. **A VERDADE**, 2022. Um jornal dos trabalhadores na luta pelo socialismo. Disponível em: <https://averdade.org.br/2022/05/entrevista-com-galo-de-luta-entregador-antifascista/>. Acesso em: 5 jun.2023.

USUÁRIOS trocam perfis nas redes por símbolo antifascistas. **Folha de S.Paulo**, 2020. Disponível em: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2020/06/01/usuarios-trocaram-perfis-nas-redes-por-simbolo-antifascista/>. Acesso em: 20 jun.2023.

VALENTE, Ivan. **Representação em desfavor de Ifood, Agência Benjamim Comunicação e Agência Social QI (SQI)**. À Procuradoria Regional do Trabalho da

2ª Região. Brasília - DF, 05 de abril de 2022. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/04/representacao-ivan-valente-ifood.pdf>. Acesso em: 4 jun.2023.

WAGENER, Zacharias. "**Thierbuch**". Brasil Holandês. Volume II. Rio de Janeiro: Editora Index, 1997.

WIKIPEDIA. **Ficheiro**: Albert Eckhout Tapuia woman 1641.jpg. Reprodução fotográfica autoria desconhecida. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Albert_Eckhout_Tapuia_woman_1641.jpg. Acesso em: 4 jun.2023.

ZANLORENZI, Elisete. **O mito da preguiça baiana**. Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo: USP. 1998. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000988495>. Acesso em: 3 jun.2023.